

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

LÍDIA RAQUEL HERCULANO MAIA

**CONVERSÇÕES POLÍTICAS NO YOUTUBE: JUNHO DE 2013 E A
CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO “GLOBO E OS
PROTESTOS”**

NATAL

2014

LÍDIA RAQUEL HERCULANO MAIA

**CONVERSAÇÕES POLÍTICAS NO YOUTUBE: JUNHO DE 2013 E A
CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO “GLOBO E OS
PROTESTOS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Pinto Coelho.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

NATAL

2014

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.
Catalogação da Publicação na Fonte.

Maia, Lídia Raquel Herculano.

Conversações políticas no youtube: junho de 2013 e circulação de sentidos nos comentários do vídeo “globo e os protestos” / Lídia Raquel Herculano Maia. – Natal, RN, 2014.
125 f. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças Pinto Coelho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia.

1. Espaço público virtual – Dissertação. 2. Youtube – Dissertação. 3. Conversações sobre política – Dissertação. 4. Circulação de sentidos – dissertação. 5. Protestos de junho de 2013 – Dissertação. I. Coelho, Maria das Graças Pinto. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 004.738.5:32

LÍDIA RAQUEL HERCULANO MAIA

**CONVERSÇÕES POLÍTICAS NO YOUTUBE: JUNHO DE 2013 E A
CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO “GLOBO E OS
PROTESTOS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. Marcelo Bolshaw Gomes – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dra. Eloísa Joseane da Cunha Klein – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dra. Maria das Graças Pinto Coelho - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – orientadora.

**NATAL
2014**

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, fonte de paz e segurança, presença sempre constante em minha vida.

À minha mãe, que infelizmente não teve acesso ao sistema educacional formal, mas me conduziu a valorizar o conhecimento e deu o melhor de si para que eu pudesse chegar até aqui. A você, mainha – que quando jovem não pôde ir à escola, mas ensinou-me o caminho – dedico minha gratidão. Muito obrigada por tudo!

À minha orientadora, Maria das Graças Pinto Coelho, pelas indicações de leitura, pela paciência com meus dramas e medos durante o processo de maturação da pesquisa, pelo apoio nesses dois anos de mestrado, pelo incentivo em tudo que me propus a fazer nesse período, enfim, muito obrigada por tudo. Pela confiança no meu trabalho, por acreditar nesta pesquisa e por me encorajar a avançar todo tempo. Serei sempre grata.

A todos os professores da Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, com quem tive o prazer de aprender ao longo desses dois anos: muito obrigado! Eu mesma nem posso mensurar o tanto que aprendi com vocês nesse tempo, só sei que foi muita coisa. Agradeço de todo coração aos professores Marcelo Bolshaw, Eloísa Klein e Socorro Veloso pela presença nas bancas de acompanhamento da dissertação. Obrigado pela leitura cuidadosa que vocês fizeram dos meus textos, pelas sugestões de ajustes na pesquisa, pelo incentivo para que eu desse meu melhor cada vez mais. Agradeço também pelas preciosas sugestões da professora Adriana Braga (PUC-RJ) na minha banca de qualificação e pela presença da professora Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes (UERN) na banca de defesa.

Aos meus amigos: muito obrigado pela companhia. Aos novos, que fiz durante esse tempo do mestrado, e aos antigos, que, perto ou longe, estiveram presentes em minha vida. Agradeço especialmente a Ronald, pela paciência em aguentar longas horas de conversa sobre esta pesquisa e pela ajuda nos momentos difíceis que enfrentei não só nesses dois anos, mas também nesta quase uma década de amizade. Agradeço também a Klennia, Lara, Bruna e Amanda pela parceria nas disciplinas do curso, nas viagens para congressos e na vida como um todo. Vocês são muito especiais, meninas! Agradeço, ainda, aos amigos do grupo de pesquisa GEMINI – especialmente, Maria José, Maísa e Tatiana – pelas trocas de saberes realizadas, pelo aprendizado que adquiri junto a vocês, pela força que me deram nessa reta final, por me encorajarem tanto a fazer a seleção de doutorado. Enfim, sou grata por todos os amigos que tornaram minhas horas na UFRN mais agradáveis.

Agradeço também a todos os funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pelo trabalho que desempenham para que essa universidade funcione com excelência. Estudar na UFRN foi uma experiência riquíssima em minha vida e certamente fez toda diferença em minha trajetória acadêmica. Amei essa instituição desde o primeiro dia em que pus os pés nela e guardarei para sempre, com muito carinho, tudo que aprendi aqui.

Agradeço ainda a todos os meus parentes que me têm tanto amor, e eu por eles. Ao meu pai, por se fazer presente mesmo estando distante. Agradeço especialmente a minha irmã Karol por neste ano ter me dado o melhor presente que eu poderia receber: meu sobrinho Cauê. Vocês dois são motivo de muita alegria na minha vida. Não posso deixar de mencionar ainda minha cadelinha Aisha, companhia constante nas tardes e noites de estudo.

Agradeço, por fim, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que financiou esta pesquisa e a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as dinâmicas de conversações sobre política estabelecidas no espaço simbólico do YouTube. Interessa-nos examinar o modo pelo qual os comentaristas do vídeo “*Globo e os Protestos*” articularam, no campo destinado aos comentários, um espaço público voltado à disseminação e circulação de sentidos sobre questões políticas. O vídeo estudado foi publicado por PC Siqueira e Diego Quinteiro, durante os protestos de junho de 2013 no Brasil, para direcionar a compreensão política acerca do movimento vivido naquele período. Segundo eles, os protestos possuíam posição política de esquerda e, por isso, os manifestantes deviam rejeitar a cobertura realizada pela Rede Globo (um veículo com ideais de direita) e permitir a participação de partidos ligados ao espectro ideológico da esquerda. Essa narrativa gerou empatia e controvérsias por parte dos comentaristas, o que produziu no âmbito dos comentários, um intenso processo argumentativo acerca dessas teses (direita e esquerda). Para entender o fenômeno, realizamos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, tendo como principal procedimento metodológico a análise etnometodológica do discurso. Buscamos a observação dos modos pelos quais os sujeitos estabeleciam conversações sobre política no espaço dos comentários, para, a partir de então, organizar categorias de análise com base nas recorrências discursivas identificadas. As reflexões empíricas são sustentadas a partir de discussões sobre o potencial do YouTube, enquanto mídia digital que comporta estratégias massivas e enquanto espaço articulador no engajamento dos sujeitos em questões políticas; problematizamos também os aspectos que envolvem as práticas de conversação que decorrem em dinâmicas de sociabilidades e, principalmente, de conflito, nas redes sociotécnicas; e por fim, suscitamos uma reflexão sobre o acionamento de circuitos nos quais os sujeitos se apropriam e realizam novas leituras acerca dos produtos recebidos. Concluindo que a utilização de mídias digitais, como o YouTube, tem provocado importantes mudanças nas formas de produção e recepção de produtos simbólicos e nos modos como as pessoas participam das questões políticas concernentes à vida em sociedade.

Palavras-chave: YouTube, Espaço público virtual, Conversações sobre política, Circulação de sentidos, Protestos de junho de 2013.

ABSTRACT

This research analyzes the talks dynamics about policy established in YouTube symbolic space. We are interested in examining the way in which the commentators of the video "Globo e os Protestos" articulated in the field intended for comments, a public space directed to the dissemination and circulation of meanings about policy issues. The video studied was published by PC Siqueira and Diego Quinteiro, during the June 2013 protests in Brazil, to direct the political understanding of the movement lived in that period. According to them, the protests had left political position and therefore the protesters should reject the coverage by TV Globo (a communication vehicle with ideals of right) and allow the participation of political parties linked to the ideological left spectrum. This narrative generated empathy and controversy between commentators, which produced in the comments, an intense argumentative process about these theses (right and left). To understand the phenomenon, we conducted an exploratory qualitative research, the main methodological procedure was a ethnomethodological discourse analysis. We seek the observation of the ways in which the commentators established talks about politics in the comments space, for, thereafter, organize categories of analysis based on identified discursive recurrences. The empirical reflections are supported from discussions about the YouTube potential, while digital media comprising massive strategies and while articulating space in the engagement of individuals in political issues; also confront the aspects involved in the conversation practices that results in sociability dynamics and, especially, in conflict, on the socio-technical networks; and finally, we propose a reflection about the circuit actuation in which the people take ownership and realize new readings about the products received. Concluding that the use of digital media, such as YouTube, has caused significant changes in the forms of production and reception of symbolic products and ways in which people participate in political issues concerning life in society.

Palavras-chave: YouTube, Virtual Public Space, Talks About Policy, Senses Circulations, Junho de 2013 Protests.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS	14
1.3 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	16
2 SOCIABILIDADES E CONFLITOS NO ESPAÇO PÚBLICO CONECTADO	19
2.1 A PARTICIPAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: DA ÁGORA ÀS REDES VIRTUAIS ..	19
2.2 PARADOXOS DA INTERNET ENQUANTO ESPAÇO PÚBLICO.....	25
2.3 CONVERSACIONES SOBRE POLÍTICA <i>ON-LINE</i>	33
2.4 SOCIABILIDADES E CONFLITOS EM REDES SOCIOTÉCNICAS	39
3 CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO YOUTUBE	45
3.1 YOUTUBE: MÍDIA DIGITAL COM ESTRATÉGIAS MASSIVAS	45
3.2 CRÍTICA SOCIAL E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO YOUTUBE.....	50
3.3 MICROCELEBRIDADES: O CASO DE PC SIQUEIRA E DIEGO QUINTEIRO	56
3.4 O CANAL MASPOXAVIDA	63
4 O PERCURSO METODOLÓGICO	71
4.1 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
4.2 A VISADA ETNOMETODOLÓGICA DO DISCURSO.....	73
4.3 A DÍADE “DIREITA” E “ESQUERDA”	74
4.4 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO VÍDEO “GLOBO E OS PROTESTOS”	76
5 ANÁLISE: FLUXOS COMUNICACIONAIS NO VÍDEO “GLOBO E OS PROTESTOS”	77
5.1 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO VÍDEO “GLOBO E OS PROTESTOS”	78
5.1.1 Estratégia de mostraçãõ: o universo discursivo do vídeo.....	78
5.1.2 Estratégia de interaçãõ: personificaçãõ da díade.....	79
5.1.3 Estratégia de seduçãõ: atribuiçãõ de sentidos e afetos aos objetos descritos	82
5.2 AS TROCAS ARGUMENTATIVAS NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO.....	82
5.2.1 Categorias de análise	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

“No meio do caminho tinha uma copa. No meio da copa achamos um caminho”.
Cartaz fixado à estátua de Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, junho de 2013.

Era junho de 2013 e o Brasil vivia um período de intensos protestos com proporções enormes comparadas a história recente dos movimentos reivindicatórios. O que surpreendia nesses protestos era não apenas a quantidade de pessoas nas ruas, mas também a horizontalidade com que eram organizados e infinidade de demandas apresentadas. Da reivindicação concreta do Passe Livre se passou ao clamor por melhores condições de vida, educação, saúde e serviços públicos de qualidade.

Durante a Copa das Confederações¹, em um período em que quase sempre acontece festa, alegria, torcida e vibração, o que aconteceu foi uma série de protestos que contou com a participação de quase dois milhões de pessoas em 438 cidades brasileiras². Mas, esse movimento começou bem pequeno e foi adquirindo proporções à medida que a repressão policial aumentava e as imagens de manifestantes sendo agredidos circulavam na internet.

Tudo começou em meados de maio de 2013 na cidade de Natal-RN³, quando a prefeitura anunciou um aumento de R\$ 0,20 no preço da passagem de ônibus e o Movimento Passe Livre (MPL) – representado por entidades estudantis no Rio Grande do Norte – começou a articular os primeiros protestos. Reivindicar contra os R\$ 0,20 ganhou alma em Natal e tornou-se palavra de ordem pelo Brasil. Pois, no mês seguinte, foi a vez de a prefeitura e o governo do estado de São Paulo decidirem aumentar a tarifa dos ônibus, trens urbanos e metrô, desencadeando assim uma onda de protestos, que começaram a tomar corpo por volta dos dias 06, 07 e 13 de junho⁴. Outras cidades brasileiras também anunciaram o aumento, provocando mais uma série de mobilizações em mais de 11 estados do país. Porém, conforme citado, a mobilização inicial que

¹ Torneio de futebol entre seleções nacionais organizado pela FIFA a cada quatro anos. Funcionando como uma espécie de prévia da Copa do Mundo, esse torneio conta com a participação de oito países e proporciona ao país anfitrião da Copa um teste da sua preparação.

² AGÊNCIA BRASIL. Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 438 cidades. **Correio Brasiliense**. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2014.

³ ROMERO, Simon. Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities. **New York Times**, 17 jun. 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/06/18/world/americas/thousands-gather-for-protests-in-brazils-largest-cities.html?_r=0>. Acesso em: 06 jul. 2013.

⁴ SANTOS, Bárbara; DEIRO, Bruno; CUDISCHEVITCH, Clarice. Manifestação contra aumento da tarifa de ônibus fecha vias em São Paulo. **Estadão**, 06 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,manifestacao-contra-aumento-da-tarifa-de-onibus-fecha-vias-em->> Acesso em >> sao-paulo,1039657,0.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

começou por causa do aumento da tarifa do transporte público, adquiriu inúmeros adeptos e incorporou em suas causas outras diversas pautas.

Diante do movimento nacional “contra tudo” – como informavam algumas faixas levadas por manifestantes –, veículos de comunicação nacionais e internacionais se empenharam em buscar e emitir opiniões para cobrir os acontecimentos. No início dos protestos a mídia corporativa parecia querer levá-los ao descrédito, reportando com certo desprezo a pauta principal, que seria contra o aumento de R\$ 0,20 na tarifa do transporte público. Buscava, inclusive, esconder e justificar a atuação violenta da polícia contra a militância nas ruas (GOMES, B., 2013). No entanto, após dias de repercussão nacional e internacional e da forte adesão popular, as corporações de mídia e a classe política se tornaram legitimadoras dos protestos e de suas causas.

Gomes (2013) comenta que foi determinante o papel desempenhado pelos meios de comunicação – corporativos e alternativos – para o fortalecimento dos protestos. Isto porque, segundo ele, inicialmente a mídia corporativa adotava uma narrativa que destacava muito mais os atos isolados de depredação do patrimônio público do que a repressão violenta da polícia militar em relação aos manifestantes pacíficos. Enquanto isso, a mídia digital foi fundamental para mobilizar e organizar os protestos em diversas cidades.

Sobre isso, Castells (2013) salienta o quão óbvio é o fato de que não é a internet ou qualquer outra tecnologia que se constitui como a raiz dos movimentos sociais. Visto que eles surgem em função dos conflitos e demandas sociais. Entretanto, o autor ressalta a importância da comunicação para a formação e manutenção desses movimentos. Porque é através de redes de comunicação, especialmente as horizontais como a internet, que as pessoas podem se organizar e compartilhar sua indignação quanto ao presente e sua esperança quanto ao futuro.

Castells (2013) explica também que os movimentos sociais são intrinsecamente emocionais. Não que as ideologias, programas e estratégias políticas deixem de ter importância; contudo, o que conduz os indivíduos à ação são as emoções. O autor salienta que as emoções mais relevantes para a mobilização social são o medo (sentimento negativo) e o entusiasmo (sentimento positivo). O medo nos conduz a evitar as ameaças externas, tendo sobre a ação um efeito paralisante. Já o entusiasmo é movido pelo interesse de que seja alcançado um objetivo que os indivíduos apreciam. O entusiasmo, assim, está diretamente relacionado à esperança, que projeta nossas ações em direção ao futuro. Enquanto isso, uma outra emoção negativa tem o potencial de operar para a superação do medo: a raiva. A indignação quanto à percepção da injustiça e a identificação daqueles que são por ela responsáveis, conduz os sujeitos a assumir os riscos da ação, em detrimento do medo que tinham antes (CASTELLS, 2013).

Percebemos que isso se relaciona com os protestos de junho da seguinte forma: ao dar visibilidade os atos colaterais de vandalismo de um movimento predominantemente pacífico (GOMES, B., 2013), a mídia corporativa esperava que as pessoas se posicionassem contra os manifestantes por causa do medo de serem atingidas por tais atos de violência. Contudo, muitos vídeos da repressão policial ganharam forte repercussão no YouTube, além disso, havia também a cobertura alternativa e em tempo integral realizada pelo grupo Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) que cooperou para que fossem expostos os excessos da Polícia Militar. Essas imagens contribuíam para que as pessoas se identificassem com aqueles que – por lutar contra a injustiça do aumento de tarifa, que não corresponde ao serviço prestado – estavam sofrendo maus-tratos. Possibilitando, assim, que a ativação emocional dos indivíduos fosse conectada. Dessa forma, o medo fora superado e se transformou em raiva e indignação, conduzindo mais pessoas a aderir aos protestos e suas causas, na esperança de que algo fosse mudado.

Em passagem pelo Brasil durante esses eventos, Castells (2013, p.180) percebeu que o mais significativo no movimento brasileiro foi a resposta das instituições políticas. Segundo ele, “pela primeira vez, desde que, em 2010, se iniciaram esses movimentos em rede em noventa países diferentes, a mais alta autoridade institucional [Dilma Rousseff] declarou que ‘tinha de ouvir as ruas’”. O gesto de legitimação do movimento efetuado pela presidenta foi seguido por autoridades locais que revogaram o aumento das tarifas nos transportes de várias cidades do país. O governo federal brasileiro também “anunciou várias medidas para tentar atender às reivindicações pontuais dos manifestantes, incluindo uma reforma política e cinco pactos nacionais por melhorias na qualidade dos serviços públicos” (GOMES, B., 2013, p.2).

Diante desses acontecimentos, sentimo-nos motivados em procurar subsídios para compreender um pouco do movimento das ruas a partir das vozes ecoadas nas redes digitais. Os saberes e procedimentos postos em circulação pelo senso comum na realização de atividades cotidianas, como a conversação política, há muito desperta nossa atenção, porque acreditamos haver uma riqueza de noções e sentidos sobre o universo político quando pessoas comuns se congregam para participar, de algum modo, das questões que dizem respeito à vida em coletividade. Diante do universo de discursos evidenciados naquele período elegemos operar com aqueles presentes no espaço simbólico do YouTube, por uma série de razões que apresentaremos em seguida.

Ao trabalhar com o YouTube, o esperado seria a análise de algum material audiovisual, para a discussão do potencial transmissivo da mídia em questão. Mas, o que nos instigava, desde o ingresso no mestrado, era a busca por entender como as pessoas se apropriam dos conteúdos

recebidos sobre a temática da política e como a partir dessa recepção constroem fluxos contínuos a partir dos saberes, experiências e posicionamentos que possuem. Um meio de tentar apreender essas demandas seria a partir da observação dos comentários, posteriores à recepção. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, dada a multiplicidade de liames discursos presentes no espaço destinado aos comentários, concentramo-nos neles, então. Assim, passamos esses dois anos organizando o arcabouço teórico da pesquisa e lidando com a complexidade de delimitar e tratar dos aspectos a serem abordados na análise das conversações engendradas nos comentários. A tarefa se mostrou exaustiva, mas enriquecedora em termos de aprendizagem. No fim, sentimo-nos ainda mais engajados em continuar as investigações a respeito da política realizada pelos comentaristas enquanto conversam sobre questões políticas.

1.1 JUSTIFICATIVA

Todo o processo – dos protestos à resposta das instituições – foi acompanhado de muita perplexidade não só pela mídia corporativa, mas também por especialistas conceituados que, notadamente, não conseguiam explicar o que estava ocorrendo. Nós também nos encontrávamos perplexos diante do turbilhão de acontecimentos que presenciávamos naquele período. A cada momento nos deparávamos com novas imagens, textos e narrativas sobre os protestos que estavam ocorrendo no país.

A complexidade da situação nos instigava a buscar subsídios em vários analistas políticos, mídias e veículos de comunicação para entender o que estava ocorrendo no país naquele período. Até que, após o pico dos protestos, ocorrido no dia 20 de junho com a participação de mais de um milhão de pessoas⁵, um dos professores do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da UFRN endereçou aos alunos um vídeo no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). O título da mensagem que acompanhava o vídeo dizia: “Quer entender os protestos, assista esse vídeo do PC Siqueira”.

Para nossa surpresa, uma explicação relevante, ao nosso ver, despontava de uma fonte inusitada. Isso porque a maioria dos vídeos postados pelo *videoblogger* (pessoa que produz blog em forma de vídeo) PC Siqueira possuía um caráter mais informal, com a abordagem de prosaicos temas cotidianos. Não obstante, no vídeo indicado pelo professor, intitulado “Globo

⁵ PROTESTOS pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. **G1 Globo.com**, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

e os Protestos”⁶, PC Siqueira e seu primo Diego Quinteiro comentavam, de forma séria e didática, a atuação da emissora de televisão Rede Globo, na cobertura dos protestos ocorridos nos dias anteriores, e emitiam conceitos sobre as posições políticas direita e esquerda, na busca de apontar a identidade do movimento. Para eles, não havia dúvida que a tendência política dos protestos era de esquerda.

Sobre isso, esquerda ou direita, Norberto Bobbio (2001) apresenta um ponto de partida na reflexão que introduz a frequente rejeição sobre as duas noções na discussão contemporânea sobre política. Para ele, a rejeição da díade sempre vem acompanhada por uma terceira via de argumentação, a saber, o centro moderado entre a esquerda e a direita. Bobbio (2001, p.51) completa indicando que os conceitos “Esquerda” e “Direita” não são apenas expressões de cunho ideológico, mas também “programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e valorações da direção a ser seguida pela sociedade”.

Assim, os protagonistas do vídeo defendiam que como os protestos começaram clamando pela revogação do aumento da tarifa de transporte público, o que estaria incentivando a inclusão social, logo se tratava de um movimento de esquerda. Contudo, misturavam as teses e falavam também de um viés apartidário embora destacando o caráter político dos protestos. Segundo eles, a mídia corporativa tentava esconder a política, ao tratar os protestos como passeatas estudantis. Por isso, eles criticavam a cobertura da Rede Globo, veículo televisivo de maior alcance nacional. Essa crítica recaí sobre a repentina mudança no tratamento dispensado pela emissora aos eventos.

A assistência desse vídeo “Globo e os Protestos” gerou uma série de discussões sobre a atuação dos protagonistas, que discutiam complexas relações políticas de forma simplista. Os comentaristas geraram o debate sobre qual melhor posição política (direita ou esquerda); sobre as nuances da economia capitalista e socialista; sobre o sistema democrático brasileiro e sobre a identidade sociopolítica dos agrupamentos que participaram dos protestos de junho.

O fenômeno nos chamou atenção dado o caráter didático do vídeo, o seu alcance em termos de acessos – naquele momento já tinha sido visto por mais de 1,7 milhão de pessoas – e pelo fato de um professor dirigir o conteúdo aos alunos informando que se os mesmos quisessem entender o que estava acontecendo no país deveriam assistir o material. Além disso, nos sentimos instigados também pela pluralidade de sentidos sobre política que passaram a

⁶ Publicado no dia 21 de junho de 2013 no canal “Maspoxada” do *videoblogger* PC Siqueira, o vídeo já contava com mais de 1,7 milhões de acessos cerca de dez dias depois. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UiVDtWb7K48>>. Acesso em: 02 de jul. 2013.

circular no espaço destinado aos comentários. É nesse aspecto, das trocas argumentativas evidenciadas nos comentários emitidos pelos receptores do vídeo citado, nas quais circuitos contínuos são acionados, que se concentra nossa análise.

As conversações estabelecidas através dos comentários nos faz recorrer a análise porque nelas percebemos a evidência das construções argumentativas coletivas proporcionadas pela internet. Percebemos que sentidos são ampliados quando as pessoas debatem sobre algum tema posto em discussão. Não raro, se ouvem críticas sobre quão raivosos e infrutíferos podem ser os comentários que circulam na internet, o que de fato é verdade. Entretanto, é preciso ressaltar também que a possibilidade de cada pessoa expor outros pontos de vista sobre o assunto abordado enriquece as narrativas.

Ao realizarmos a leitura de um texto (em sites de revistas, jornais ou blogs) ou após a assistência de um vídeo, por vezes concordamos ou discordamos de imediato dos argumentos expostos pelo enunciador de tais narrativas. Ocorre que, ao nos depararmos com os comentários postados por outros sujeitos, tantas vezes, somos despertados para questões que não tínhamos atentado durante a leitura ou assistência do enunciado inicial. Nesse processo, nossa noção sobre o mundo entra em confronto não apenas com uma visão, mas com uma polifonia delas. Vários ângulos de um mesmo assunto têm a possibilidade de nos ser apresentados e nossos sentidos sobre a realidade podem ser ampliados, desde que estejamos abertos a isso.

Desde o início de 2013, antes do período dos protestos, vínhamos investigando o modo pelo qual jovens e adolescentes estavam se envolvendo em processos de “aprendizagem social” (BRAGA, L., 2007; KLEIN, 2012) nos ambientes virtuais. Segundo José Luiz Braga (2007), essa aprendizagem difere-se daquela fomentada nos espaços ortodoxos de educacionais pois nela o processo de construção do saber não se dá mediante um planejamento das ações a serem executadas, nem tampouco há uma intencionalidade formativa ou a seleção de competências previstas. Desse modo, nosso interesse concentrava-se nas possibilidades de construção de sentidos sobre a política que se evidenciam nos contextos de interação virtualizada. Buscávamos entender como, em conjunto, o público juvenil construía espaços públicos de partilha e construção do conhecimento sobre política.

Em meio ao processo de maturação da pesquisa, nos deparamos com o fenômeno dos protestos de junho e a efervescência discursiva a respeito da ação política engendrada pelo movimento. Naquele período observamos uma polifonia social de noções sobre as causas que conduziam os sujeitos ao ato de protestar. Isso porque eram também demasiado polifônicas as pautas apresentadas pelo movimento social – da luta contra o projeto de lei que ficou conhecido como “cura gay” até os gastos com a Copa do Mundo.

Dos cartazes confeccionados em cartolina e depois fotografados e postados na internet aos protestos organizados por meio das páginas de eventos no Facebook. A mobilização cidadã nas ruas, a partir das redes sociais, criou um espaço híbrido entre as redes e as ruas. Alguns estavam nas ruas exercendo a cidadania e relatando, pelas redes, o cenário das mobilizações sociais. Outros permaneciam apenas nas redes, interagindo, compartilhando e se posicionando sobre a política. Ampliavam assim, o engajamento social dos que estavam nas ruas e dos que estavam em redes virtuais. Mas, é certo que esse processo já mostra-se evidente há algum tempo, em várias esferas da vida em sociedade.

Castells (2013, p.14) explica que isso é comum a todos os atuais movimentos sociais. Pois, como o espaço público institucional “está ocupado pelos interesses das elites dominantes”, os manifestantes organizam um outro espaço público, de comunicação autônoma, situado entre as redes sociais da internet e o espaço urbano. Onde articulam informações e experiências advindas de seus lugares de fala, na esperança de alcançar suas demandas através da ação coletiva. Nesse processo, diversos espaços simbólicos são ocupados: vias urbanas, praças, entornos de assembleias legislativas, câmaras municipais, prefeituras e até Congresso Nacional. Bem como, redes e mídias sociais virtuais: YouTube, Facebook, Twitter, Tumblr e outras.

Dentre esses espaços, destacamos o YouTube que, segundo Carlón (2013), tem se constituído em nossos tempos como o mais importante meio de comunicação audiovisual depois da televisão. A relevância dessa mídia pode ser constatada por meio de dados coletados pela Comscore em fevereiro de 2014⁷. Segundo a pesquisa dessa empresa especializada em análise de dados e estatísticas envolvendo Internet, o Brasil ocupa a 5ª posição no ranking dos dez maiores mercados do mundo, em termos de audiência de vídeos *on-line*. O levantamento realizado revelou também que a empresa Google, impulsionada principalmente pela visualização de vídeos no YouTube, ocupou o primeiro lugar no que tange aos sites de vídeos mais acessados, com aproximadamente 62,4 milhões de espectadores únicos no Brasil.

1.2 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS

Cientes da expressividade que os produtos simbólicos, vigentes nas plataformas *on-line*, detêm diante do público jovem⁸, interessamo-nos em examinar como juntamente com o

⁷ GOOGLE lidera audiência de vídeos *on-line* no Brasil. **Exame**, 02 jun. 2014. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/google-lidera-audiencia-de-videos-online-no-brasil> > Acesso em: 28 nov. 2014.

⁸ Segundo pesquisa realizada pela Secretaria da Comunicação da Presidência da República (Secom) com apoio técnico do Ibope, 48% dos jovens brasileiros com faixa etária entre 16 a 25 anos acessam a internet todos os dias

consumo desses materiais audiovisuais têm se desenvolvido processos de circulação de sentidos que contemplam o debate político. A problemática dessa pesquisa concentra-se, assim, na seguinte questão: “De que modo a questão política é gerenciada em rede social a partir de pautas levantadas por microcelebridades no YouTube?”

Vale salientar ainda a visibilidade e a permanência conferida aos conteúdos publicados no YouTube, fazendo com que corporações econômicas, governamentais e religiosas o utilizem em suas estratégias de emissão massivas. Também nele despontam sujeitos comuns que ganham destaque a partir do frequente compartilhamento de ações inusitadas, tutoriais e comentários sobre assuntos do cotidiano. Tornando-se muitas vezes legitimados pelo público e pelos pares, ao ponto de adquirir o status que Adriana Braga (2010) denomina de “microcelebridade”.

Acreditamos ser esse o caso do *videoblogger* PC Siqueira, que conta com mais de 1,6 milhão de inscritos em seu Canal no YouTube: *Maspoxavida*. E falando com um linguajar familiar ao público jovem é que ele se juntou ao desenvolvedor de sistemas para *web*, Diego Quinteiro, buscando tornar acessíveis questões referentes ao universo político, que possuíam relação direta com os protestos ocorridos em junho de 2013. Impulsionando os comentaristas a engendrar um intenso processo argumentativo a respeito de teses políticas.

Diante desse contexto, objetivamos entender como esses comentaristas do vídeo “Globo e os Protestos” articularam, no âmbito dos comentários, um espaço público voltado à circulação de sentidos sobre política. O direcionamento da pesquisa foi norteado pelos seguintes objetivos específicos: mapear e analisar as peculiaridades e as lógicas que envolvem as conversações estabelecidas nos comentários do vídeo; examinar as dinâmicas de socição que se fazem presentes nesse processo de circulação de sentidos sobre política e discutir o status conceitual do YouTube, enquanto mídia digital que comporta estratégias massivas, tomando como ponto de inflexão o modo de emissão de *um para muitos* adotado por PC Siqueira e Diego Quinteiro, a fim de verificar como ele repercute nos comentários analisados.

Empreendemos uma pesquisa qualitativa a fim de alcançar os objetivos propostos, que estão circunscritos num estudo de caráter teórico e empírico. Para a análise das conversações, engendradas no espaço destinado aos comentários, adotamos a perspectiva da “abordagem etnometodológica do discurso” (BRAGA, A.; RODRIGUES, 2014), a fim de investigar os comportamentos e estratégias utilizados pelos comentaristas do vídeo “Globo e Protestos”, veiculado em 21 de junho de 2013 no YouTube. Para tanto, colhemos os primeiros mil

comentários – dentre um universo de 27.130 comentários – postados após sua publicação para, então, estabelecer categorias analíticas com base nas recorrências evidenciadas.

É importante ressaltar que, a despeito da crescente audiência de vídeos *on-line*, especialmente os veiculados no site do YouTube, localizamos uma parca produção acadêmica de pesquisas que tangenciem as potencialidades dessa mídia no sentido de congregar um contingente significativo de internautas para o debate acerca da política. Percebemos investigações empíricas que, em sua maioria, se concentravam nos processos de emissão e circulação de materiais audiovisuais nesse espaço midiático. Assim, essa pesquisa visa contribuir com os estudos na área, na medida em que possui como foco os processos de conversação e aprendizagem coletiva da política, forjados pelos comentaristas do YouTube.

1.3 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Estabelecemos como corpus teórico desta pesquisa três bases conceituais, que operam como estruturantes na problematização do objeto: espaço público virtual, dinâmicas de conflitos nas conversações em redes sociotécnicas e circulação de sentidos sobre política. Nos apropriamos desses e outros conceitos para, então, refletirmos sobre a construção de relações discursivas e o acionamento de circuitos que envolvem o debate político nos comentários do vídeo “Globo e os Protestos”.

Estruturamos nosso trabalho em dois capítulos teóricos, um capítulo metodológico e um analítico. É válido ressaltar que os conteúdos desses capítulos não serão abordados de forma rigidamente separada. Em muitas ocasiões será possível ver o entrecruzamento entre teorias, suportes metodológicos e objeto empírico. Visto que, esses pontos estão todos imbricados, sendo impossível dissociá-los completamente. A empiria se relaciona com facilidade com os conceitos elencados, de modo que, sempre que possível, trabalharemos no intuito de realizar um fluxo contínuo entre o caso estudado e as teorias discutidas.

No primeiro capítulo teórico apresentamos, inicialmente, um apanhado de conceitos referentes ao universo político e um resgate de dois modelos de espaço público amplamente discutidos na teoria política contemporânea – a *ágora* e a esfera pública. Nosso intuito com isso é refletir sobre as características e problemas que acompanham a questão do acesso do público à participação política. Para tanto, trabalharemos o conceito de esfera pública burguesa de Habermas (1984) e abordaremos as peculiaridades da *ágora* ateniense com base em Ribeiro (2002). Os conceitos básicos concernentes à política serão discutidos à luz dos estudos de Bobbio (1998).

Em seguida, balizamos alguns paradoxos da internet enquanto espaço público, dialogando com autores contemporâneos que pesquisam os impasses e as contribuições da internet para a participação e debate sobre política. Entre esses autores destacamos: Castells (2013), Wilson Gomes (2005), Lévy (1999) e Papacharissi (2002). Discutimos, também nesse capítulo, como se dá a apropriação do discurso sobre política nos contextos de conversação *online*. Nesse sentido, recorreremos aos estudos de Bourdieu (2007) e Foucault (2007) para primeiro compreender as regras e os mecanismos de seleção que operam na legitimação dos discursos, e depois dialogamos com Jamil Marques (2006), Ângela Marques (2009) e Sennett (2012) para refletir sobre as nuances que caracterizam os processos de trocas discursivas na internet. Ressaltamos, no último tópico, o papel da conversa na manutenção das relações sociais virtuais. Para entender o fenômeno das sociabilidades e conflitos, propomos o diálogo entre os sociólogos Maffesoli (2000) e Simmel (2006).

No segundo capítulo, com base nos estudos de Carlón (2013), nos dispomos a pensar as transformações que acompanham o status prático e conceitual do YouTube, enquanto mídia digital que comporta estratégias massivas. Para, em seguida, ponderar a respeito das estratégias de enunciação que confere a sujeitos comuns a possibilidade de alcançar destaque e se constituir como uma “microcelebridade” (BRAGA, A., 2010), a ponto de se colocarem como autoridades argumentativas sobre assuntos que dizem respeito à coletividade. Nesse sentido, é importante observar também os sistemas sociais de resposta que são acionados diante de tais estratégias massivas. Assim, buscamos discutir, ainda nesse capítulo, a questão da circulação de sentidos, que se avulta nas práticas de consumo de materiais simbólicos, tendo como fundamento os estudos de José Luiz Braga (2011;2012). Já em direção à uma aproximação mais concreta do objeto, concluímos essa parte apresentando o Canal *Maspoxavida* (onde o vídeo estudado fora lançado) e a trajetória de PC Siqueira e Diego Quinteiro, com o objetivo de examinar o processo de construção de “capital simbólico” (BOURDIEU, 2007) empreendido por eles nas mídias digitais.

No terceiro capítulo, apresentamos os aportes teórico-metodológicos que nortearam a concretização dessa pesquisa. Estabelecemos um conjunto de procedimentos e técnicas para dar conta da investigação a respeito das práticas de conversação sobre política no contexto dos comentários do YouTube.

No quarto e último capítulo, concluímos a pesquisa com uma discussão dos resultados da análise das conversações, que será categorizada com base nas recorrências argumentativas evidenciadas nos comentários coletados. Como essas discussões, no espaço dos comentários, surgem em decorrência da assistência do vídeo “Globo e os Protestos”, as estratégias contidas

nele serão analisadas também, no intuito de entendermos as respostas sociais que os comentaristas formulam diante do conteúdo recebido. Por fim, entendemos ser importante também analisarmos o assunto principal (a díade “direita” e “esquerda”) que sustenta as conversas engendradas naquele espaço. Portanto, investigaremos os pontos de intersecção entre as noções que circulam nos comentários e as teorias elaboradas por Bobbio (2001) sobre a questão.

2 SOCIABILIDADES E CONFLITOS NO ESPAÇO PÚBLICO CONECTADO

A evolução do acesso ao espaço público e da tomada de voz não se deu de forma necessariamente linear. Mas, de modo complexo, com conquistas novas e problemas novos também. Dentre essas conquistas, as mais celebradas em nosso tempo referem-se ao acesso à participação política e ao alargamento dos canais onde essa participação pode acontecer. O interessante é perceber os modos como vem sendo aproveitadas essas possibilidades, dentro das limitações e complexidades da vida social. Mas antes, apresentaremos alguns conceitos relativos ao universo político e em seguida faremos um resgate histórico de dois modelos de espaço público mais debatidos na teoria política contemporânea: a Ágora grega e esfera pública burguesa.

2.1 A PARTICIPAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: DA ÁGORA ÀS REDES VIRTUAIS

A palavra “política” advém do termo grego *pólis* (*politikós*) “que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social” (BOBBIO, 1998, p.954). Durante séculos o termo foi usado para se referir especificamente às atividades que de algum modo estão relacionadas ao âmbito do Estado. Depois o termo se expandiu para outras esferas da vida em sociedade, estando sempre intimamente ligado ao conceito de poder, que se exerce em relações entre governantes e governados, líderes e liderados, Estado e cidadãos e etc. (BOBBIO, 1998). Levando em conta essa questão da disputa pelo poder, Jamil Marques (2003) conceitualiza a Política como sendo, antes de tudo, uma luta simbólica pelo monopólio da palavra ou ao menos pelo triunfo da visão de um indivíduo ou grupo dominante sobre o maior número possível daqueles que são econômico ou culturalmente desfavorecidos.

Os regimes políticos variam conforme o número de pessoas que exercem poder no governo dos negócios públicos. Dentre essas formas de regime governamental, Ribeiro (2002) ressalta três: a monarquia (*mono*, um só; *arquia*, poder) que significa poder de um só; aristocracia (*aristoi*, excelente), poder exercido pelos melhores; e a democracia (*demos*, povo; *kratos*, poder) poder do povo, não necessariamente exercido de forma direta pelo povo no governo mas, com o pressuposto de que os cidadãos escolham seus governantes e possam controlar como se dá esse governo.

Outro pressuposto inerente ao desenvolvimento da democracia é o respeito aos direitos inalienáveis dos indivíduos. Bobbio (1986) complementa explicando que não há democracia

sem justiça social. E explica ainda que o regime político da democracia é o governo do poder público em público⁹. Ao invés do poder do oculto aos súditos, confinado em palácios nas mãos de governantes que tomavam decisões longe do conhecimento do povo, a democracia nasce com o desígnio de que as ações do governo deveriam ser realizadas publicamente.

Segundo Bobbio (1986), modelo para a democracia moderna foi a realizada na antiguidade, mais especificamente na cidade de Atenas, em que o povo se reunia para publicamente discutir e decidir sobre questões políticas na *Ágora*¹⁰. Em Atenas e em outras cidades democráticas da Grécia o povo se reunia em praças públicas, a cada nove dias, para exercer diretamente o poder (RIBEIRO, 2002). A cada decisão tomada fazia-se um sorteio para designar quem seriam os responsáveis por executar as tarefas planejadas¹¹. Assim, Ribeiro (2002) comenta que o fato de as próprias pessoas poderem estabelecer discussões que os conduziram a decisões a serem executadas por eles mesmo, num regime que prezava muito mais a igualdade que a competência técnica dos participantes, faz da democracia direta ateniense um modelo democrático tão celebrado ainda em nossos tempos. A marca da democracia direta é a ausência total de intermediários, por isso, a democracia moderna, baseada na representação, é ladeada de uma exigência constante por mais participação (BOBBIO, 1986).

Contudo, justamente no que se refere à participação é que, segundo Ribeiro (2002), desponta a maior crítica ao modelo democrático dos antigos: a exclusão de uma grande parcela da sociedade ateniense fazia com que o espaço da *Ágora* não fosse tão público, no sentido de que nem todos podiam participar dele. Nos processos deliberativos de Atenas só estavam inseridos os cidadãos da cidade, esses correspondiam à apenas 10% da população, aproximadamente¹². Pois, da classe de cidadãos eram excluídos os escravos, as mulheres, os idosos, os menores de idade e os estrangeiros. Assim, os processos democráticos ocorridos na *Ágora* não eram públicos no sentido colocado por Habermas (1984, p.14): “chamamos de ‘públicos’ certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas são acessíveis a qualquer um”.

⁹ A palavra “público” é usada pelo autor para se referir (a) àquilo que é oposto de privado, ou seja, o que diz respeito a coletividade da vida em sociedade; e (b) àquilo que é oposto ao que está oculto, visto que recebeu publicidade, está acessível à vista de todos. Assim, a democracia para ele, é o governo público (não privado) em público (não secreto).

¹⁰ Palavra grega que significa “praça de decisões” ou “lugar de reunião”.

¹¹ O documentário *A história da democracia* (COPESTAKE, 2007) ilustra bem o modo pelo qual eram realizadas as reuniões na *ágora*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P3yVRkvP-w4>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

¹² Dado fornecido pelo professor Clóvis de Barros Filho em aula à distância do curso de Ciência Política da graduação em Relações Públicas da ECA/USP. O MOOC (Massive *On-line* Open Course) foi lançado em dezembro de 2013 na plataforma de educação à distância do Veduca. Disponível em <www.veduca.com.br>.

Uma outra noção de espaço de discussão pública, essencial para pensarmos a democracia, é o modelo da esfera pública burguesa do século XVIII, apresentado por Habermas (1984) no livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. O autor explica que o desenvolvimento esfera pública burguesa se deu mediante uma progressão da esfera pública literária. Nesta última se discutiam obras de artistas; intelectuais faziam seus discursos e lançavam suas obras (pois era nesse espaço que poderiam legitimar suas produções); depois é que os burgueses passaram a se reunir também para reivindicar uma participação do público (no caso, deles mesmo) nos assuntos reservados ao Estado. A esfera pública, que antes “tinha sido considerada uma esfera do poder público” agora, “se dissociava deste como o fórum para onde se dirigiam as pessoas privadas a fim de obrigar o poder público a se legitimar perante a opinião pública” (HABERMAS, 1984, p.40).

O autor faz também uma comparação entre a esfera pública burguesa e a esfera pública grega, ressaltando as seguintes diferenças: o tema da esfera pública ateniense seria objeto de decisão política tomada em conjunto pelos cidadãos deliberantes (que possuíam poder de executar o que discutiam), enquanto que no caso moderno o que se tem é uma sociedade que debate publicamente a fim de se contrapor à autoridade da monarquia estabelecida (para que esta buscasse a legitimação de suas decisões perante o público); assim, na ágora os cidadãos se orquestravam para estabelecer estratégias de luta contra inimigos externos, enquanto que na esfera pública burguesa havia um constante confronto com o próprio governo.

Esse modelo de esfera pública burguesa apresentava deficiências para sua concretização, visto que, ele supunha um tipo de interação discursiva aberta e acessível a todos os públicos, mas o que ocorria na prática é que nem todos tinham acesso a essas discussões. O resultado delas seria (ou deveria ser) a formação de uma ‘opinião pública’ que traria um consenso sobre o bem comum (FRASER, 1990).

Opinião (*opinio* em latim) é conceitualizada por Habermas (1984, p.110), no contexto da esfera pública, como sendo “a reputação, a consideração, aquilo que se coloca na opinião dos outros (...) um modo de ver da multidão, questionável no cerne”. Algo como uma concepção que ainda carece de ser validada. Matteucci (1998, p.842) explica também que “como ‘opinião’, é sempre discutível, muda com o tempo e permite a discordância: na realidade, ela expressa mais juízos de valor do que juízos de fato”. Ele alerta inclusive para o fato de ser mais adequado falarmos de opiniões no plural, visto que o termo pertence ao universo político, e nesse há espaço para mais de uma verdade.

Sobre essa questão da formação da opinião pública, Wilson Gomes (2007) destaca duas matrizes analíticas – visibilidade e discutibilidade – ensejadas no trabalho de Habermas, que

apontam para o modo como ocorre esse processo. A visibilidade e discutibilidade seriam dimensões que permitiriam o acesso aos temas de interesse comum e o livre debate sobre esses temas. Assim é que a esfera pública se constitui como “domínio social da visibilidade, da troca de razões e da troca de razões públicas” (GOMES W., 2007, p.8). Esse autor esclarece ainda o fato de que as duas categorias têm relação com a mídia corporativa, pois é a partir delas que as instâncias midiáticas trabalham na formação da opinião pública. Esta opinião pode ser entendida sob o prisma de três referências distintas: (a) opinião pública pode ser vista como opinião coletiva resultante da discussão pública; (b) opinião pública como sendo aquela publicada pelos meios de massa – a qual seria pública não porque construída por múltiplas vozes mas, em função da sua visibilidade que faz com que muitos venham a ela aderir, tomando-a como se fosse sua; (c) por último, o autor cita como pública a opinião resultante das pesquisas de sondagem de opinião.

Exerce muito mais influência sobre o campo político as opiniões publicadas pelos agentes midiáticos e as resultantes das pesquisas de opinião do que aquelas produzidas no cerne do debate coletivo. Isso mostra que, na prática, a visibilidade é mais influente do que a discutibilidade no que tange às decisões políticas (GOMES W., 2007). Contudo, há de se reconhecer o valor do agrupamento dos indivíduos no intuito de debaterem questões pertinentes à vida em sociedade e de esses se apropriarem de assuntos que anteriormente eram reservados apenas à esfera do Estado. Assim, a ideia da discussão, entre pessoas privadas, em torno do bem comum que se daria numa esfera da sociedade civil separada do Estado, seria a dimensão mais relevante da esfera pública, segundo Habermas (1984).

Entretanto, esse ideal da busca pelo bem comum nunca foi plenamente alcançado. Pois, as questões sociais gerais, que deveriam ser o foco das discussões na esfera pública, acabavam ficando de fora dela, ao passo que apenas a classe burguesa composta por homens, tinha direito à palavra naquele espaço. Habermas (1984, p.107) complementa ressaltando as qualificações necessárias ao homem privado para que este tivesse acesso à esfera pública: “propriedade e formação educacional”. Assim, os interesses das classes menos favorecidas e iletradas ficavam à margem das discussões, o bem comum que se buscava era apenas concernente aos interesses particulares da burguesia.

Nesse contexto, os interesses privados prevalecem e o ideal da busca do bem comum se esvai. Landes (1988 *apud* FRASER, 1990) complementa ainda que nessa esfera pública os assuntos relativos às mulheres eram postos de fora, a vida política delas era excluída do debate. Assim, constata-se que não se discutia naquele espaço questões de âmbito geral ou realmente

sociais. Contudo, ainda assim, o modelo liberal da realidade era plausível o bastante para que o interesse da classe burguesa fosse acolhido como o interesse geral (HABERMAS, 1984).

Além disso, Fraser (1990) afirma que, para outros autores, a formação dessa esfera pública visava, sobretudo, a elaboração de uma cultura distintiva de uma sociedade civil que se resumia à classe burguesa. Classe essa que antes não tinha acesso à alta cultura, sempre reservada à elite aristocrática. Então, nas discussões que o público burguês engendrava sobre arte e literatura, o que tentavam estabelecer, na verdade, era uma distinção cultural baseada num gosto de classe¹³.

Fraser (1990) completa o raciocínio alegando que com uma pretensa separação da vida privada, doméstica (predominantemente feminina), a burguesia persistia em impor e ‘sugerir’ um projeto ou estilo de vida hegemônico sobre as outras classes, tal qual ocorre hoje, sob o capuz do interesse geral, que na verdade é o interesse da classe dominante econômico e ideologicamente. Estudar apenas a esfera pública burguesa, de modo a idealizá-la, é a grande crítica que a autora supracitada atribui a Habermas. Wilson Gomes (2007), por sua vez, ressalta que não há dúvidas sobre o valor da esfera pública para a democracia, mas questiona o modo idealizado pelo qual Habermas retrata a cooperação e a expressão de demandas propiciadas pelas discussões nessa esfera burguesa. A respeito dessa esfera Habermas não menciona, com a ênfase necessária, os interesses egoístas dos cidadãos, mas principalmente seus esforços em cooperar para o bem comum. Diante disso, Wilson Gomes (2007, p.5) nos alerta para a necessidade de lançarmos toques de realismo sob toda essa concepção comunitarista. Visto que, segundo ele, “onde há cooperação também pode haver competição, conflito e conluio”.

Talvez, Habermas tenha buscado esse foco apenas na esfera pública burguesa porque isso seria necessário para um aprofundamento no tema. Além do mais, é compreensível que o autor se mostrasse tão entusiasmado com aquela esfera por causa de seu caráter inédito. Habermas enxergava uma aura de magia nos encontros realizados pelo público burguês em espaços de cafés e salões para discutir política, assunto anteriormente reservado apenas à aristocracia. Mesmo assim, ele deixa claro sua insatisfação quanto aos problemas das barreiras de acesso impostas pela burguesia. Argumentando que “a esfera pública burguesa se rege e cai com o princípio do acesso a todos”. Assim, “uma esfera pública, da qual certos grupos fossem (...) excluídos, não é apenas, digamos, incompleta: muito mais, ela nem sequer é uma esfera pública” (HABERMAS, 1984, p.105).

¹³ Os gostos, segundo Bourdieu (2007), são produtos da educação e da origem social, e funcionam como distintivos de classe. O gosto classifica as pessoas de acordo com as classificações que elas fazem entre o belo e o feio. Assim, sendo esse autor, o consumo artístico e literário desempenha uma função de legitimador das diferenças sociais.

Sobretudo, o autor ressalta em *Mudança Estrutural* a decadência da esfera pública burguesa, que se deu em decorrência de sua progressiva inserção no setor privado. De uma formação de cidadãos engajados em efetuar trocas de informações, seja por meio de encontros presenciais ou via jornais manuscritos, a esfera pública se tornou uma instância controlada pelos meios de massa e seus interesses mercadológicos e administrativos. No início a imprensa atuava no sentido de intermediar e ampliar o raciocínio das pessoas privadas reunidas em um público, agora é este último quem passa a reforçar as ideias e as lógicas dos meios de comunicação corporativos. Nesse caso, Habermas (1984) aponta que o público deixou de reger a imprensa para ser regido por ela.

Contudo, apesar de essa esfera pública do século XVIII não ter alcançado todo o seu potencial, como o próprio Habermas admite em seu estudo, ainda assim a análise desse modelo é relevante no sentido de que alude quanto a contribuição social que o livre debate de ideias pode oferecer. Setores que até então eram tidos como inquestionáveis passaram a ser discutidos pelo público, ainda que apenas aquele pertencente à burguesia.

Por fim, Fraser (1990) nos lembra que o ideal da esfera pública é o acesso aberto à ela. E este ideal não é afetado completamente pelo fato de no passado não haver espaço para que as mulheres e homens negros e pobres tivessem acesso àquela esfera pública burguesa. Visto que, essas exclusões podem e vem sendo superadas em todo o mundo, de modo que cada dia mais espaços públicos (urbanos e digitais) voltados à participação civil têm sido formados. Desde o sufrágio universal uma gradativa inserção desses públicos vem ocorrendo, e a ampliação dos espaços onde a participação política pode acontecer vem acompanhando esse progresso.

Assim, após o sufrágio universal e a constituição da universalização do ensino, lutas coletivas por uma sociedade com mais participação – em todos os campos –, justiça social e equidade educacional continuam sendo travadas. Esses avanços do processo de democratização, na perspectiva de Bobbio (1986), têm nos direcionado não necessariamente à uma passagem da democracia representativa para a democracia direta, mas, sobretudo, na passagem da democracia política para a democracia social. Ou seja, na expansão da participação horizontal dos sujeitos não somente no contexto político, mas também nos outros territórios de vivência social; como em empresas, sindicatos, e esferas de lutas e formação de opinião.

Reconhecendo esse alargamento dos espaços democráticos por que passam as sociedades contemporâneas, Habermas (2003), no livro “Direito e Democracia”, mostra admitir a formação de outras esferas públicas não necessariamente voltadas à vida política. Assim ele categoriza a esfera pública em *episódica* (aquela em que os sujeitos se encontram em bares, cafés e encontros de rua); esfera pública da *presença organizada* (referente ao público

frequentador de teatros, concertos de rock, reuniões de partidos ou celebrações religiosas) e esfera pública *abstracta* (aquela produzida pela mídia, que concentra em torno de si leitores, espectadores, ouvintes e internautas).

Jamil Marques (2006) afirma que o esgarçamento do conceito torna necessário a incorporação do adjetivo “política” à noção de esfera pública que diz respeito às questões concernentes ao universo político e ao interesse coletivo. O autor se refere, assim, à uma esfera pública de cunho civil, ou seja, espaço público¹⁴ onde são estabelecidos debates não necessariamente relacionados ao âmbito institucional ou parlamentar.

Com relação a isso, é importante mencionar os três ângulos pelos quais, segundo Wilson Gomes (1999), a noção de esfera pública pode ser abordada: (1) como *debate deliberativo* travado em órgãos parlamentares ou associações de moradores, por exemplo, que têm como objetivo tomar decisões políticas; (2) como *debate não-deliberativo* ou *conversação civil* marcado pela informalidade cotidiana, cujo interesse consiste na troca de opiniões e informações sobre um determinado assunto que diz respeito à coletividade e (3) como *esfera de exposição* ou *visibilidade pública*, em que um polo emissor transmite um determinado conteúdo para uma massa de receptores com o intuito de “agendar” os assuntos que devem ser abordados nos espaços deliberativos.

Diante dessa categorização, destacamos que nosso ângulo de análise está circunscrito no *debate não-deliberativo* presente nos espaços de relações discursivas da internet e também na noção de *esfera de exposição* ou *visibilidade pública*. Já que constatamos a utilização de mídias digitais, como YouTube, com fins de exposição massiva de conteúdos a serem refletidos e discutidos entre os usuários da rede.

2.2 PARADOXOS DA INTERNET ENQUANTO ESPAÇO PÚBLICO

Ao longo desse estudo iremos usar preferencialmente o termo “espaço público”¹⁵ ao invés de “esfera pública” a fim de demarcar melhor nosso corpus de pesquisa. Visto que, segundo Papacharissi (2002), existem algumas diferenças sutis entre esses termos. Para ele, a internet como espaço público proporciona uma espécie de fórum para discussões políticas, que

¹⁴ Nesse trabalho citado, Marques (2006) usa os termos esfera pública e espaço público como sinônimos.

¹⁵ Público no sentido de que todos os indivíduos privados, de posse de aparatos digitais com acesso à internet, podem participar dele. Mas não é usado aqui o termo “público” em contraposição a “privado”, visto que no espaço da internet todo tipo de discussões são travadas, desde as relacionadas à vida em comum, que dizem respeito a todos (relativa à *res publica*), até as de foro mais íntimo. De modo que, corriqueiramente as pessoas têm tornado públicas suas vidas privadas, tornando cada vez mais tênues as fronteiras que separam a vida pública da privada.

não teriam uma consequência imediata nas tomadas de decisão política; enquanto que a internet como esfera pública promove debates que podem contribuir mais diretamente com a democracia política. Entendemos que são tênues as linhas dessa distinção, tendo em vista as possibilidades de que conversações informais ganhem contornos imprevistos, alcançando assim espaços institucionais e trazendo consequências substanciais para a vida em sociedade. Contudo, acreditamos ser essa diferenciação importante para melhor situar nosso estudo, que examina o espaço público virtual do YouTube, com foco para as discussões políticas estabelecidas nos comentários do vídeo “Globo e os Protestos”, cujo alvo inicial era a reflexão sobre a posição política dos manifestantes dos protestos realizados no Brasil em junho de 2013.

Como exemplo da internet enquanto esfera pública podemos citar a Campanha “Ficha Limpa” do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral, rede da sociedade civil responsável por colher milhões de assinaturas e mensagens em prol da aprovação de Lei que vetasse o registro eleitoral para políticos condenados por crime grave. Sodré (2012) fala que esse tipo de iniciativa aponta para o potencial da chamada “democracia eletrônica”, e afirma ainda que a Lei da Ficha Limpa, “a despeito das eventuais dificuldades para sua completa aplicação, é provavelmente a mais notável conquista da sociedade civil brasileira na primeira década deste século” (SODRÉ, 2012, p.173). Outro exemplo bem sucedido é citado pelo sociólogo Manuel Castells (2013) que comenta a crise financeira de proporções catastróficas protagonizada pela Islândia em 2011, culminando num processo constitucional produzido por *crowdsourcing*¹⁶ com nuances inéditas. Diante do colapso financeiro que se instaurou no país em meados de 2008, a população se reuniu nas praças urbanas e digitais, criando um movimento de protesto que foi apelidado de “Revolução das Painelas”¹⁷. Entre as exigências dos cidadãos, estavam: a renúncia do governo, a realização de novas eleições e uma reforma na Constituição que datava de 1944. No início de janeiro de 2011 houveram novas eleições e no mês seguinte um novo governo assumiu o poder. O próximo passo foi a elaboração da reforma constitucional, que contou com a participação da população.

A questão da colaboração dos cidadãos foi o aspecto realmente inovador nesse processo. O Parlamento nomeou 25 pessoas para compor o Conselho de Assembleia Constitucional

¹⁶ Refere-se à “forma de financiamento voluntário ou busca de recursos entre particulares; refere-se também à terceirização de tarefas em que os trabalhadores são convocados por chamamento público” (CASTELLS, 2013, p.32).

¹⁷ O movimento ganhou esse nome porque os manifestantes que se reuniram em frente ao Parlamento em 20 de janeiro de 2009 usaram como instrumentos de percussão: tambores, painelas e frigideiras. Nesse dia, os congressistas voltavam ao trabalho e foram surpreendidos por várias de pessoas de todas as idades e condições sociais que os culpavam pela má administração da economia e pela inaptidão no enfrentamento da crise (CASTELLS, 2013).

(CAC), que seria o responsável por preparar o texto da nova Constituição. Sendo que fariam essa tarefa com a mais ampla participação possível dos cidadãos. Utilizaram as redes sociais da internet – Facebook, Twitter, YouTube e Flickr – para que a população pudesse discutir e enviar suas pautas. Esse Conselho recebeu 16 mil sugestões on-line e *off-line*, além dos comentários nas redes sociais. Após quatro meses de deliberação, o CAC aprovou uma minuta de lei constitucional e a enviou ao Parlamento. O projeto sofreu alguns ajustes e, por fim, foi submetido à votação dos cidadãos tendo sido votada e aprovada no ano de 2012 (CASTELLS, 2013).

A utilização da internet com esse tipo de propósito, demonstra sinais da possibilidade de restauração da vida democrática. Essa seria a vivência da “verdadeira democracia eletrônica” que, segundo Lévy (1999, p.186), consiste em:

encorajar, tanto quanto possível, [...] a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a auto-organização das comunidades locais, a participação nas deliberações por parte dos grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e sua avaliação pelos cidadãos.

Juntamente com a noção de democracia eletrônica, vários são os verbetes utilizados para se referir a esse revigoramento da esfera pública que se dá nos meios virtuais: governo eletrônico, *e-government*, democracia virtual, ciberdemocracia e outros. Todos esses, contudo, não fazem parte de nosso corpus. Em virtude de nossas escolhas teóricas e empíricas não nos ateremos a questão da democracia política. A transformação democrática objeto de discussão nessa pesquisa é aquela que diz respeito a possibilidade de expressão de uma multiplicidade de atores sociais que, conectados uns aos outros através das redes telemáticas, efetuam trocas argumentativas, constroem coletivamente sentidos e se apropriam de discursos antes restritos às instâncias legitimadoras das informações, a saber, mídias corporativas e sistemas educacionais ortodoxos, por exemplo.

Assim, é no que Bobbio (1986) chama de processo de democratização social, evidenciado pela participação ativa dos sujeitos na formação dos códigos vigentes na sociedade, que se concentra nossa análise. Buscamos estudar a internet, com foco no YouTube, enquanto espaço público articulador no compartilhamento e circulação de noções e saberes sobre política. Wolton (2004, p.511) define o espaço público como sendo não apenas um espaço físico, mas também “um espaço simbólico, no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios”. Segundo esse autor, o espaço público tem como traço mais peculiar a discussão, que permite aos indivíduos construir suas opiniões por meio das informações e dos valores

partilhados em conjunto. Assim, ele constitui o laço político responsável por interligar os cidadãos anônimos e díspares para que estes possam participar ativamente da política.

Nesse sentido, Castells (2013, p.16) acrescenta que “em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano”. Desse modo, sabemos que é no confronto com questões pertinentes à vida em comum que espaços públicos urbanos e digitais são ocupados de forma a gerar discussões com potencial para ampliar os sentidos sobre a realidade e direcionar as ações. Altheman, Martino e Marques, A. (2013) inferem que esse engajamento em discussões que tangenciam a vida política ocorre quando uma questão que desperta o interesse coletivo engendra debates e conversações espalhados na sociedade, fazendo emergir várias arenas discursivas onde se congregam sujeitos e grupos diferentemente situados na sociedade com o objetivo de entender e solucionar o problema que os aproxima.

É o uso das potencialidades da internet para engajar essa pluralidade de sujeitos e demandas que estimula expectativas de aprimoramento da participação cidadã. As redes de internet não apenas permitem e se colocam como meios para o desenvolvimento de práticas sociais, bem como, arquitetam novas práticas – mediante processos de sociabilidade e conflito – e reconfiguram velhas ações. Tendo em vista que, a relação dos cidadãos com a informação política adquire outro patamar na rede, devido a diversidade de informações que circulam no espaço virtualizado. Contudo, os efeitos dessa proliferação de informações nem sempre é frutífero, dada a falta de controle com que as mensagens são disseminadas na rede.

Proliferam, nas discussões científicas, análises sobre o uso da internet e de suas ferramentas como potencial transformador do cotidiano e de reorganização social. Alguns autores destacam os aspectos positivos desses usos, outros são mais céticos e preferem dar ênfase aos problemas advindos do uso do computador para o campo político. Contudo, os fenômenos empíricos se impõem às teorias elaboradas, de modo que, atualmente, os estudos na área têm enfatizado que existem sim muitos problemas na apropriação da internet como espaço público para discussões políticas, mas também são muitos os ganhos desse processo, sendo necessário cautela nas análises, de modo que se possa alcançar uma visão equilibrada dos fenômenos. Discutiremos um pouco sobre essas visões para, então, nos somar às iniciativas de trabalhos contemporâneos realizados sobre o tema.

Autores entusiastas da internet – entre eles podemos citar: Castells (2013), Jenkins (2009) e Lévy (1999) – destacam as contribuições advindas do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. Para eles, a internet contribui para a obtenção de informações não disponibilizadas em outros veículos massivos, amplia nossa capacidade de associação com

as pessoas e fornece subsídios para que os cidadãos possam, coletivamente, encontrar meios de solucionar problemas que dizem respeito às próprias vidas.

Destarte, outros aspectos são levantados, tais como: a troca de saberes que conduz à manutenção de uma “inteligência coletiva”; o potencial emancipador da rede que fornece condições para que receptores se transformem em emissores e a formação de comunidades virtuais. Lévy (1999, p.126) ainda comenta sobre a horizontalidade e inexistência de controle no ambiente virtual, e estabelece um tipo ideal de uso social do ciberespaço que se constituiria pela prática da “comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”.

Quanto ao uso do termo "ciberespaço", Shirky (2010) comenta que ele não seria mais apropriado, porque este traria consigo a ideia da internet como sendo um espaço separado da vida real, o que Lévy (1999) de modo algum queria dar a entender. Contudo, Shirky (2010, p.37) explica ser necessário essa diferenciação para que fique muito claro que com a internet incorporada em vários dispositivos - como televisores, relógios e até mesmo geladeiras, por exemplo - não cabe mais, falar das ferramentas de mídia virtual "como alternativa para a vida real", porque atualmente elas executam o papel de "instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico". Também na opinião de Delarbre (2009), as redes telemáticas não deveriam ser tratadas como separadas do espaço público contemporâneo, porque elas são parte dele. Fazendo eco a esses autores, Castells (2013, p.169) complementa que “há uma íntima conexão entre as redes virtuais e as redes da vida em geral. O mundo real em nossa época é um mundo híbrido” onde não há separação entre as conexões on-line e as interações *off-line*. Ambas estão entrelaçadas e se complementam entre si. Salientamos a importância de perceber essa hibridização não como uma junção de dois polos distintos e separados: mundo real somado ao virtual. Ao invés disso, o que se evidencia, a partir dos usos e apropriações que as pessoas fazem das tecnologias digitais, é a ausência de separações nítidas entre os espaços físico e o virtual. Porque um já é parte do outro, e assim é percebido pelos atores sociais que deles fazem parte.

Ainda tangenciando os aspectos positivos da internet, Wilson Gomes (2005) ressalta que graças à rapidez, praticidade e superação de barreiras como tempo e espaço, ela constitui-se como ideal à participação política para a atual sociedade civil. Jenkins (2009, p.287), por sua vez, acrescenta que estaríamos presenciando “uma mudança no papel do público no processo político”, de modo que os conduz a “mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo”. Por fim, um outro aspecto comumente celebrado diz respeito à disponibilização de conteúdo na

internet que estaria nos proporcionando mais transparência e visibilidade aos assuntos e serviços públicos.

Todos esses autores ponderam, contudo, que não estamos diante de uma “Revolução da Informação” e que é inadequado falarmos das tecnologias digitais em termos de impacto. Lévy (1999, p.21) argumenta que a metáfora do impacto é inadequada porque ela induz ao entendimento de que a “tecnologia seria algo comparável a um projétil”, a um ser autônomo, que teria como alvo destrutivo a cultura ou a sociedade, como se dessas estivesse separada. O que para ele não é verdade, pois para o bem ou para o mal, “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p.22). São também agentes de transformação da cultura vigente na sociedade, mas só o são a partir dos usos que são feitos dela.

Sodré (2002), por sua vez, critica os que exaltam o computador como sendo o provocador da “verdadeira revolução do século”. De seu ponto de vista, seria mais correto falar em termos de *mutação tecnológica* que tem como resultado a hibridização de recursos técnicos (rádio, televisão e telefone, todos num só dispositivo) e de formas discursivas (texto, som e imagem). Além disso, se percebe também a aceleração de processos de circulação das coisas no mundo que projeta transformações nas formas de consumo, trabalho, lazer, educação e etc. Mas, para ele, uma problemática importante reside no fato de que as tecnologias da informação e comunicação trazem consigo a perpetuação de velhas estruturas de poder. Um exemplo disso é o estudo realizado pelos pesquisadores Coelho e Lemos (2013) sobre as representações construídas no Twitter em torno do #ProtestodosPintas, flash mob¹⁸ realizado por jovens da periferia de Natal-RN em 21 de dezembro de 2013 no Shopping Midway. Na pesquisa, em que foram colhidos 340 tweets, os autores constataram não uma articulação de diversos pontos de vista sobre o protesto, mas sim a reverberação de discursos produzidos por dois perfis relacionados a veículos de comunicação tradicionais: @tribunadonorte e @BlogdoBG. Nesse caso, ao invés da interconexão de sentidos para a construção de diversas representações sobre o #ProtestodosPintas, o que se percebeu foi o fortalecimento de uma mesma visão sobre o evento. Isso ocorre porque mesmo num ambiente heterogêneo como a internet, ainda assim sujeitos detentores de capital social e simbólico (BOURDIEU, 2007) se colocam como autoridades na rede, monopolizando os sentidos sobre o mundo social.

Além dessas questões, ainda outras são levantadas por teóricos que não veem com tanto entusiasmo a contribuição da internet para a participação dos cidadãos na vida política. Começam citando as questões de limitação no acesso: não somente em termos técnicos mas

¹⁸ Mobilização espontânea com o intuito de realizar ações inusitadas para chamar a atenção das pessoas num determinado lugar previamente combinado pelos participantes.

também cognitivos. Sobre isso, Lévy (1999) argumenta que também os avanços na área de leitura e escrita ou da comunicação individual e massiva vieram acompanhados de exclusões, mas nem por isso deixaram de ser válidos. Em palestra realizada no Senac de São Paulo, dia 17 de março de 2014¹⁹, o autor reconheceu também que ainda precisamos avançar muito tanto na alfabetização tradicional quanto na alfabetização midiática. E reforçou mais uma vez o potencial da “inteligência coletiva”, que existe não por causa da internet, mas encontra nela condições de ser incrementada.

Essa inteligência coletiva seria fomentada a partir da multiplicidade de saberes e informações que circulam on-line, tornando visíveis e acessíveis questões que muitas vezes não encontram espaço nas mídias corporativas. Contudo, esse aspecto da amplitude e da inexistência de controle das mensagens que são veiculadas na internet também apresenta problemas, tendo em vista que isso abre margem para a distorção de informações e para a criação ou reverberação de boatos falsos. Em alusão a esse assunto, Habermas (2006) demonstrou preocupação. Em palestra realizada em março de 2006, ele alegou que: “o acesso descentralizado a histórias não editadas” é o preço pago “pelo crescimento do igualitarismo oferecido pela Internet” (Habermas, 2006 *apud* Delarbre, 2009, p.79).

Além disso, essa proliferação de informações no espaço virtual coloca-nos diante de outro paradoxo: o excesso, e não mais a escassez de dados sobre os fatos, é o problema com que temos de lidar cotidianamente. “Quem lê tanta notícia” é o questionamento de um dos versos da música “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso; e, hoje, quem consegue ler e refletir sobre tantas informações disponíveis ao realizar uma simples busca no Google? Como afirma Papacharissi (2002, p.14, tradução nossa), o “acesso à informação não nos torna automaticamente melhor informados e mais civilizados”. De todo modo, acreditamos que é preferível a infinidade de oferta de conteúdos através de múltiplas fontes, mesmo que não possamos dar conta de tantas notícias, do que a limitação do acesso à uma única história, que tende sempre a reduzir a riqueza dos fatos e a impedir-nos de enxergar o mundo com a complexidade que ele possui²⁰.

Uma outra crítica que diz respeito à relação entre internet e política reside na questão da possibilidade de visibilidade. Esse aspecto da publicização dos atos e dos gastos do Estado é justamente aquele que Bobbio (1986) ressaltava como princípio fundador da democracia,

¹⁹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=8EKm_Qsq8ck>. Acesso em: 23 mar. 2014.

²⁰ Sobre o problema das histórias únicas, que contemplam apenas uma face da realidade, ver palestra da escritora Chimamanda Adichie ao TED Talks: “O perigo de uma única história” (19min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em: 07 Jul. 2014.

chegando a citar com entusiasmo o modelo democrático dos gregos, que exerciam suas escolhas na Ágora à vista de todos, tendo também acesso ao modo como eram geridos os negócios públicos. Contudo, apresentando certo ceticismo com relação aos benefícios da internet para o futuro da democracia, Bobbio (1986) declara possuir muitas dúvidas sobre o quão proveitoso ela seria para os cidadãos. Só não há dúvida, segundo ele, que o uso dos computadores pelos governantes, nos direciona à uma tendência oposta ao ideal do poder visível que deu vida à democracia. O que ele chama de “computadorcracia” teria como “tendência não mais rumo ao máximo controle do poder por parte dos cidadãos, mas ao contrário”, nos direcionaria “ao máximo controle dos súditos por parte de quem detém o poder” (BOBBIO, 1986, p.31).

Sodré (2002; 2012) também demonstra a mesma preocupação, enfatizando os sistemas de exercício do poder que inscrevem suas estratégias de dominação sobre grupos e países inteiros, a partir do monitoramento do fluxo de informações que circulam em rede. O autor fala que essa vigilância contínua consolida o poder exercido não apenas em regimes autoritários, mas também no que ele chama de “tecnodemocracias” ocidentais. No livro “Antropológica do espelho” de 2002, Sodré já comentava sobre o controle subterrâneo operado pelo dispositivo de espionagem global americano, gerido pela rede de inteligência da National Security Agency (NSA). Aqui vale citar o caso do ex-técnico da Central Intelligence Agency (CIA), Edward Snowden, que revelou, em 2013, documentos que comprovam os programas de vigilância adotados pelos EUA para espionar cidadãos americanos e até países da Europa e América Latina. Chegando, inclusive, a interceptar os dados e telefonemas de chefes do governo do Brasil, da Alemanha e de outros países²¹. Exemplos como esse são sintomáticos quanto a atualidade e a pertinência das declarações de Bobbio (1986, p.30), que alerta:

Inútil dizer que o controle público do poder é ainda mais necessário numa época como a nossa, na qual aumentaram enormemente e são praticamente ilimitados os instrumentos técnicos de que dispõem os detentores do poder para conhecer capilarmente tudo o que fazem os cidadãos. [...] Nenhum déspota da antiguidade, nenhum monarca absoluto da idade moderna, apesar de cercado por mil espiões, jamais conseguiu ter sobre seus súditos todas as informações que o mais democrático dos governos atuais pode obter com o uso dos cérebros eletrônicos.

Em contrapartida, há de se mencionar que também existem experiências de transparência e visibilidade da gestão política que vão na contramão dessas práticas de

²¹ Para conhecer mais sobre o assunto, ver matéria do G1: “Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA”. Postada em: 02 Jul. 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

monitoramento e controle dos cidadãos. O Portal da Transparência, site que tem como proposta possibilitar que o cidadão brasileiro acompanhe a arrecadação das receitas e a aplicação dos recursos públicos, é um exemplo disso. Criado em 2004 esse portal garante disponibilizar informações sobre a gestão orçamentária dos governos no âmbito Federal, Estadual e Municipal. Assim, é importante salientar que não é “o simples ser moderno [tecnológico] que lhe agrega valor social, mas sua inserção numa trama de relações intersubjetivas capaz de dar-lhe um curso transformador” (SODRÉ, 2012, p.174).

Desse modo, ressaltamos que o potencial emancipador da internet pode ser facilmente capitalizado por alguns como instrumento de dominação. Como uma invenção da sociedade, a internet tende a reproduzir e até avigorar tanto as qualidades quanto os problemas existentes nela. Assim, se na sociedade há preconceito, muitas vezes velado, que se reflete e se escancara no espaço virtual, também há entre internautas um esforço no combate às discriminações²². Junto com as chamadas comunidades virtuais e a cultura da participação e compartilhamento, também se desenvolvem as redes de ódio²³. Além disso, Jamil Marques (2006) ainda comenta que se a internet amplia as possibilidades de encontro entre os sujeitos para discussões de cunho político, ainda assim, a utilização desse espaço público para conversas e debates públicos sérios se vê comprometida diante de problemas como o anonimato, a falta de flexibilidade para ouvir o outro e as agressões que algumas vezes os sujeitos usam nos processos deliberativos. São os contrassensos da sociedade que apresentam suas nuances no espaço público da internet. Espaço esse que não é nem ruim nem bom por si só, que não é de todo igual nem absolutamente diferente de outros espaços de sociabilização, mas que apresenta condições para que sejam potencializadas as melhores e as piores expressões da humanidade que a ele se conecta.

2.3 CONVERSACÕES SOBRE POLÍTICA *ON-LINE*

O discurso como prática mostra-se capaz de delimitar o lugar e as posições de quem fala. Pode ser utilizado tanto como um instrumento de inclusão, como de afastamento, mediante

²² Vale citar os Perfis do Twitter: @aminhaempregada; @NaoSouHomofobco e @NaoSouRacista, que trazem visibilidade e satirizam o preconceito contra as mulheres, os homossexuais e os negros, respectivamente. Nesses perfis são retuitadas mensagens preconceituosas postadas por pessoas de todo o país, contribuindo, assim, para denunciar, expor e ridicularizar os atos de desrespeito ao ser humano.

²³ Termo usado pelo professor Fábio Malini em entrevista concedida à jornalista Patrícia Cornils para o site Outras Palavras. Nessa entrevista ele fala sobre pesquisa realizada junto ao *Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura* (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo, e publicada no dia 05 de março de 2014. A pesquisa empreendida por ele localizou e analisou Comunidades do Facebook que clamam por violência policial, linchamentos, mortes dos “esquerdistas”, novo golpe militar e outras coisas do tipo. Disponível em: < <http://outraspalavras.net/brasil/facebook-um-mapa-das-redes-de-odio/>>. Acesso em: 30 Jul. 2014.

o exercício de poder simbólico. Por vezes na política e na educação também, ele é empregado como recurso de controle, de dominação. Na empiria do vídeo observado, o percebemos como ferramenta adotada no intuito de promover uma aproximação entre jovens e o debate acerca de teses referentes ao universo político.

Vários autores (BOBBIO, 1986; GOMES W., 2005; RIBEIRO, 2002) discutem sobre a falta de interesse dos cidadãos comuns pelos assuntos referentes à vida política. A delegação das funções políticas que se dá na democracia representativa, a complexificação da atividade política na sociedade contemporânea, a sobrecarga de afazeres cotidianos que acometem os cidadãos e a descrença na política seriam a causa dessa possível apatia política entre a população. Além dessas questões, Bourdieu (2007, p.384) ainda acrescenta que para discutir sobre política as pessoas precisam se sentir autorizadas a isso, segundo ele, “a propensão para tomar a palavra, até mesmo, da maneira mais rudimentar (...), é estritamente proporcional ao sentimento de ter o direito à palavra”. Constata-se, desse modo, que as pessoas precisam se sentir autorizadas e mesmo incentivadas do ponto de vista social a se envolver e falar de política. Esse autor defende ainda que a propensão para responder questões de caráter político varia de acordo com o volume de capital escolar que os sujeitos detêm. Varia também de acordo com o sexo e a profissão. Assim, a pessoa que não tem esse capital escolar, que se reflete na sua profissão, não se sente autorizada a emitir discursos sobre política, porque, talvez, não se veja como parte essencial dela.

Como temos mostrado até aqui, exclusões de todo o tipo acompanham o desenvolvimento dos espaços públicos de conversação e decisão política. Quando não são exclusões formais, são simbólicas. Crítico da opinião pública, aquela evidenciada pelas pesquisas de opinião²⁴, Bourdieu (2007) nos mostra as dificuldades encontradas pelos sujeitos menos favorecidos – em âmbito econômico e cultural – para se apropriarem do discurso sobre política. Dificuldades essas, que têm como consequências: um acesso desigual ao debate sobre a vida social e a delegação a outros a tarefa de discutir a respeito dos assuntos políticos que dizem respeito à coletividade. Bourdieu (2007, p.387) complementa esclarecendo que:

²⁴ No livro “A distinção”, Pierre Bourdieu (2007) denuncia a falácia das pesquisas de opinião, embasadas em perguntas que não levam em conta a individualidade dos respondentes. Além disso, muitas vezes, os questionamentos, as opções ofertadas como resposta, o público e o ambiente em que ele fora abordado, indiretamente, acabam por direcionar o resultado de tais pesquisas. A questão é que, de todo modo, essas pesquisas ganham visibilidade na mídia e servem como subsídio para que ela possa direcionar a pauta das decisões na esfera pública institucional e para que ela exerça influência na opinião a ser formada nas conversações civis. Por isso, é que o autor criticava veementemente as pesquisas responsáveis pela “fabricação” de opiniões que de outro modo não existiriam.

Se a propensão para delegar a outros, reconhecidos por sua competência técnica, a responsabilidade pelos assuntos políticos varia em razão inversa do capital escolar possuído, é porque o diploma escolar (e a cultura, supostamente, garantida por ele) é tacitamente considerado - tanto por seus detentores, quanto pelos outros - como um diploma legítimo para exercer a autoridade.

Interessante esse ponto, porque no caso do nosso objeto empírico o que percebemos é o contrário: o *videoblogger*, PC Siqueira, que protagonizou o vídeo explicando teses sobre posições políticas (direita e esquerda) não possui formação escolar e já deu declarações de que não frequentou a escola, nem mesmo no ensino fundamental²⁵. Ainda assim, seu vídeo sobre o caráter político dos protestos foi visto mais de 2 milhões de vezes – desde que fora publicado em junho de 2013. Nesse caso, como examinaremos adiante, o exercício da autoridade simbólica advém da reputação que esse *videoblogger* adquiriu ao compartilhar suas opiniões, valores e gostos de forma autêntica e muitas vezes até sarcástica.

Além desse caso, é relevante ressaltar o modo pelo qual nas redes virtuais as pessoas se sentem autorizadas a se envolver em discussões políticas seja em fóruns e redes especificamente voltados a esse assunto ou mesmo em redes mais voltadas ao espectro do entretenimento. Bourdieu (2007) nos fala que até mesmo o sentimento mais tímido de tomar a palavra para falar de política está totalmente relacionado ao sentimento de ter o direito e o dever de fazê-lo. As pessoas precisam se sentir aprovadas para emitir algum discurso sobre política, e nas redes virtuais isso parece ocorrer. Talvez movidos pelo aspecto do anonimato, cidadãos comuns, de várias classes, sentem que estão legitimados a falar sobre noções de cunho político e por isso se envolvem em intensos debates on-line a fim de tentar fazer prevalecer suas opiniões.

Nessas discussões, sentidos relativos à ação política e a vida social são coletivamente construídos em um intenso processo argumentativo. Conceitos são ressignificados, teses e exemplos históricos relativos à política são mesclados com as experiências pessoais dos sujeitos que se exprimem nas redes virtuais. Paraphraseando Foucault (2007), não podemos tratar os discursos como meros conjunto de signos, mas sim como práticas, que possuem potencial de formação dos objetos de que falam. O autor nos mostra que, ao analisar os próprios discursos, “vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2007, p.54). Essas regras são regularmente passíveis de serem reconhecidas nos diálogos estabelecidos nas mídias

²⁵ Vide entrevista concedida por PC Siqueira à apresentadora Marília Gabriela no Programa *De frente com Gabi*, exibido em 01 dez, 2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ZjTsxtCcXJQ> >. Acesso em 28 jul, 2014.

digitais, são obedecidas e reivindicadas como que mediante um acordo tácito conhecido e respeitado pelos sujeitos envolvidos.

A empiria da pesquisa exemplifica um pouco desse conjunto de regras da prática discursiva: nos comentários analisados, que debatem a respeito do conteúdo exposto no vídeo “Globo e os Protestos”, é frequente a crítica aos protagonistas do vídeo por se referirem aos termos “direita” e “esquerda” sem fazer referência aos sistemas econômicos capitalismo e socialismo. Foucault (2007, p.82) nos explica que nos sistemas de formação discursivas esse apelo às relações a serem estabelecidas com o objeto funciona como uma espécie de regra, atuando na prescrição do “que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia”. Prática regular no processo de arguição a outros comentários era a solicitação de dados empíricos que comprovassem os argumentos contrariados ou o recurso ao chamado “argumento de autoridade”. Implícito está no jogo do debate que não se pode lançar mão de dados numéricos sem que se mencione as fontes da pesquisa, bem como não se pode atribuir significados a termos complexos sem fazer referência a fontes que embasem aquele argumento.

Diante dessas regras subentendidas e reivindicadas pelos próprios participantes dos debates, a conversação demonstra potencial para diversificar as ideias que circulam nas redes de comunicação e para aprimorar a qualidade das opiniões sustentadas pelos indivíduos (MARQUES, A., 2009). Visto que esses precisam mobilizar seus recursos cognitivos a fim de se sobressair no conflito argumentativo com aqueles que pensam diferente. Altheman, Martino e Marques, A. (2013, p.52) também chancelam o potencial das conversações on-line, ao afirmar que elas permitem aos sujeitos “aprimorar formas de pensar, de formular verbalmente opiniões, interpretar e agir sobre questões políticas que afetam diretamente suas próprias vidas e de outros”.

Esse “estar junto” para discutir política nos mostra que na informalidade das conversações cotidianas os internautas buscam transformar e construir subsídios que nos apresentam possibilidades de compreender e alterar a realidade (MARQUES, 2009). Contudo, é preciso ter em mente que o simples fato de ter acesso aos aparatos digitais não transforma automaticamente o sujeito em um interlocutor pronto para o debate, consciente de sua fala e de sua posição numa determinada relação discursiva, sendo assim, os internautas “se tornam seres de palavra nos momentos em que criam e se engajam em espaços de enunciação conflitiva” (ALTHEMAN; MARTINO; MARQUES, A., 2013, p.66).

Destarte, esses debates on-line, apontam não apenas para a apropriação do discurso sobre política, mas demonstram também os conflitos que esse acesso cognitivo aos assuntos políticos produz. Tendo em vista que, existem desigualdades inerentes à distribuição das competências linguísticas. Assim, basta, por exemplo, o uso incorreto na grafia de palavras para que o enunciado de um indivíduo seja degradado pelos demais membros do debate. Esses últimos autores citados ainda argumentam que a utilização da linguagem de forma clara, objetivando o entendimento mútuo, nem sempre ocorre na internet, já que existem expressões e códigos específicos do meio virtual cujo significado pode não ser entendido por todos os participantes.

Existem ainda outros argumentos que delineiam aspectos problemáticos do uso da internet em conversações sobre temas políticos. Wolton (2003), por exemplo, discorda que haja seriedade nas arenas discursivas da internet. Jamil Marques (2006) também enumera uma série de questões, inerentes à discussão política on-line, que poderiam ser empecilhos para a formação de debates realmente frutíferos entre os cidadãos que se encontram fisicamente distantes: é o caso do anonimato proporcionado pela internet, permitindo que regras de civilidade mínimas possam ser facilmente descumpridas, tornando comuns ofensas de todo tipo; os diálogos virtuais não permitem que se perceba a entonação da voz dos interlocutores, podendo assim gerar desentendimentos; como o ato de digitar é mais lento que o da fala, muitas pessoas provavelmente não escrevem um argumento por completo, coisa que o fariam caso se tratasse de um debate presencial. Ainda há também a questão dos discursos preconceituosos e carregados de ódio, que conduz os interlocutores a uma falta de disposição para ouvir o outro²⁶.

Mas, mesmo nos contextos de conversação oral, em que os sujeitos se encontram face-a-face, ainda assim, a ânsia em falar, expor as ideias e argumentos, muitas vezes é sempre maior que a preocupação de ouvir o outro. Sennett (2012) cita a expressão “fetiche da afirmação”, cunhada pelo filósofo Bernard Williams (2002), para criticar esse anseio por fazer prevalecer o discurso que se enuncia. Esse fetiche seria “o impulso de enfatizar um argumento como se seu conteúdo tivesse toda a importância do mundo” (SENNETT, 2012, P.31). O problema desse tipo de enunciação não está no fato de se defender uma posição, mas na indisposição em exercer a capacidade de ouvir.

²⁶ Essa falta de disposição para ouvir o outro nas redes virtuais é sintomática de uma inaptidão enraizada em toda a sociedade. É por isso que no Poema “Escutatória”, Rubem Alves lamenta existirem tantos cursos de oratória, e nenhum de “escutatória”. O escritor se queixa do fato de, em nossa sociedade, as pessoas estarem interessadas apenas em falar, sem se preocupar em aprender a ouvir. O problema é que, segundo ele, escutar é tarefa complicada, requer um desnudamento de si mesmo, de suas próprias ideias. Coisa que muitos não estão dispostos a fazer, nem nas relações *off-line*, nem naquelas realizadas *on-line*.

De acordo com Sennett (2012), a importância da escuta atenta está no fato de que dela resultam dois tipos de conversas: a dialética e a dialógica. Na dialética, o jogo verbal entre os sujeitos deve conduzir gradualmente a uma síntese, o objetivo é chegar a um entendimento comum. Enquanto na dialógica o que se busca não é necessariamente o estabelecimento de um acordo, o importante é o processo de troca no qual as pessoas poderão refletir mais sobre seus pontos de vista e desenvolver a compreensão recíproca. Vale ressaltar que esses dois tipos de conversas não são excludentes, questão de ou/ou, visto que “em uma conversa dialógica os mal-entendidos podem eventualmente contribuir para o entendimento mútuo” (SENNETT, 2012, p.32).

A conversação dialética privilegia o objetivo a ser alcançado através da cooperação dos interlocutores; enquanto que o debate dialógico dá ênfase ao processo em si, no qual a reciprocidade das trocas pode não conduzir a resultado algum. “Em um dos caminhos, a cooperação é uma ferramenta, um meio; no outro, mais se assemelha a um fim em si mesmo” (SENNETT, 2012, p.61). Essa esquematização nos remete à diferenciação elaborada por Papacharissi (2002) quando se refere aos termos “esfera pública” e “espaço público”. A esfera pública estaria mais na ordem da dialética, movida por objetivos a serem alcançados; ao passo que, o espaço público seria pautado pelo processo dialógico, permitindo as pessoas extrair conhecimento das trocas elaboradas através das vozes contraditórias. A prática democrática está imbricada nos dois processos, sendo que no primeiro ela seria o meio; no último, seria um fim em si mesma. Desse modo, nessa pesquisa – que tangencia os conflituosos debates, travados no YouTube, entre posições divergentes sobre a inclinação sociopolítica dos protestos de junho – a recorrência analítica estará voltada para às conversações dialógicas.

Sempre quando nos referimos às capacidades de comunicação de um sujeito nos concentramos, sobretudo, nas habilidades declarativas dele, isto é, no modo como o mesmo se expõe com clareza. No entanto, Sennett (2012) salienta que são necessárias à comunicação outro conjunto de habilidades, que dizem respeito ao ato de ouvir. Atentar cuidadosamente para a fala dos outros, interpretar o que disseram, conferir sentidos aos gestos e silêncios: são operações difíceis, mas que enriquecem a conversa, tornando-a mais dialógica e cooperativa. Além disso, essas ações tornam o ato de comunicação mais aproximado do significado do termo, que para Castells (2013, p.11) seria: “o processo de compartilhar significado pela troca de informações”.

Refletimos com isso, que se nas conversações presenciais – em que se pode observar o não-dito, os gestos, os olhares e a entonação – já é complexa a tarefa de se comunicar; quanto mais desafiador será, então, estabelecer diálogos em ambientes virtuais, em que predominam a

exposição das ideias de forma escrita? Sabemos que a internet é um meio multimídia, que permite a troca de conteúdos em forma imagética e audiovisual, mas estima-se que 70% de toda a atividade realizada nela consista de textos escritos (BRAGA, A., 2011). Esse desafio de entender e se fazer entendido pelos outros é cotidianamente aceito pelos internautas que se imbricam em partilhas de signos no ambiente on-line. Criando, assim, um conjunto de lógicas, de ritos e de práticas próprias da conversação em espaços virtuais, que os permitem manter alguns diálogos frutíferos e outros nem tanto.

Todas as questões levantadas são relevantes, mas não podemos também deixar de destacar o potencial da internet em agrupar sujeitos, dessemelhantes e distantes fisicamente, para produzir uma diversidade de discursos referentes à vida política, coisa difícil de se realizar de outra forma. Assim, “funcionando mal ou bem, pelo menos o ambiente digital abre a oportunidade para a exposição de opiniões e formação de arenas conversacionais, instâncias antes pouco prováveis ou mais difíceis de se realizarem” (MARQUES J., 2006, p.183). Nesses debates que ocorrem na internet o que vemos, muitas vezes, é um aprofundamento de questões que não teriam como ser dissecadas com tamanha pluralidade em outros meios. A acessibilidade, para que se possa ver o que o que pessoas do mundo todo escrevem, e a permanência, que se refere à longa duração com que os textos escritos ficam disponíveis na internet, são os aspectos enunciados por Shirky (2010) que fazem da internet um espaço propício para que os sujeitos se reúnam em prol de um objetivo comum.

Dessa forma, a internet concede arenas discursivas para pautas e vozes de pessoas marginalizadas que têm muito a acrescentar com suas experiências, mas não encontram espaço em mídias corporativas. Além disso, é na prática de compartilhar conhecimentos, no confronto argumentativo, no encontro com o diverso, no refletir sobre a ação política e a vida social que os sujeitos vão se formando como seres da palavra, como agentes do discurso. Nessa prática social da conversação sobre política sociabilidades são formadas e os sentidos sobre a realidade são ampliados.

2.4 SOCIABILIDADES E CONFLITOS EM REDES SOCIOTÉCNICAS

Até aqui temos discutido os aspectos implicados nas dinâmicas de conversação sobre política, partimos agora para a discussão sobre os modos de associação nas redes sociotécnicas que produzem novos mundos embasados na dinâmica do estar junto. Sobre esse viés, é importante ressaltar o papel da conversa na manutenção das relações de sociabilidade e conflito.

Simmel (2006) explica que são os interesses e as necessidades que movem os sujeitos em direção ao ato de socialização. Isso ocorre desde os primórdios da humanidade, em que a comunicação foi desenvolvida em função da luta pela sobrevivência. Esses objetivos materiais que nos direcionam a interagir, formando assim a sociedade, não são, contudo, sociais por si mesmos. São antes fatores de socialização, que pode ser entendida como a forma na qual, por diversas maneiras, os indivíduos se agrupam, formando uma unidade, um tecido social por meio do qual são alcançados determinados objetivos (SIMMEL, 2006).

Progressivamente, na complexidade das relações em sociedade, essas formas originadas em função de objetivos são alteradas. Ao ponto que, em determinado momento, a socialização se desvencilha do aspecto material, do serviço à vida, ligando-se intimamente ao objeto formado exclusivamente para seu o próprio funcionamento. Quando isso ocorre vemos surgir o fenômeno da sociabilidade, que seria a forma autônoma ou lúdica da socialização, ou do conflito, que por vezes sustenta-se em função de si mesmo (SIMMEL, 2006;1983).

Na sociabilidade, a existência social adquire sentido próprio, livre de todos os conteúdos materiais. O estar juntos adquire força, independente do emaranhado com a vida prática, e não por causa dela. Não mais os conteúdos específicos, explica Simmel (2006), e sim o sentimento e o prazer de estar socializado é o que impele os sujeitos a fazer parte desse processo. Maffesoli, (2000), ao se dedicar ao estudo das tribos urbanas contemporâneas, compartilha das mesmas ideias de Simmel (2006) e se refere à sociabilidade como um valor em si, afirmando que é o próprio fato de estar junto que prevalece em detrimento do objetivo que se deseja atingir. Não que os grupos sejam vazios de finalidades, elas existem, apenas deixam de ser essenciais. Para esse autor, estamos assistindo a um reencantamento do mundo, que “tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (MAFFESOLI, 2000, p.42). Ele conjectura também, que a formação de tribos urbanas juntamente com o desenvolvimento tecnológico, estariam favorecendo uma espécie de “palabre²⁷ informatizada” retomando os rituais da antiga ágora.

Nesse contexto, a comunicação verbal e não verbal desempenha papel preponderante, sendo responsável pela constituição da vasta rede que liga os indivíduos entre si e estrutura a realidade social (MAFFESOLI, 2000). A conversa, nesse caso, torna-se um fim em si mesma, onde o assunto se constitui apenas como suporte indispensável. Enquanto que na formalidade da vida ela é um meio para a partilha de saberes na busca da compreensão mútua que direcione ao cumprimento de um objetivo em comum.

²⁷ Conferência

Assim, nos termos de Simmel (2006), as divergências são postas de lado, em favor da sociabilidade. Por isso que aspectos como riqueza, posição social, méritos individuais ou tudo o que há de pessoal não têm qualquer espaço na sociabilidade. Sobre isso, Habermas (1984) também salienta que um dos critérios em comum entre as associações públicas, surgidas em meio à esfera pública burguesa, seria algo como uma igualdade de status, pressuposta pela sociabilidade buscada nesses espaços.

Adriana Braga (2011, p.100) comenta que “nas redes sociais, a teoria de Simmel parece adquirir um considerável campo de aplicação, na medida em que estes ambientes são regidos por uma dinâmica de sociabilidade, de ‘falar’ (por escrito) pelo prazer de falar”. Desse modo, “logo que a discussão se torna objetiva, não é mais sociável” (SIMMEL, 2006, p.75). Se o conteúdo (girando em torno da fundamentação de uma verdade, por exemplo) torna-se seu fim, fora destituído o caráter de entretenimento sociável. Nesse caso, desponta, então, uma outra forma de sociação, a saber, o conflito. Quando ele prevalece, o limiar da sociabilidade é rompido.

Não obstante, Simmel (1983, p.122) defende que o conflito contém algo de positivo, sendo também “um modo de conseguir algum tipo de unidade”. O autor esclarece ainda que o consenso e o dissenso não são excludentes, são forças que operam conjuntamente na formação da sociedade. Além disso, não apenas as concordâncias, mas também as discordâncias atuam como fatores de sociação. De sorte que,

a oposição é um elemento da própria relação; está intrinsecamente entrelaçada com outros motivos de existência da relação. Não é só um meio de preservar a relação, mas uma das funções concretas que verdadeiramente a constituem. Onde as relações são puramente externas e ao mesmo tempo de pouca importância prática, esta função pode ser satisfeita pelo conflito em sua forma latente, isto é, pela aversão e por sentimentos de mútua estranheza e repulsão que, num contato mais íntimo, não importa quão ocasional, transforme-se imediatamente em ódio e lutas reais (SIMMEL, 1983, p.127).

Nos contextos de conversação presencial, não raro, o conflito parece ser evitado, principalmente quando o assunto, suporte material da conversa, gira em torno de questões políticas. Quando alguma divergência se apresenta, normalmente, os sujeitos tratam logo de alterar o tema da conversa, a fim de preservar os laços de sociabilidade.

Foi estabelecido empiricamente que as discussões políticas desencadeiam-se, quase sempre, entre pessoas de opiniões idênticas. Se é isso o que se passa, é porque uma verdadeira semiologia espontânea é utilizada para evitar, metodicamente, todos os ‘assuntos candentes’, ou seja, em primeiro lugar, os assuntos políticos, e para estabelecer o consenso provisório que, nos contatos

fortuitos da vida cotidiana, só pode instaurar-se pelo recurso aos lugares-comuns e mediante uma vigilância contínua (BOURDIEU, 2007, p.432).

No YouTube, como os internautas que interagem são, normalmente, desconhecidos uns dos outros, vemos discussões políticas se estabelecerem entre pessoas de opiniões completamente divergentes. Nos debates observados nessa mídia ocorre o que Simmel (1983) discorre a respeito do conflito que, na maioria das vezes, parece prevalecer como um fim em si mesmo. Tendo em si próprio o seu propósito e conteúdo. Assim, no caso observado, as conversas desenvolvidas naquele espaço engendram, sobretudo, relações conflituosas em torno de questões políticas. O que talvez não aconteceria com tanta frequência entre amigos no Facebook, já que nessa rede, o internauta que se depara com opiniões de amigos muito conflitantes com a sua tem duas opções: excluir esses contatos ou permanecer no silêncio quanto às suas posições para evitar o conflito com os pares.

Quanto a isso, Mizruchi (2006, p.79) recorre a teoria das redes para explicar que, numa rede social, se os amigos de uma pessoa forem “liberais do ponto de vista político, a pessoa em questão também tende a apresentar posições liberais”. Seja em redes sociais on-line ou *off-line*, as relações globalizadas normalmente conduzem as pessoas ao desejo de “neutralizar toda diferença” (SENNETT, 2012). É importante salientar, contudo, que essa neutralização da divergência na sociedade não só é irreal, como também poderia provocar uma atenuação das forças de cooperação, identificação, ajuda mútua e confluência de interesses (SIMMEL, 1983). Isso porque só pode haver a formação de um “nós” em relação a um “eles”. Assim, as doses de harmonia e desarmonia são preponderantes para que a sociedade alcance uma determinada configuração.

No que tange à internet, Ângela Marques (2009, p.5) critica a propagação de espaços virtuais semelhantes que, conectados por hiperlinks, “orientam a navegação em direção a conteúdos que se afastam de toda oposição, privilegiando a diversidade de opiniões entre iguais ao invés do confronto entre opiniões adversas”. Isso ocorre principalmente quando se trata de revistas, jornais e blogs que abordam questões sociais, culturais, religiosas e/ou políticas. Assim, mediante o conhecimento do teor de determinada mídia digital o sujeito escolhe se deseja se expor aquelas informações ou não. É normal que não queiramos consumir produtos midiáticos dos quais discordamos, o que acarreta em uma hegemonia das opiniões compartilhadas nos comentários de certos espaços digitais visivelmente políticos²⁸. O que se

²⁸ A teoria da espiral do silêncio, elaborada na década de 60 pela socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neuman, pode nos ajudar a compreender esse fenômeno. Segundo essa teoria, existe uma tendência que conduz os sujeitos a não manifestar suas opiniões quando elas forem contrárias àquelas compartilhadas pela

agrava ainda mais pelo fato de em muitos espaços virtuais haverem instrumentos de moderação de comentários, que são taxados por alguns internautas como “mecanismos de censura”. É certo que agressões, discursos preconceituosos ou uso de expressões que infrinjam as leis devem ser cerceadas em todos os territórios, inclusive na internet. Porém, quando o recurso de moderação de comentários é utilizado para controle dos discursos divergentes, temos uma clara redução do potencial da internet enquanto espaço virtual caracterizado pela polifonia das vozes. Parafraseando Bobbio (1986), de que vale o consenso onde o dissenso não é permitido e valorizado?

No que se refere a empiria observada, vimos o confronto entre opiniões absolutamente divergentes. O que ocorreu, provavelmente, tendo em vista o fato de que o canal *Maspoxavida* do *videoblogger* PC Siqueira pouquíssimas vezes trouxe vídeos com pautas de cunho político. Então, o público diversificado de jovens que o acompanha foi naquele momento provocado para o debate acerca de assuntos referentes a teses políticas que há séculos dividem pessoas do mundo todo, a saber, a díade “direita” e “esquerda”. Como era de se esperar, a difusão dessas opiniões ocorria não apenas através do apelo à razão. Maffesoli (2000, p.19) explica que a elaboração e a divulgação das opiniões “se deve muito mais ao mecanismo de contágio do sentimento e da emoção vividos em comum”. Por isso é fácil perceber que há algo de passional imbricado nas trocas argumentativas elaboradas no espaço destinado aos comentários.

Não obstante, o conflito, nesse sentido, mostra sua relevância porque através dele é que as inteligências podem ser mobilizadas em prol do alargamento de pontos de vista, visto que, ele requer um mínimo de esforço para ouvir o outro, tentar entender seus argumentos, para então confrontá-los. De acordo com Lev-On e Manin (2006 *apud* MARQUES, 2009, p.10), são inúmeros os custos impostos aos interlocutores que se envolvem num conflito: “disponibilidade, tempo, mobilização de recursos cognitivos, a disposição para dialogar mesmo havendo divergências, a aceitação do risco de dialogar com pessoas que não pensam como você, etc.”. Contudo, a esses custos também se somam ganhos: o conflito traz vitalidade para o grupo, incita os envolvidos a tomar posições e defendê-las diante dos pares através de argumentos, conduz ao exercício da reciprocidade e da reflexão sobre si e sobre os outros e etc. Assim, a riqueza das discussões muitas vezes se encontra nas discordâncias que, ao invés de impedir as pessoas de falarem, podem incentivá-las a construir a estrutura orgânica do grupo.

maioria das pessoas de um dado universo social. Assim, quanto mais minoritária for uma opinião num determinado grupo, menor as chances de ela ser expressa, por causa do medo que os indivíduos possuem de serem expulsos do agrupamento (BARROS FILHO E PRAÇA, 2014).

Sennett (2012) salienta que, em alguns momentos, somente a conversa dialógica, azeitada pela diversidade de pontos de vista, permite-nos ampliar nossa percepção das complexas questões que nos confrontam cotidianamente. Mas, essa conversa dialógica não se resume ao embate entre opiniões divergentes onde não há abertura para o outro, onde os interlocutores têm o “fetiche da afirmação”. A conversação baseada na troca, no dissenso, requer não a aceitação completa do argumento do outro, mas o respeito à sua fala. Infelizmente, esse respeito é algo muitas vezes escasso nos comentários *on-line*.

Diante das explicações apresentadas por Simmel (2006), inferimos que a sociabilidade apresenta características de caráter dialético e dialógico, nos termos explicados no tópico anterior. Dialético porque evita ao máximo as divergências, estas devem ser postas de lado para que a conversa possa fluir de modo satisfatório para os interlocutores. Dialógico porque não se orienta com vistas a alcançar um objetivo, o motivo da conversa é ela em si mesma, o sentimento de estar juntos é o que prevalece nesse sentido.

Entendemos, também, que as conversações evidenciadas nas redes sociotécnicas seriam, não raro, engendradas pelo conflito e pautadas pelo processo dialógico. Essa premissa se mostra verdadeira, sobretudo, ao analisarmos as discussões elaboradas pelos comentaristas de vídeos do YouTube, que buscam não necessariamente a compreensão mútua para o alcance de um objeto concreto. Mas, principalmente o confronto entre ideias, que provavelmente não redundará em resultados práticos. Exemplo disso é a empiria dessa pesquisa, que tem como amostra um emaranhado de debates, postados no espaço público virtual, sobre os protestos e as posições dicotômicas “direita” e “esquerda”.

3 CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO YOUTUBE

Aqueles que dispõem dos dispositivos de produção das formas simbólicas normalmente se colocam como legitimadores da cultura vigente numa sociedade. Segundo Raymond Williams (1992), o domínio cultural sempre esteve nas mãos dos que detinham os meios de produção. Que ora estavam em poder da Igreja, ora sob o comando do Estado e depois a mercê do mercado. Este último trazia consigo a expectativa de uma maior liberdade na construção e emissão das mensagens. Contudo, no interior dele acabaram por surgir novas formas de controle e seleção cultural.

Além disso, o domínio do mercado sobre a produção cultural criou um abismo entre os que produzem e os que consomem os produtos culturais. Assim,

à medida que uma cultura se torna mais rica e complexa, implicando muito mais técnicas artísticas desenvolvidas em alto grau de especialização, a distância social de muitas práticas torna-se maior, e há uma série de distinções (...) entre participantes e espectadores nas diversas artes. (WILLIAMS, 1992, p.91)

No campo do audiovisual presenciamos significativas transformações nesse aspecto. Os limites entre produtores e consumidores se revelam cada vez mais indissociáveis. Assim, os participantes sociais, de posse dos aparatos tecnológicos de criação e emissão cultural, se tornam ativos fomentadores da cultura que circula em rede. Coelho e Lemos (2013, p.5) inferem que o surgimento das redes digitais e a força da cultura midiática na ação política estimulam novas práticas sociais. E que nesse contexto “processos de produção, recepção, circulação e consumo de informações são modificados”. Dentre esses processos, destacamos aqueles realizados no âmbito do YouTube, que de acordo com Carlón (2013) é não apenas um portal, mas, sobretudo, o grande meio audiovisual de nossa época.

3.1 YOUTUBE: MÍDIA DIGITAL COM ESTRATÉGIAS MASSIVAS

A breve história YouTube começou em 2005, quando Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim – três ex-funcionários do PayPal (empresa de pagamentos *on-line*) – o conceberam para solucionar um problema de troca, entre amigos, de materiais audiovisuais, que por serem muito pesados não puderam ser carregados via e-mail. A mídia recém-criada prometia ser um canal aberto e livre para que todos pudessem compartilhar suas produções. Com pouco menos de nove anos de existência foi comercializada para o Google ao custo de 1,6 bilhão de dólares.

De uma mídia sem fins lucrativos para uma comercial. Os anunciantes monetizam o site e possibilitam que os colaboradores produtores de conteúdos sejam remunerados. Além disso, em maio de 2013, o YouTube lançou o serviço de canais pagos, para os produtores interessados em cobrar pela visualização de seus vídeos. As assinaturas mensais podem custar a partir de U\$0,99²⁹. Os canais pagos contam com um período de 14 dias de gratuidade, para que o usuário decida se quer assinar o conteúdo, e a receita arrecadada das assinaturas é dividida entre o site e os produtores de conteúdo. Atualmente o YouTube conta com 90 canais desse tipo. Já em novembro de 2014, o site anunciou um serviço de música por assinatura: o *YouTube Music Key*. O serviço removerá anúncios no desktop e para usuários de dispositivos móveis oferecerá a possibilidade de tocar músicas em segundo plano, enquanto se utiliza outro aplicativo, e salvar canções para escutar offline. O usuário terá direito a seis meses de uso gratuito do serviço, seguido por uma mensalidade de 7,99 dólares³⁰.

Esse movimento, de permitir aos colaboradores a cobrança de taxas mensais para acesso a determinados canais e serviços, parece ser uma medida para sanar a dificuldade que o site tem demonstrado de conseguir recursos para remunerar os criadores de conteúdo, cujo número cada dia aumenta exponencialmente. Apesar da importância do site no ecossistema midiático contemporâneo, ainda assim, segundo executivos do Google, o YouTube ainda não é reconhecido como tal no cenário brasileiro. De modo que, a maioria dos anunciantes do país acaba por direcionar seus investimentos de mídia para a televisão aberta. Além disso, o site se vê ameaçado pela concorrência com Facebook, que no mês de agosto de 2014 ultrapassou o YouTube em 1 bilhão de visualizações no desktop³¹. Vale ressaltar, contudo, que a ultrapassagem no número de visualizações conquistada pelo Facebook se deve também ao fato de esse último ter inserido a estratégia de *play* automático dos vídeos apresentados na *timeline* do usuário sempre que o mesmo está conectado à internet via *wifi* e a partir de seu desktop.

Destarte, diante da venda para o Google, que incorporou o YouTube à indústria do entretenimento, Carlón (2013, p.108) se pergunta “na sua origem, o YouTube era de fato muito diferente do que é agora?”. A fim de responder a esse questionamento, Carlón (2013, p.113)

²⁹ YOUTUBE lança canais pagos no Brasil e em nove países. **G1**. 09 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/youtube-lanca-canais-pagos-no-brasil-e-em-nove-paises.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

³⁰ CAMPI, Mônica. YouTube anuncia serviço de música por assinatura. **INFO Online**. 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/2014/11/youtube-anuncia-servico-de-musica-por-assinatura.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

³¹ CAPUTO, Victor. Facebook já exhibe mais vídeos que o YouTube. **Exame**. 27 out. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/facebook-ja-exibe-mais-videos-que-o-youtube>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

dialoga com Jin Kim (2012, 2010), para quem essa mídia passou de amadora com conteúdos produzidos pelos usuários para broadcast com conteúdos produzidos por profissionais.

No entanto, é importante ressaltar que foi o uso feito por amadores que transformou o caráter do site. Como exposto, inicialmente o YouTube tinha como alvo ser uma espécie de superação do e-mail, no que tange ao compartilhamento de vídeos. Tanto que, de acordo com Frigeri (2011), o slogan inicial do site era “*Your digital vídeo repository*” (Seu repositório de vídeos digitais). Depois é que, devido às formas como os usuários se apropriaram da mídia, com tentativas de autopromoção, o slogan foi mudado para “*Broadcast Yourself*” (Transmita você mesmo).

O primeiro vídeo postado no YouTube, com título “*Me at the zoo*”³², talvez nos esclareça um pouco essa guinada à emissão para muitos ao invés do uso apenas com fins interpessoais. Esse vídeo, amador e de baixa resolução, contém o que Carlón (2013) chama de “contrato de fundação” e retrata uma cena banal em que um de seus fundadores está num zoológico, tecendo comentários sobre os elefantes. Para este último autor citado, o discurso implícito naquele vídeo era: o *YouTube* é um canal aberto à sua disposição, aqui você pode publicar o que quiser, e, mais ainda, esse conteúdo não precisa ter valor cultural nos termos ortodoxos. Carlón (2013) destaca também o vídeo “*Tow Chinese Boys: I want it that way*”³³, entre os vinte primeiros enviados para o YouTube, em que, num ambiente que aparenta ser um quarto, dois jovens fazem *playback* em frente a uma câmera. Rapidamente esse vídeo alcançou milhares de visualizações e se tornou pauta de noticiários de todo o mundo, trazendo popularidade aos criadores. Desse modo, apesar de a necessidade inicial, geradora do site, ter sido o compartilhamento de conteúdo entre pessoas ou grupos, percebe-se que desde o seu lançamento o YouTube foi rapidamente cooptado por alguns usuários à maneira do broadcast.

Mas, onde estaria a problemática no fato de sujeitos comuns usarem os espaços virtuais para autopromoção? A tensão reside no status conceitual onde, inicialmente, foram embutidas as mídias digitais. Para o autor Pierre Lévy (1999), as mídias corporativas (como televisão, rádio, revista e jornal) seriam dispositivos de comunicação de um para muitos. Já o telefone, inicialmente, se configuraria por ser um aparelho que permite conexões interpessoais. Depois, é que o celular se tornou um dispositivo híbrido e maior símbolo da convergência atual (LEMOS, 2007). Enquanto isso, as conexões estabelecidas através da rede mundial de

³² O vídeo foi lançado em 23 de abril de 2005 a partir da conta de um dos criadores do site – Jawed Karim. Atualmente possui mais de 7 milhões de visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jNQXAC9IVRw>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

³³ Lançado em 25 de junho de 2005, este é o primeiro vídeo viral da história do site. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x1LZVmn3p3o>>. Acesso em 28 nov. 2014.

computadores fariam parte de uma dimensão comunicacional de muitos para muitos. O ciberespaço, segundo Lévy (1999, p.63), seria um “dispositivo comunicacional original, já que ele permite que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum”, onde as mensagens são trocadas, normalmente, de forma transversal.

Contudo, é importante frisar que o texto do autor Pierre Lévy foi escrito na década de 1990, quando as tecnologias informáticas e os usos delas ainda eram bastante incipientes em muitos lugares. Assim, no espaço do YouTube, por exemplo, presenciamos uma hibridização das funções midiáticas. O que apresenta certa complexidade, por ser essa uma mídia inserida em um dispositivo comunicacional do tipo muitos-muitos, mas que permite estratégias enunciativas ao modo broadcast. Diante disso é que Carlón (2013) afirma ser necessário fazermos uma distinção entre mídias e estratégias comunicativas. Ele é enfático ao argumentar que, embora essa mídia possa ser usada com fins de transmissão nos moldes dos meios massivos, em dois aspectos ela se difere deles: no que tange à multiplicidade de ofertas de conteúdo e à liberdade para o indivíduo consumir os produtos midiáticos no horário que deseja. Para o autor, são nessas características, da programação da vida social e da limitação da oferta, que estão circunscritas as mídias de massa e o YouTube foge às duas questões, visto que não tem oferta previsível e nem programada.

Além disso, “a possibilidade de qualquer usuário fazer circular os discursos audiovisuais que deseje em âmbito global, produzidos ou não por ele mesmo, não pode e nem deve ser minimizada na história da midiatização” (CARLÓN, 2013, p.112). Isso porque, como mencionamos no início do tópico, o controle dos meios de produção e veiculação sempre esteve nas mãos de grandes instituições como Estado, Igreja e corporações econômicas. Destarte, juntamente com o acesso às mídias digitais têm se desenvolvido a cibercultura, que tem como base fundante a liberação do polo emissor (LE MOS, 2007). Nesse sentido, não apenas as formas de produção e consumo sociocultural sofrem mudanças, bem como também os tipos de produtos simbólicos que circulam em sociedade. Contudo, sabemos que esse processo não ocorre de forma “pura”, isenta das forças dos mercados de informação e entretenimento. Assim, essa produção em rede alimenta e é também formada pelos conteúdos que circulam nesse mercado, tudo isso num vaivém constante.

Não obstante, ainda discutindo sobre a questão da abertura para a produção, Costa (2009) destaca, como aspecto negativo, a soberania do emissor que prevalece, por exemplo, diante do direito desse de remover o vídeo no YouTube. Afirma também que, assim como nos meios corporativos, a interação no site é dirigida e pré-determinada. Pois, segundo ele, até os comentários, normalmente, se restringem à discordância ou mera discordância. Divergimos do

autor sobre a questão dessa interação ser pré-determinada. Tendo em vista que, no caso estudado que trata dos comentários no vídeo “Globo os Protestos”, por exemplo, o conteúdo postado pode até ter pautado a conversa que se desenvolveu no espaço dos comentários, porém o assunto ganhou outras proporções e se expandiu para muito além do que fora enunciado no vídeo. Movidos por uma concordância ou discordância, os comentaristas elencavam uma série de aspectos e novas questões para debaterem entre si.

Além do ato de compartilhar suas produções e efetuar comentários, ao assistir determinados vídeos, os usuários podem clicar em “like” ou “dislike”, podem fazer vídeo-resposta e podem replicar o conteúdo assistido em outros espaços virtuais. Para realizar a maioria dessas ações é necessário que seja feito o cadastro no site. Ao efetuá-lo, o YouTube armazena as informações do usuário num histórico que pode ser acessado por ele. O site traça também um perfil do internauta, de acordo com os vídeos buscados, visualizados, comentados e/ou compartilhados. Assim, enquanto estamos assistindo a um determinado vídeo, o site simultaneamente sugere outros vídeos que podem estar relacionados ao conteúdo daquele ou ter alguma ligação com outro que fora acessado em algum momento a partir da conta do usuário.

Quanto à arquitetura da mídia, esta é estruturada de acordo com os seguintes links:

1. Vídeos: apresenta os vídeos e canais recomendados com base no histórico do usuário e do *IP* pelo qual o site foi acessado e os vídeos mais vistos entre os adicionados recentemente.
2. Canais: todo usuário cadastrado no site pode postar vídeos e construir seu canal. Este é o espaço em que os participantes colaboradores podem veicular suas produções, criar *playlists*, estabelecer relações com outros canais e receber comentários de outros usuários que acompanham o canal.
3. Categorias: o YouTube cria categorias a partir do agrupamento de canais similares. Atualmente o site conta com as seguintes categorias: Canais pagos, Música, Comédia, Filme e entretenimento, Jogos, Beleza e moda, Da TV, Automóveis, Animação, Principais coleções do YouTube, Esportes, Como fazer e Faça você mesmo, Tecnologia, Ciência e educação, Culinária e saúde, Ativismo/Sem fins lucrativos, Notícias e política e Estilo de Vida.

É importante ressaltar que essa organização estrutural do site é sujeita a modificações constantes e varia de acordo com o dispositivo a partir do qual o mesmo é acessado. Além disso,

atualmente existem várias versões de aplicativos disponíveis para os diferentes tipos de sistemas operacionais em atuação no mercado *mobile*. O que faz com que, a cada dia, o YouTube tenha maior alcance no mercado brasileiro e mundial. Destarte, essa mídia, programada pelos próprios usuários, tem se consolidado como o meio de comunicação audiovisual mais influente em nossos tempos, ficando atrás apenas da televisão. De modo que, a apropriação do YouTube, com fins de emissão massiva, fez com que ele se tornasse uma importante plataforma de crítica social, com alvo, principalmente, nos produtos simbólicos veiculados na mídia corporativa. Gerando, assim, circuitos contínuos, os quais serão melhores debatidos no próximo tópico.

3.2 CRÍTICA SOCIAL E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO YOUTUBE

No dia 25 de janeiro de 1984 acontecia, na Praça da Sé em São Paulo, o primeiro grande comício da campanha pelas “Diretas Já”. Naquela mesma data a cidade comemorava seus 430 anos. O Jornal Nacional, principal telejornal brasileiro, noticiou o fato com a chamada: “Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na Praça da Sé”. Como se pode ver por essa chamada, a impressão que a emissora parecia querer passar era de que o ato político não passava de atividade festiva em comemoração ao aniversário da cidade de São Paulo.

Foram dois minutos e dezoito segundos de matéria: com cenas na Catedral da Sé, também aniversariando na data, e entrevista com o arcebispo Dom Evaristo Arns; depois são abordadas as solenidades de aniversário da Universidade de São Paulo e por último, são dedicados um minuto e três segundos para retratar o comício na Praça da Sé. O repórter Ernesto Paglia fala que, naquele dia à tarde, milhares de pessoas se reuniram para pedir eleições diretas para presidente. Sendo que, logo em seguida, afirma não se tratar apenas de uma manifestação política, pois na abertura havia música com frevo do cantor Moraes Moreira. A matéria mostrava também os artistas que apoiavam o ato e por fim, abre-se o áudio do evento para apresentar dezoito segundos da fala do governador de São Paulo, Franco Montoro. Nenhum manifestante fora entrevistado.

A cobertura realizada pela emissora figura a página de erros do site Memória Globo³⁴. Contudo, nesse site, a emissora se põe a justificar sua atuação recorrendo a problemática da ditadura para tentar argumentar que não havia como dar mais ênfase ao movimento devido o processo de censura que limitava o trabalho da imprensa. No entanto, o posicionamento da

³⁴ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>>.

emissora destoa da fala de seu ex-vice-presidente, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho – o Boni. Em entrevista ao jornalista Roberto Dávila, Boni revelou que Roberto Marinho, fundador da Rede Globo, decidiu a censura a esse primeiro grande comício. Assim, segundo Boni, "o doutor Roberto não queria que se falasse em Diretas-Já" e determinou que o evento da praça da Sé fosse transmitido "sem nenhuma participação de nenhum dos discursantes" - "quer dizer, a palavra, o que se dizia, o conteúdo estava censurado"³⁵.

Retomamos esse episódio para chegar em junho de 2013 e levantar o modo como os protestos desse período recente foram retratados inicialmente pela mesma emissora. Um exemplo relevante é o discurso proferido pelo jornalista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo em 12 de junho de 2013³⁶. Ele afirmava que estávamos diante de "revoltosos da classe média", que não precisavam "daqueles vinténs" e não sabiam porquê estavam protestando, e que, por fim, "não valiam nem 20 centavos". Vale salientar que, dias depois, diante da adesão popular aos protestos e suas causas, o jornalista emitiu um pedido de desculpas, pelos comentários feitos, na sua coluna na Rádio CBN (17 de junho de 2013): "Amigos eu errei, é muito mais do que 20 centavos"³⁷, disse ele.

As situações são diferentes e as causas pelas quais as pessoas lutavam também. Mas, o modo de tratamento inicialmente dispensado pela emissora aos manifestantes parece demonstrar contornos similares. Destaca-se a falta de profundidade e de disposição em ouvir os envolvidos. Mas, difere-se o tempo para que a assunção do erro ocorresse. Foram necessários mais de 20 anos para que as Organizações Globo emitissem uma explicação para o modo como o movimento das "Diretas Já" foi retratado e apenas cinco dias para que Arnaldo Jabor lançasse um pedido de desculpas pelas declarações dadas. Contudo, o reconhecimento do erro não impediu os internautas de postarem vídeos com o discurso do jornalista em vários canais do YouTube. Desse modo, foi gerado o espalhamento da narrativa no intuito de provocar críticas sociais não somente nesse site como também em outras redes sociais, portais e blogs.

Sabemos que esse processo de crítica social não é novo, conforme salienta José Luiz Braga (2011, p.4), determinados esquemas sociais "sempre geraram para-sistemas que se organizam em 'outro ponto' da sociedade para criticar, rever, contestar, debater". Não obstante,

³⁵ Trechos da entrevista disponíveis em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3112200508.htm>>. Acesso em: 03 de dez. 2014.

³⁶ JABOR, Arnaldo. Arnaldo Jabor fala sobre onda de protestos contra aumento nas tarifas de ônibus. **Jornal da Globo**, 12 jun. 2013. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

³⁷ JABOR, Arnaldo. Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos. **CBN**, 17 jun. 2013. Disponível em: < <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

no período das “Diretas Já” a web ainda não existia e, portanto, não havia como participantes sociais, fora da indústria da informação, veicularem, em âmbito nacional, narrativas alternativas que contemplassem o desenvolvimento dos acontecimentos. Já em 2013, Jabor falava que não haviam pobres nos protestos e que “os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotov”, ao que alguns internautas responderam no vídeo: “Protesto Passe Livre Brasil: Veja o que você não verá na televisão!”³⁸. Nesse vídeo, são retratadas cenas do protesto, ocorrido dia 13 de junho na cidade de São Paulo, marcado por forte repressão policial – direcionada não apenas contra os manifestantes pacíficos mas também contra profissionais da imprensa que faziam a cobertura do ato.

Percebemos a partir desse exemplo que plataformas como o YouTube têm permitido que as próprias pessoas construam seus espaços midiáticos e apresentem-se ao mundo como “fontes diretas” dos fatos que vivenciam. Elas praticam e, ao mesmo tempo, registram e compartilham suas práticas acionando os dispositivos que possuem, sem precisar passar por “filtros” noticiosos da imprensa corporativa.

Ao som de gritos “sem violência” e munidos com câmeras nas mãos, os manifestantes defendiam-se dos policiais equipados com gás lacrimogênio e balas de borracha. O aparelho da câmera fotográfica parecia servir como uma armadura, tanto que em alguns vídeos, diante da violência, algumas vezes dispensada pela Polícia Militar, manifestantes diziam uns aos outros: “filma ele”. As câmeras funcionavam, assim, como espécies de escudo, de “testemunhas” dos acontecimentos. Mas, não apenas isso. Desconfiados de que a imprensa não fosse retratar as coisas como realmente aconteciam, alguns participantes dos protestos preferiam realizar suas próprias coberturas, para posteriormente compartilhar em suas mídias e redes sociais virtuais. Essa desconfiança em relação à narrativa jornalística da mídia corporativa era seguida de repressão aos jornalistas, principalmente os da Globo, que cobriam os protestos. Por isso, alguns profissionais da imprensa realizaram coberturas do alto de prédios e com microfones sem identificação da empresa em que trabalhavam.

Não obstante, é relevante ressaltar que essa crítica ao que é veiculado pela mídia corporativa mostra que as pessoas estavam atentas aos discursos veiculados nela. Sobre isso, José Luiz Braga (2006, p.28) nos introduz a reflexão ao modo de operação do sistema de circulação interacional que pode ser visualizado nesse espaço do YouTube e que se caracteriza

³⁸ O vídeo foi postado dia 15 de junho e mostra vários momentos de ataques dos policiais em direção aos manifestantes e aqueles que filmavam os atos de repressão – mesmo que fossem profissionais da imprensa em realização do seu trabalho. As ações violentas da polícia são seguidas por um trecho da fala de Jabor, que diz: “a causa deve ser a ausência de causas”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xsBff36o-Nk>>.

pela “movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia”. Nessa movimentação que surge posteriormente à recepção, se desenvolve um “sistema de resposta social” no qual são realizadas leituras e apropriações do conteúdo veiculado (BRAGA, L., 2011, p.5). O autor complementa ainda que essas respostas não se configuram apenas como retornos do receptor em direção ao emissor, como pode-se entender a partir da expressão *interatividade*. Para ele, a circulação trata-se de um processo mais amplo, em que essa apropriação dos sentidos e respostas às mensagens recebidas ocasionam o acionamento de circuitos que operam “em fluxo comunicacional *contínuo e adiante*” (BRAGA, L., 2011, p.5). Numa dinâmica em que os processos não se colocam de “ponto a ponto”, de uma forma simplista, mas sim em modos diferidos e difusos.

Fausto Neto (2010), por sua vez, demonstra entender a circulação como lugar de construção de vínculos entre produtores e receptores. Local em que eles se encontram em complexos jogos de oferta e reconhecimento e no qual se torna possível aos receptores tornarem-se integrantes da cena produtiva midiática. Assim, o autor acrescenta ainda que “as novas condições de circulação afetam as lógicas de instituições produtoras e sujeitos-receptores, por força da ambiência da midiatização” (FAUSTO NETO, 2010, p,14).

Esse fenômeno da midiatização, segundo José Luiz Braga (2012), pode ser entendido a partir de dois prismas: um tecnológico e outro social. A questão da tecnologia se coloca tendo em vista o alcance em larga escala das ações comunicativas midiatizadas em relação à população. Já o aspecto social, se apresenta ao passo em que campos autônomos – ligados à política, educação ortodoxa, religião e medicina, por exemplo – passam a manter relações de interdependência com as mídias, de um lado; e de outro, destaca-se o processo no qual participantes sociais se inserem no contexto midiático provocando transformações nas formas de produção, consumo e circulação dos produtos simbólicos – na medida em que se inserem em circuitos produtivos e de crítica social, antes restritos aos setores da indústria cultural.

Temos, então, um processo de mão dupla. Em que a mídia transita por toda a sociedade e em que esta última ocupa os espaços midiáticos interferindo nas práticas que lhe são direcionadas. Destarte, Braga (2012) acrescenta que, para além das relações entre produção e recepção, importa o fato de que o receptor faz seguir adiante os sentidos relativos ao que recebe.

Esse ‘fluxo adiante’ acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto a outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários (...); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras

possibilidades, incluindo-se aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais (BRAGA, L., 2012, p.39).

No caso citado anteriormente, sobre a circulação do discurso do jornalista Arnaldo Jabor, diversas dessas formas colocadas como exemplo de “fluxo adiante” podem ser percebidas. Desde a disponibilização do vídeo no YouTube, tanto o original completo quanto trechos “encaixados” em outros vídeos, aos vídeos respostas e comentários nesse site, havendo ainda o compartilhamento seguido de crítica para outras redes sociais.

José Luiz Braga (2012, p.40) acrescenta também que esse “fluxo adiante” faz com que as instâncias produtoras dos meios massivos construam seus discursos com base em uma “escuta prevista ou pretendida”. Operando, assim, numa espécie de “contrafluxo” em que a previsão das respostas possíveis interfere diretamente na elaboração dos “enunciados” a serem postos em circulação. Sobre isso, trazemos como exemplo a questão de como as críticas direcionadas à cobertura da Globo aos primeiros protestos fez a emissora mudar abruptamente o modo pelo qual os discursos sobre os eventos posteriores passaram a ser construídos. Por maiores que fossem os atos de dano ao patrimônio público e privado por parte de alguns integrantes dos protestos, a reportagem sempre frisava que a “manifestação seguia pacífica até que um pequeno grupo iniciou os atos de vandalismo”. Alguns veículos de jornalismo independente sugerem que não apenas a escuta prevista, mas também um possível oportunismo contra o governo federal fazia com que a emissora estivesse atenuando os excessos cometidos por alguns manifestantes – que destruíam prédios e patrimônios públicos, carros, pequenas e médias empresas privadas e agências bancárias. Entretanto, essa já é outra questão a qual não pretendemos adentrar.

Ressaltamos também que a produção a partir de escuta prevista e respostas desejadas revela-se não apenas nos meios corporativos, mas também nas plataformas virtuais. Tendo em vista que, elas operam em fluxos sempre contínuos. “Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir (...) produção e recepção como instâncias separadas” (BRAGA, L., 2012, p.40). O autor acrescenta que nesse sentido, por vezes, o produto pode ser visto não como ponto de partida, mas sim de chegada – como consequência de variados processos que o conduziram a tal formato. Aqui é válido mencionar o vídeo “#DesçaDoMuro”³⁹, produzido por PC Siqueira e Diego Quinteiro no período das eleições de 2014. Nesse produto midiático audiovisual, os *videobloggers* se declaram posicionados à esquerda no espectro político e parecem tentar

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wndJ9M0zZLQ&list=UUOtNSG9FI__vHIv3-PCtUw>.

justificar esse posicionamento a partir das críticas que receberam nos comentários do vídeo “Globo e os Protestos”, lançado no ano anterior.

Nesse vídeo, que os *videobloggers* lançaram durante o 2º turno das eleições presidenciais de 2014, era clara a tentativa de mostrar um ponto de vista positivo sobre o posicionamento de esquerda e, dessa forma, interferir de algum modo no processo político. No Posfácio do livro “Cultura da Convergência”, Jenkins (2009) afirma perceber o YouTube como um local de construção do discurso cívico. Local que expande a capacidade do cidadão médio de anunciar informações e ideias, fazendo-as circular na esperança de cooperar no processo de transformação da sociedade. Talvez essa tenha sido a motivação de PC Siqueira e Diego Quinteiro ao emitir sentidos axiológicos positivos sobre a esquerda. Jenkins (2009) complementa que essas produções caseiras, paródias sobre política e outras “brincadeiras sérias”, que surgem em meio à cultura participativa em desenvolvimento, apontam para perspectivas diferentes sobre como poderá ser a democracia na sociedade midiaticizada e permeada pela cultura da convergência. E, salienta ainda que temos de compreender o YouTube não apenas como um site percussor e fundamental para a produção e distribuição da mídia alternativa, mas também como sendo “parte de uma organização cultural maior”. E elenca três motivos básicos para isso (JENKINS, 2009, p.348).

O primeiro refere-se ao fato de o YouTube funcionar como espaço de encontro de uma série de comunidades alternativas de produtores de conteúdo que antes estavam dispersos. Essa organização de participantes sociais amadores e semiprofissionais num mesmo site potencializa as possibilidades de visibilidade, em contraposição ao que atingiriam se estivessem operando de forma isolada. Assim, no ato de assistência de um vídeo num canal de humor, por exemplo, ao internauta é sugerida a visualização de outros vídeos que contenham o mesmo teor daquele. Outro ponto é da interconexão de canais, ao passo que o usuário detentor de um canal pode se inscrever em vários outros e em sua conta fica visível essas conexões feitas com pares.

A segunda questão diz respeito ao uso do YouTube enquanto arquivo de mídia. No qual colecionadores podem compartilhar materiais antigos, fãs podem *remixar* conteúdos de seus ídolos, pessoas comuns podem registrar “flagrantes” de situações cotidianas ou dar “destaque” a algum momento específico do “fluxo” das mídias corporativas, para fazer uma sátira ou crítica social desse. Nesse sentido, uma ilustração de crítica social da ação da mídia corporativa pode ser retirada da postagem do vídeo “Datena surpreendido em pesquisa! Passe Livre 13/06/13”⁴⁰. Nesse vídeo o internauta editou trechos do Programa *Brasil Urgente* da Band, no qual o apresentador

⁴⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k>>.

Datena realiza duas enquetes para saber a opinião das pessoas a respeito do uso da violência nos protestos. Na matéria que fazia cobertura de um dos primeiros protestos ocorridos em São Paulo, dia 13 de junho, o apresentador já estava expondo sua análise quanto aos atos de vandalismo por parte de alguns manifestantes e buscava direcionar a opinião dos telespectadores quanto à questão. Por isso fez a enquete “Você é a favor deste tipo de protesto?” e se surpreendeu que a maioria das pessoas estivessem respondendo que “sim”. Visivelmente irritado, o apresentador se queixa de que talvez o público não houvesse entendido a pergunta e pede que a produção a reformule para "Você é a favor de protesto com baderna?". Novamente a maioria dos respondentes reafirmou o “sim”. A direção do programa removeu a questão, mas em poucos dias os trechos do programa com as enquetes já estavam disponíveis em alguns canais do YouTube.

O terceiro aspecto elencado por Jenkins (2009) é o do YouTube como “mídia espelhável” na medida em que funciona em relação com uma série de outras mídias digitais. Assim, o conteúdo postado nele acaba muitas vezes espalhando-se para portais, sites de empresas jornalísticas, blogs, Facebook, Twitter e outros espaços.

Desse modo, o YouTube permite as funções de produção, armazenamento e distribuição. Não que essas atividades sejam novas no contexto das mídias digitais, mas a questão é que o YouTube “foi o primeiro a unir essas três funções numa única plataforma e a direcionar tanta atenção ao papel das pessoas comuns nesta paisagem transformada das mídias” (JENKINS, 2009, p.349). O usuário comum nessa mídia se vê empoderado a publicar o quiser, ver o que quiser e quando quiser. Carlón (2013, p.123) salienta que isso faz o YouTube ser uma nova mídia radicalmente diferente dos meios de massa históricos, que sempre ditaram quem emite, o que e quando o faz. Agora, às pessoas está resguardado o direito de tomar o poder na circulação discursiva. E esse direito aos poucos mostra seus efeitos, ao passo que nas situações empíricas acontece, progressivamente, o deslocamento dos lugares antes fixados e rigidamente separados, que determinavam: os que produziam os discursos e os que consumiam, os profissionais e os amadores, as formas de educação e as de entretenimento e ainda outras coisas.

3.3 MICROCELEBRIDADES: O CASO DE PC SIQUEIRA E DIEGO QUINTEIRO

Até aqui temos discutido as mudanças paradigmáticas na produção e circulação dos produtos simbólicos, que decorrem da apropriação das tecnologias de comunicação baseadas na internet. Não obstante, é necessário salientar que esse fenômeno de ampliação dos sujeitos enunciativos vem acompanhado também de um processo de construção de hierarquias

simbólicas entre eles. De modo que, alguns adquirem notoriedade em seus circuitos interacionais próprios, angariando um contingente notável de fãs e seguidores.

A pesquisadora Adriana Braga (2010) denomina este fenômeno, de celebração no ambiente restrito das mídias e redes sociais virtuais, de “microcelebridade”. Ele acontece entre sujeitos que se inserem na cena produtiva midiática e adquirem legitimidade pelo público (medida pelo número de visualizações e pessoas que comentam os conteúdos) e pelos pares (que os citam em espaços semelhantes) no seu âmbito de atuação.

Para entender o processo de legitimação dos sujeitos no ambiente virtual, buscamos o aporte teórico do sociólogo Pierre Bourdieu (2007) que menciona em sua obra três tipos de capital – recurso ou poder manifesto nos campos sociais – seriam eles: econômico, cultural e social. O primeiro se refere à quantidade de bens monetários que o agente pode dispor. O cultural seria formado a partir do conjunto de conhecimentos e qualificações intelectuais disponibilizados por instituições como família e escola; pode se manifestar em estado incorporado (através de habilidades de expressão em público, por exemplo), como bem cultural (em forma de aquisições de livros, obras de arte, instrumentos musicais e outros) e mediante certificações de instâncias legitimadoras do saber (diplomas de faculdade ou títulos de honra são exemplos aplicáveis). E por último tem-se o capital social, relativo à quantidade e qualidade das relações construídas pelos agentes nos campos em que os mesmos estão inseridos. Esse capital pode os levar a assumir posições de hierarquia e se converter em recursos de dominação. Quando isso acontece é porque o mesmo adquiriu um status que lhe confere mais um capital: o simbólico. Que, por sua vez, reflete o prestígio ou autoridade que determinados sujeitos detêm no espaço social.

No caso dos *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro, percebemos que o capital cultural apresentado por eles nos vídeos se dá por meio da habilidade de expressão manifesta pela forma mordaz como tratam desde temas cotidianos até aqueles considerados polêmicos: como religiosidade, sexualidade, política, entre outros. O fenômeno merece destaque, porque para alimentar o capital simbólico do campo da imprensa, por exemplo, além da habilidade de expressão, é requerida aos agentes, que dele fazem parte, a legitimação do seu capital cultural (comprovada através de diplomas) e do sistema que o mantém são exigidos recursos econômicos. O que não é o caso dos *videobloggers* estudados, já que para atrair milhares de acessos eles contam apenas com dispositivos tecnológicos, relativamente bem acessíveis, e com a habilidade de falar o que supostamente seus pares querem ouvir. Esse capital social adquirido por eles converteu-se não apenas em capital simbólico, como também em lucro material, já que

os mesmos recebem remuneração pelos links patrocinados que são inseridos em seus vídeos e ações de merchandising que eles realizam.

Isso elucidada o quanto os capitais acumulados pelos sujeitos nos espaços sociais estão imbricados. O econômico pode se converter em cultural e vice-versa, já que através de recursos financeiros pode-se ter acesso a bens culturais materiais e simbólicos e também por meio de diplomas e de habilidades é possível ascender economicamente. O social, por sua vez, pode ser cultivado a partir tanto das posições ocupadas no campo como do reconhecimento dos saberes e competências de um sujeito. E, por fim, o capital simbólico é atribuído ao agente dado a autoridade concedida ao mesmo mediante o reconhecimento do acúmulo dos três capitais (econômico, cultural e social) ou de alguns deles. Assim é que os *videobloggers* citados construíram sua reputação, por meio do prestígio advindo do capital cultural demonstrado (que corresponde à cultura do interlocutor, nesse caso o público jovem) e da extensa rede de relações constituídas *on-line*.

Através da observação de compartilhamentos no Facebook, Pimentel e Silveira (2013) explicam como poderia ser medida essa autoridade dos agentes em rede: “a autoridade estima o valor do conteúdo de cada página ou nó a partir do número de compartilhamentos de suas postagens”. No contexto do YouTube avaliamos a autoridade dos sujeitos em questão através da constatação do número de visualizações que seus vídeos recebem.

O slogan do YouTube, “Broadcast Yourself”, demonstra a possibilidade de “qualquer pessoa”, munido de câmera e acesso à internet, alcançar visibilidade quase tal qual uma instituição midiática empresarial. A premissa é verdadeira. Contudo, apesar de o YouTube ser um ambiente aberto para que todos possam veicular suas produções, ainda assim, nem todos conquistam o mesmo destaque. Observamos, então, um campo social democrático em que hierarquias são construídas, conforme os recursos de que dispõem os sujeitos envolvidos. Pierre Lévy (1999, p.128) explica que, num contexto virtualizado como esse, o recurso de autoridade simbólica advém da “reputação de competência que é constituída a longo prazo na ‘opinião pública’ da comunidade virtual”.

Assim aconteceu com Paulo César Siqueira, criador do Canal *Maspoxavida*. Esse *vlog* (blog em vídeo) foi lançado em fevereiro de 2010 e nove meses depois seus vídeos já contabilizavam mais de 41 milhões de acessos⁴¹. Alcançando tamanha visibilidade que, em 2012, PC Siqueira foi eleito o melhor *Videoblogger* do ano pelo *Shorty Awards*, considerado o

⁴¹ CICARELLI, Catarina. PC Siqueira, do *vlog* Mas Poxa Vida, não se acostuma à fama. **Veja São Paulo**, 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/pc-siqueira-mas-poxa-vida>>. Acesso em: 06 jul. 2013.

Oscar da internet⁴². No início do *vlog*, PC Siqueira dividia seu tempo entre a produção dos vídeos e sua carreira de colorista e ilustrador de quadrinhos. Depois é que, com a rentabilidade do Canal no YouTube, ele passou a se dedicar exclusivamente a carreira de *videoblogger*. Destarte, atualmente, PC Siqueira conta com mais de 1,6 milhão de inscritos em seu Canal, 1,3 milhão de *followers* no Twitter, 1,1 milhão de curtidas no Facebook e 370 mil seguidores no Instagram.

Adriana Braga (2010) comenta que a popularidade das microcelebridades, não raro, resulta em atuações delas nos meios de comunicação corporativos, como ocorreu com PC Siqueira e Diego Quinteiro. Por causa da notoriedade alcançada no YouTube, PC Siqueira fora contratado pela emissora MTV em 2010, para realização de participação especial no Programa *Comédia MTV*. Em março de 2011 o *videoblogger* inaugura seu próprio programa na emissora, chamado *PC na TV*. E em novembro desse mesmo ano ele se junta ao Diego Quinteiro para protagonizar o Programa *MTV Games*. Além disso, também foi entrevistado em programas como *De Frente Com Gabi* e *Programa do Jô* e teve participações no *Programa Piloto* promovido pelo site da Revista Carta Capital.

Tanto no Programa *PC na TV* quanto no *MTV Games* são ofertadas aos apresentadores a possibilidade de atuarem de forma similar ao que fariam na internet. No primeiro, PC Siqueira abre os episódios com o mesmo questionamento que usa ao iniciar seus vídeos no Canal *Maspoxavida*: “Como vai você?”. Em seguida, ele apresenta os três temas que serão pauta do programa daquele dia. Temas esses que foram destaque na sociedade durante aquela semana. Seguindo, dessa forma, a mesma linha de seu Canal, em que são comentados três assuntos por vídeo. Contudo, nota-se que o *videoblogger* algumas vezes parece não se sentir muito à vontade no ambiente televisivo. Sua performance nesse primeiro programa denota contornos um tanto mecanizados, em detrimento da espontaneidade apresentada nos vídeos da internet. Além disso, PC Siqueira parece não se encaixar nos paradigmas televisivos que requerem, por exemplo, que se “olhe” diretamente para a câmera principal, a fim de gerar aproximação com o telespectador. Já no programa *MTV Games*, focado no universo dos jogos, ele parece mais inteirado com as dinâmicas do meio massivo. Talvez pela questão da experiência advinda com o primeiro projeto televisivo. Apesar de dividir o programa com seu primo Diego Quinteiro, é de PC Siqueira o maior tempo de fala, o *avatar* dele é que compõe a vinheta de abertura e é a ele que os convidados se dirigem.

⁴² DILMA Bolada e outros brasileiros recebem o oscar da internet. Redação **INFO**, 09 abr. 2013. Disponível em: < <http://info.abril.com.br/noticias/internet/dilma-bolada-e-outros-brasileiros-recebem-o-oscar-da-internet-09042013-5.shl>>. Acesso: 06 dez. 2014.

Em artigo sobre estudo dos casos da *twiteira* e ex-BBB Tessália e das escritoras do blog *Motern* (que depois se tornou um programa do canal GNT), a pesquisadora Adriana Braga (2010) analisou a participação dessas microcelebridades nos meios de comunicação de massa (MCM). Com o intuito observar as complexidades que envolvem as relações de poder entre os produtores de conteúdo dos meios massivos e digitais. A partir desses dois casos, a autora inferiu que no processo de migração para os meios corporativos, não há da parte desses, “nenhuma concessão à ‘fama’ previamente conquistada em meios digitais”. Além disso, ela ressalta que “as lógicas dos meios massivos são implacáveis” de forma que a microcelebridade precisa de “enquadrar” a esses meios. E por último, ela questiona que o “suposto lugar de explicitação das diferenças, da livre manifestação do pensamento e da democratização das enunciações parece fraco diante da dependência da legitimação massiva conferida pelos MCM” (BRAGA, A., 2010, p.52). Isso porque, nos casos estudados por ela, o fato da microcelebridade alcançar espaço nos meios massivos é amplamente comentado e comemorado pelos fãs, como sendo “uma espécie de confirmação de seu valor já demonstrado na Internet” (BRAGA, A., 2010, p.44).

Mas, no caso estudado nessa dissertação, observamos que há sim concessão à popularidade e ao “perfil” desenvolvido por PC Siqueira em seu Canal *Maspoxavida*. Como comentamos acima, o Programa *PC na TV* procura manter ao máximo os traços dos vídeos veiculados por ele no YouTube. No primeiro episódio, por exemplo, o programa se inicia com PC Siqueira em seu quarto, como faria no Canal do YouTube, e depois da vinheta é que ele se apresenta no estúdio da MTV Brasil. Também não parece ser solicitado do *videoblogger* que se “enquadre” à lógica televisiva, visto que ele comumente faz uma espécie de “rompimento” com os padrões massivos, ao satirizar aspectos do programa e de sua falta de desenvoltura para lidar com os aparatos do estúdio, como o *teleprompter*, por exemplo. Não obstante, é certo que essa “abertura” para agir de modo similar ao que faria na internet só acontece por se tratar de uma emissora segmentada ao público jovem. Nas palavras de PC Siqueira⁴³, o Programa *PC na TV* “só poderia ser feito na MTV”. Ainda complementa: “nenhum outro canal ia poder colocar eu, que não sabia fazer absolutamente nada, pra falar num fundo branco”.

Para perceber um pouco da reação dos fãs à inserção de PC Siqueira na televisão, observamos os comentários⁴⁴ do primeiro episódio do Programa *PC na TV* postado no YouTube

⁴³ Em entrevista à apresentadora Marília Gabriela no Programa *De frente com Gabi* Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ZjTsxtCcXJQ> >. Acesso em 28 jul, 2014.

⁴⁴ A grafia de todos os comentários, utilizados como exemplo para esta dissertação, foi mantida tal qual publicada no site, incluindo erros gramaticais.

dia dezoito de março de 2011⁴⁵. Nesses comentários, alguns fãs reclamam do *modus operandi* televisivo ao qual o *videoblogger* estaria se submetendo a partir daquele momento, um deles comenta: “Prefiro os videos que o PC grava e fala na casa dele! Sem roteiro, nem planejamento...só fala.” Muitos outros seguem a mesma linha e pedem que PC “volte para o seu quarto”, ou seja, retome a espontaneidade de quando atuava apenas no YouTube e sugerem que ele não se “encaixa” naquele ambiente televisivo, que está perdendo muito de sua “personalidade” ali. Reclamam ainda a falta de elementos que compõem o universo do Canal *Maspoxavida*, como, por exemplo, a ausência da cadela Lola que o acompanha em vários vídeos. Como vemos no comentário abaixo:

Flyckermouse diz:

Cara, ficou legal, mas não ta com a cara do PC, apesar de muito do PC não fazer sentido, e o programa tbm não fazer, o PC é um personagem acima de tudo, e algumas coisas são características dele. Os fantasminhas do Pac-man, as histórias em quadrinhos, a Lola, o tubarão, os dinossauros e tudo mais do universo PC, isso devia ser o tema até do cenário, e não uma escada com um pêndulo, e a abertura do programa tbm não lembra o PC.

Esses fãs meio que “desdenham” dos meios corporativos e exaltam a “liberdade” e “autonomia” proporcionada pela internet. Relembrem que no espaço do Canal *Maspoxavida* é de PC Siqueira todo o controle sobre a produção do conteúdo e que ao migrar para os meios massivos o *videoblogger* estaria se rendendo a lógica mecanizada do mercado de entretenimento. Mesmo sendo a MTV Brasil uma emissora segmentada.

Não obstante, outros fãs celebram o programa como uma conquista, uma espécie de legitimação do *videoblogger* e o defendem perante os comentários agressivos. Ressaltam que aquela é uma forma de sustento e tentam levantar elementos para argumentar que PC Siqueira não teria perdido sua “essência” em função do “fascínio” que os meios corporativos detêm. Como exemplo temos o comentário a seguir: “Eu achei o programa bastante engraçado... (...) Eu não acho que o programa não ficou com a cara dele... Ele é muito sacana, tirou onda das instruções que deveria seguir na gravação, tirou onda do cenário, e continuou peculiarmente sem nexos...”. Ainda na defesa da microcelebridade, outros justificam que *vlogs* devem mesmo ser um tanto diferentes da lógica televisiva e o elogiam por, mesmo nos meios corporativos, conseguir fugir um pouco dos padrões, do previsível.

⁴⁵ O programa foi ao ar em 17 mar. 2011 e postado no YouTube no dia seguinte. Os comentários apresentados aqui estão transcritos do mesmo modo como postado no site, incluindo erros gramaticais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGLMSwO5_7o&index=84&list=PLr_1kfkSbViF-9m6fakj1Xzoa64JnvdIL>

Enfim, parece inevitável para esses fãs a comparação, positiva ou negativa, do Programa com o Canal *Maspoxavida*. Tacitamente, eles contestam as relações de poder entre as instâncias produtivas nos meios corporativos e digitais. Parece estar implícito, nos comentários contrários à adesão de PC ao mercado, a seguinte questão: “a quem pertence esse discurso que nos está sendo direcionado?” Ou ainda, “quem é o sujeito enunciador nesse espaço, o PC Siqueira da internet ou o mercado de comunicação de massa?” Como se estivessem diante do perigo eminente de “perder” para a indústria do entretenimento a microcelebridade devidamente legitimada por eles em seu ambiente próprio, que é o da Internet. Palfrey e Gasser (2011, p.16) elucidam que os Nativos Digitais⁴⁶ conseguem “ter certo controle sem precedentes sobre seu ambiente cultural” e como percebemos nesse caso, parecem não querer perder esse controle.

Nos vídeos seguintes, lançados pelos fãs em diversos canais do YouTube, evidencia-se um aparente conformismo no espaço dos comentários e raramente se fazem novas comparações com o canal. O Programa PC na TV ficou no ar até o fechamento da MTV Brasil, ocorrido em 30 de setembro de 2013. Após isso, PC Siqueira novamente direciona suas produções ao espaço virtual, dedicando-se especialmente ao Canal *Maspoxavida* e ao Canal *Rolê Gourmet*⁴⁷, lançado em 2012, em parceria com o *videoblogger* Otávio Albuquerque. Nesse Canal os dois trazem receitas culinárias e de drinques. No mesmo ano, PC Siqueira ainda chegou a produzir um outro canal sobre jogos, novamente em parceria com Diego Quinteiro: *Games e Dinos*⁴⁸. Contudo, nesse Canal voltado ao universo dos games não mais tem sido postado vídeos, o último fora publicado em setembro de 2013.

O desenvolvedor de sistemas para web, Diego Quinteiro, por sua vez, também lançou um *vlog* no YouTube em abril de 2010: *O admirável vlog de Diego*⁴⁹. Chegou a contabilizar mais de 82 mil inscritos e obteve cerca de 2,2 milhões de visualizações até a postagem do último vídeo lançado em 07 de junho de 2013. Nesse mesmo ano lançou um blog com seu nome, o qual é alimentado até hoje. Conseguindo, assim, adquirir certa notoriedade na rede, principalmente por suas parcerias com PC Siqueira no *vlog* relacionado aos games e no programa da MTV.

Tanto no espaço do blog quanto no canal do YouTube, a temática principal dos discursos de Diego Quinteiro direciona-se pela defesa das pautas da esquerda, como igualdade social e

⁴⁶ Os autores denominam de Nativos Digitais a geração de pessoas que nasceram depois de 1980 e são familiarizadas, desde pequenos, com as tecnologias digitais.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/oRoleGourmet/featured>>. Acesso em 28 jul. 2014.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/videogamesedinos/featured>>. Acesso em 28 jul. 2014.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/vlogdediego/featured>>. Acesso em 28 jul. 2014.

lutas das minorias. Um dos textos de seu blog, muito replicado na blogosfera, aponta pistas sobre a formação desse posicionamento de esquerda que o mesmo demonstra. É o caso do *post* “O que aprendi na escola pública”⁵⁰ em que Diego conta sua experiência na rede pública de ensino. Nesse texto, ele comenta algumas dificuldades enfrentadas pelos menos favorecidos para conseguir formação educacional básica. Dificuldades essas que depois se refletem quando esses alunos encontram-se diante do vestibular e têm de concorrer com pessoas que tiveram acesso ao sistema educacional privado, normalmente melhor estruturado. Falta de professores ou corpo docente desmotivado por baixos salários e carga horária tripla, falta de infraestrutura na escola e colegas que viviam em realidades que lhes negavam expectativas de um futuro melhor; são fatores elencados por Diego para argumentar que as maiores lições aprendidas na escola pública foram sobre injustiça e desigualdade social.

Destarte, Diego Quinteiro contabiliza hoje mais de 72 mil seguidores no Twitter e mais de 29 mil curtidas no Facebook. Um contingente bem menor que a audiência conquistada por PC Siqueira, mas ainda assim não deixa de ser significativo. Quanto ao este último, mesmo não possuindo mais programa televisivo, ele continua sendo pauta de matérias jornalísticas, com assuntos que abordam desde o problema da depressão até o universo dos *vlogs*.

3.4 O CANAL MASPOXAVIDA

No dia 14 de fevereiro de 2010, Paulo César Siqueira abre o Canal Maspoxavida com a postagem do vídeo intitulado de “Primeiro update”⁵¹. Nesse vídeo PC Siqueira aparece em seu quarto explicando a motivação que o levou a criar o Canal: “não tenho absolutamente nada o que fazer da minha vida, como vocês podem perceber. Então, eu espero que você perca todo o seu tempo assistindo o meu *vlog*. Muito prazer”, diz ele e depois corta para risos. No segundo vídeo⁵², postado no mesmo dia, PC Siqueira se queixa de não ter assistido ao Filme *Avatar*. As duas filmagens foram feitas por seu primo Diego Quinteiro. Começava ali a trajetória do Canal que atualmente conta com mais de 1,6 milhão de inscritos.

Em menos de um mês de criação do Canal ele já contabilizava 500 mil visualizações e em pouco mais de um ano foram publicados 100 vídeos. Normalmente esses vídeos são postados semanalmente e trazem como mote três questões que possuem relação nenhuma entre si, como por exemplo o vídeo em que ele fala sobre dor de cabeça, cinema e inferno. Em quatro

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.diegoquinteiro.com/o-que-aprendi-na-escola-publica/>>. Acesso em 27 jul. 2014.

⁵¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1D6aiBG-wDE>>. Acesso em 28 jul. 2014.

⁵² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R2XlykasZ8U>>. Acesso em 28 jul. 2014.

meses de lançamento do *vlog*, PC Siqueira já possuía uma legião de fãs que, por sua vez, faziam comparações entre ele e outra microcelebridade, o *videoblogger* Felipe Neto. Tanto que os dois fizeram um vídeo⁵³ juntos para explicar que entre eles não havia rivalidade.

Os dois primeiros vídeos postados retratam um pouco o modo despretensioso pelo qual PC Siqueira tratava sua empreitada na internet. Como se dissesse: “estou aqui sendo eu mesmo, tenho nada de muito importante para falar, mas se quiser me ouvir, siga-me”. Nos vídeos que se seguem ele passa a comentar questões que se passavam na sociedade naquele período, mesclando esses acontecimentos com suas histórias de vida e gostos pessoais. Nessas “divagações sobre o banal e o frustrante”, como é descrito o Canal, ele apresenta um sujeito que parecia não se “encaixar” nos padrões sociais. Sentado diante do computador, o garoto de corpo franzino e com problema de estrabismo, um *nerd* – como ele mesmo se define em um dos vídeos – falava para outros *nerds*. Naqueles primeiros vídeos ele se colocava como alguém que andava na “contramão” da maioria e, ao se apresentar assim, conseguiu gerar identificação com muitos que se viam da mesma forma. PC Siqueira dizia não gostar de festas ou baladas, por não se sentir à vontade perto de estranhos e nem ter desenvoltura para dançar, não gostava de cerveja ou outras bebidas alcoólicas e nem de carnaval. Além disso, confessava fazer xixi em pé, algo inusitado para um homem. Fora a questão da dificuldade com relacionamentos afetivos, devido ao problema da timidez.

Essas questões elencadas acima e outras pareciam fazer com que PC Siqueira se destacasse como uma espécie de anti-herói no espaço virtual. Ao expor suas pequenas e grandes mazelas, como não ter conseguido assistir ao filme mais comentado da época ou sofrer continuamente com depressão, ele conseguia gerar identificação com um significativo contingente de jovens que se reconheciam nas falas proferidas por ele. Além de também despertar risos de muitos quando falava sobre as dificuldades que um *nerd* encontra para se relacionar sexualmente com garotas, por exemplo.

Todavia, à medida que adquiria fama, o *videoblogger* foi, aos poucos, se transformando. Mudando seus gostos, opiniões, aparência, desenvoltura frente às câmeras, entre outras coisas. Um exemplo emblemático encontramos no vídeo “Dia dos Namorados, 1994 e Mortal Kombat X”⁵⁴, em que ele, que dizia não gostar de cerveja, faz merchandising da Brahma e reclama sobre feriados nos quais as pessoas se obrigam a dar presentes, como o dia dos namorados. Gerando, assim, polêmica no espaço dos comentários, sobre sua suposta “rendição ao mercado”, porque

⁵³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GyuYRPBKuXQ>>. Acesso em 28 jul. 2014.

⁵⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zBah6T6iAyc>>. Acesso em 28 jul. 2014.

teria passado um tempo sem fazer postagens no Canal e depois retomou a produção com um vídeo patrocinado. Esse é um dos vídeos em que o *videoblogger* mais responde aos comentários. Não obstante é frequente o movimento dos fãs no sentido de apoiar as produções da microcelebridade em questão, seja nesse vídeo ou em qualquer outro em que o mesmo é criticado. Como exemplificamos a seguir nas réplicas e tréplicas coletadas no referido vídeo⁵⁵:

01. Wallace Ocimar diz:

Caralho Pc, pensei que não gravasse mais pra esse canal.

02. Deehrulez diz:

só grava qnd pagam ele.

03. Yan B em resposta a Deehrulez diz:

é a profissão do cara, é OBVIO que ele grava pra ganhar uma grana!
Se tu trampa de gratis, por mais que você curta seu trabalho, boas, congrats!
:)

04. Deehrulez em resposta a Yan B diz:

Eu sei que é a profissão dele Yan, eu reclamei de algo? Curto o PC pra caralho, e sem hipocrisia alguma, eu no lugar dele faria o mesmo. Abrass

Como podemos ver pelo diálogo, estabelecido entre os comentaristas de números 02 a 04, são frequentes os mal-entendidos em conversações *on-line*. Visto que, por meio dos textos escritos não é possível perceber a entonação e os gestos, enfim, o não-verbal que cumpre um importante papel no processo de comunicação. Ressaltamos também que a utilização de merchandising e profissionalização do site é vista por alguns como algo natural e por outros como algo a ser criticado. Como podemos perceber, ainda no mesmo vídeo, na discussão que acontece entre os comentaristas a seguir:

05. andre gomes diz:

O MAIS LEGAL é que deu pra perceber que SÓ sai video quando tem merchan,ou seja,quando pagam ele!!

06. Ferballa SP em resposta a andre gomes diz:

É verdade, e ele está certo André....Você trabalha de graça?

07. andre gomes diz:

ta mas,se todos youtubers só fizessem video quando tem propaganda não haveria youtube, e mais ele ganha pelas views também.

⁵⁵ Os comentários postados de número 01 até o 14 referem-se ao vídeo “Dia dos Namorados, 1994 e Mortal Kombat X” postado em 05 de junho de 2014 no Canal Maspoxada. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zBah6T6iAyc>>. Acesso em 28 jul. 2014.

08. Ferballa SP em resposta a +andre gomes diz:
O Youtube diminuiu muito o valor pago pelos views, não vale mais a pena, por isso ele cancelou o Games & Dinos e o Rolê Gourmet...

09. andre gomes
tudo bem ,mas isso não é justificativa para postar um video a cada 3 meses

10. L. H. Girarde em resposta a +andre gomes diz:
Não sabia que o patrão do PC era um cara com foto de South Park.

As lógicas do site e do próprio Canal são constantemente discutidas pelos comentaristas, que especulam sobre o modo de remuneração dos produtores de conteúdo como PC Siqueira e questionam o direito dele de agir de tal ou qual modo. Entendendo que a legitimação que a microcelebridade detêm no espaço virtual advém dos fãs que o acompanham, alguns “cobram” que o *videoblogger* cumpra o acordo tácito de postar vídeos regularmente e sem interesses comerciais. Este outro telespectador comenta a mudança em função do patrocínio da marca ao vídeo e o próprio PC Siqueira responde à crítica:

11. Julian Gutierrez diz:
o PC se não estivesse a ser pago pra falar bem da troca do dia dos namorados ia dizer:
"F0*a+xi. eu odeio o dia dos namorados e a seleção e quero que tudo exploda. odeio futebol..."
mas como está a ser pago... concorda com a mudança.

12. maspoxavida diz:
Lógico, eu não sou troxa.

13. Julian Gutierrez diz:
hahaha eu sei que não XD

Ainda sobre a questão das transformações apresentadas pelo videoblogger, destacamos que essas foram recebidas de formas distintas pelos fãs. Alguns entendem que esse é um processo natural das pessoas e outros criticam dizendo que o preferiam como ele era antes. Há ainda uma discussão constante sobre as mudanças porque passou o Canal, como poderemos visualizar a seguir:

14. Sephiroth LoveLess diz:
Nossa eu estava vendo uns vídeos antigo nossa PC você mudou pra caramba em,=p tanto no visual,aparência e personalidade, mais isso não é algo ruim afinal nós temos que evoluir não?bom parabéns pelos ótimos vídeos espero que continue fazendo mais, eu sei que você fazia vídeo por que tinha depressão e tal,mais agora é como se fosse um trabalho eu acho (...).

15. Rodolfo Almeida Peixoto diz:

Este vídeo marcou a transformação da personalidade do PC! Realmente ele deixou de ser nerd e virou vida loka, e o que ele disse neste vídeo se cumpriu em sua vida.

Comentário sobre o vídeo “Como é Bom ser Vida Loka e a Crise dos Nerds” postado em 11 de setembro de 2012.

16. Ana Patricia Oliveira Peixoto diz:

Eu acho que vc EVOLUIU. Já gostava do PC do passado e também gosto desse "novo" PC. Sempre me identifiquei contigo, concordando ou discordando de algumas coisas. ;)

Comentário sobre o vídeo “Imbecil da Internet (e da vida) Merchan e Trabalho” postado em 12 de setembro de 2013.

17. Silvano Cosme diz:

Aí "PC"! mudar de opinião, não deve ser considerado uma coisa positiva, porque, isso quer dizer que você estava errado da primeira vez.

Comentário sobre o vídeo “4 anos do Maspoxada” postado em 17 de fevereiro de 2014.

18. Daniel Mesmo diz:

haaa pc .. que isso cara ...! gostava mais quando vc era magrelo, usava óculos, não toma cerveja e mijava sentado ..! agora que vc tá mais maleável não tem tanta graça ... cade o cha de fita com a metralhadora ? na boa .. kkkk ! faz um downgrade aí , essas mudanças aí que vc fez não são com nada ! PS: para de malhar na academia .. tá afetando seu cérebro cara !

Comentário sobre o vídeo “4 anos do Maspoxada” postado em 17 de fevereiro de 2014.

19. Isa Pimpão diz:

lembro de uma das comemorações de aniversário do maspoxada, era alguma coisa que envolvia bombas e terrenos baldios. até a mudança no jeito de celebrar o canal é um indicativo de quanto você mudou nesses quatro anos. hoje é um vídeo de tenho-quase-30-anos e estou referindo sobre a vida. Hahhahah Você amadureceu, pc. O que algumas pessoas pensam é que era mais reconfortante ver um loser, fodido na vida. No meu caso, tô feliz de te ver assim.

Comentário sobre o vídeo “4 anos do Maspoxada” postado em 17 de fevereiro de 2014.

20. H. Rams diz:

Cara, gosto de vc, mas tenho que falar: como vc mudou para a pior, no começo seu canal era MUITO, mas MUITO mais legal! Está se tornando mais um deslumbrado com os gringos, que fica forçando expressões em inglês como vc fez com "let's face it" e "yes, man, this is happening". Respeito os milhões que acham legal os caminhos que o canal vem trilhando, mas talvez não seja apenas eu que esteja um tanto desapontado com suas escolhas, não sei... Enfim, são escolhas suas, o canal é seu, esta crítica deveria ser construtiva mas depende do que você quer construir com isso tudo aqui...

21. Leticia Gomes em resposta a H. Rams diz:

Cara, você fala alguma outra língua? Eu falo, e sei de outras pessoas que falam também que usam expressões da 2 língua. É natural e muitas vezes a gente nem percebe. Shhh

22. LStarlingTV em resposta a +Leticia Gomes diz:

Verdade, más não é só essa questão das gírias gringas q o cara ta tratando. Realmente se for comparar o início do canal com agora o PC mudou bastante (para pior). Todo mundo muda claro, más isso tem afetado o canal negativamente.

22. Spagnollo00 diz:

Como ele mesmo já disse, o canal mostra um pouquinho da vida dele e do que ele vive. Se a vida dele mudou, o canal vai mudar mesmo, é natural. Vc achar que o canal mudou pra pior é o mesmo que achar que a vida dele tinha que continuar daquele jeito de antes, pra não mudar o estilo do canal. Enfim, isso foi ele mesmo que disse, não sou eu que to dizendo...

23. Leo Mag diz:

Nunca comentei em vídeo nenhum (da net em geral), acompanho o canal desde o início, ele criou o canal como uma forma de "sair da depressão", é óbvio que ele mudou, ele não esta mais com depressão, sinto falta de certas coisas do início do canal, mas isso mostra que ele esta seguindo em frente, ele esta sendo feliz, curtindo a vida, coisa que antes ele não fazia (...). Apesar de sentir falta do PC de antigamente eu fico feliz por ele, mesmo com os views diminuindo eu sei que ele esta curtindo mais o canal do que antes, ele continua sendo o mesmo, falando o que pensa (doa a quem doer), zoando todo mundo, a diferença é que hj em dia ele esta feliz, mesmo nas bads (vcs que não gostam de expressões em inglês, CHUPEM) que ele passa, hj em dia ele sabe administrar isso, continuo acompanhando o canal e fico feliz com cada coisa nova ou louca que ele faz, não fico feliz por mim, mas feliz por ele, depressão é coisa séria e as pessoas não dão o devido valor... Acho que a galera tem que ficar feliz por ele estar feliz, não querer que ele fique trancado no apartamento, só pensando coisas ruins apenas para manter o "padrão" do canal, o mesmo surgiu para ele sair da depressão, agora que ele esta bem vcs querem que ele se afunde só para vcs ficarem felizes, isso é egoísmo de vcs, aprendam a gostar da felicidade alheia, vcs serão mais felizes...

Comentários sobre o vídeo "YouTube Space Brasil, Casamento Richthofen e Galinha Pintadinha" postado em 31 de outubro de 2014.

Como podemos perceber a partir desses comentários, ao que parece, a figura do sujeito *nerd*, com dificuldades em suas relações sociais e expondo seus conflitos internos, diante de uma câmera em seu quarto, talvez causasse mais identificação com alguns jovens que vivem situações similares. No entanto, essa nova fase do *videoblogger* também é celebrada por muitos de seus fãs, que criaram uma espécie de afeto por ele e acabam se alegrando de vê-lo crescendo e vencendo o problema da depressão. No vídeo "Palavrão, Cumprimentos e Depressão"⁵⁶ PC

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9fIG7qh8D8g>>. Acesso em 29 jul. 2014.

Siqueira declara ter criado o Canal Maspoxada porque estava deprimido e precisava fazer alguma coisa para se distrair. Ao que tudo indica, aliado a outros fatores, a estratégia funcionou.

Não obstante, é normal que essas mudanças, no modo como PC Siqueira se apresenta na internet, sejam alvo de discussão e conflito entre seus seguidores. Palfrey e Gasser (2011), ao estudarem o fenômeno dos Nativos Digitais, inferiram que são contraditórias as relações entre as identidades pessoal (personalidade) e social (representação dessa personalidade) após o advento da era industrial. Atualmente, vemos uma multiplicidade de possibilidades de experimentação do novo, do diferente: pode-se mudar de cidade, de amigos, de religião, de profissão, vestimentas e uma série de coisas. Contudo, o efeito crucial “da era digital – paradoxalmente – é diminuir a capacidade para controlar sua identidade como ela é percebida pelos outros” (PALFREY; GASSER, 2011, p.29).

Essa problemática da identidade social, que refere-se ao modo como nos apresentamos e somos percebidos pelos outros, não é exclusividade da internet. Mas, com o advento dela, essa questão se intensifica em função dos registros que vão sendo deixados e das conexões que podem ser mantidas mesmo à distância. A menos que se exclua os perfis e as marcações feitas por amigos nas redes sociais, as postagens nos blogs, os vídeos publicados e outros “rastros” que vão sendo deixados no espaço digital, a identidade social das pessoas vai ficando registrada e visível para um contingente de espectadores por um período de tempo indeterminado. De modo que, muitas vezes, esses registros fogem do controle dos sujeitos impedindo-os de “desfazer” ações que se mostram prejudiciais para suas carreiras, por exemplo.

Não obstante, os jovens e também os adultos frequentemente estão usando a internet para compartilhar suas informações pessoais e moldar as representações de suas identidades, em alguns casos, tendo como base a “avaliação das possíveis compensações *versus* possíveis riscos” (PALFREY; GASSER, 2011, p.33). Ao expor suas opiniões, problemas de depressão, dificuldades de relacionamento, estrabismo e outros pormenores cotidianos, PC Siqueira adquiriu notoriedade no ambiente digital, tornando-se, dessa forma, uma microcelebridade.

Contudo, o mesmo não acontece com todas as pessoas que resolvem se expor nesse espaço. São emblemáticos os exemplos de profissionais que tiveram sérios problemas em suas carreiras devido ao compartilhamento de opiniões agressivas e preconceituosas. Como é o caso de um copiloto e de uma professora universitária do Rio de Janeiro que postaram mensagens discriminatórias em seus perfis na rede social Facebook⁵⁷. O primeiro fez comentários

⁵⁷ Matérias para os casos disponíveis em: < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,piloto-da-avianca-e-demitido-apos-xingar-nordestinos-no-facebook,1146351>> e <

carregados de preconceito contra os nordestinos por ter se irritado com o atendimento de um restaurante da cidade de João Pessoa-PB e a segunda ironizou a roupa que um homem usava no aeroporto, como se ele não estivesse adequado para aquele ambiente. Os dois apagaram as postagens e emitiram pedidos de desculpas, ainda assim foram afastados de seus empregos. Como nos lembra Shirky (2010) as conversações efêmeras do cotidiano, quando realizadas através da internet, adquirem dois aspectos antes reservados aos profissionais de mídia: acessibilidade e permanência. Palfrey e Gasser (2011) salientam também que os atores sociais muitas vezes entendem esses espaços de redes sociais digitais como sendo mais privados do que realmente são. Talvez, por isso, os profissionais citados publicaram suas opiniões sem aparentemente avaliar os riscos que correriam caso os enunciados se tornassem públicos, o que de fato ocorreu. Os discursos proferidos por eles se tornaram permanentemente acessíveis ao público, não importa o que façam para mudar isso. E, como não há separação entre o on-line e o *off-line*, as consequências de suas ações tiveram impacto considerável em suas vidas.

Do mesmo modo, as transformações ocorridas na vida da microcelebridade PC Siqueira também se refletiram nos modos pelos quais ele passou a conduzir as produções veiculadas no Canal Maspoxada. A melhora no humor, o modo mais performático de se portar diante das câmeras, o uso de álcool e as idas às festas, a maneira mais reflexiva de tratar de questões sociais, tudo isso foi percebido pelos fãs, pela maioria deles como um amadurecimento do personagem e do Canal. De alguém que normalmente não comentava sobre política, após o vídeo “Globo e os Protestos”, PC Siqueira passou emitir mais opiniões sobre essas questões. Veiculando, por exemplo, o vídeo “#DesçaDoMuro” que trazia sobre sua posição e a de Diego Quinteiro durante as eleições presidenciais de 2014 e depois outro (Falando de Política Feat. João Carvalho AKA louco do saco) com conceitos básicos referentes ao contexto da ciência política. Como era previsível, os dois foram amplamente debatidos, como ocorreu com o vídeo “Globo e os Protestos”, sobre o qual enfocamos este estudo.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

O processo de fabricação pensada do objeto dessa pesquisa colocou-nos diante de grandes desafios. Nos deparamos com a complexa tarefa de delimitar que aspectos seriam analisados dentro o universo dos múltiplos liames discursivos, presentes no espaço destinado aos comentários do vídeo em questão. A medida em que a pesquisa avançava fomos, aos poucos, entendendo o que, de fato, nos interessava observar. Existem tantos modos, caminhos que poderiam ser percorridos para a análise de um objeto. O desafio é saber qual deles nos conduziria a explicitação da problemática por nós suscitada.

A riqueza das redes virtuais contribui ainda mais para a complexidade dessa tarefa. No turbilhão dos acontecimentos ocorridos em junho de 2013, muitos foram os espaços ocupados para discussão sobre os protestos. Espaços institucionais, informais, presenciais, virtuais e outros. Dentre esses espaços, escolhemos trabalhar com o universo virtual. Mas, como afirma Adriana Braga (2011), existem muitas “internets na Internet”. Assim, uma delas precisava ser escolhida. Elegemos o espaço simbólico do YouTube, pela riqueza de conteúdos nele veiculados e por entendermos ser ele um espaço público articulador de encontros com potencial para a diversidade discursiva. Visto que, essa mídia permite não apenas a assistência de materiais audiovisuais, mas também o registro e o entrecruzamento das opiniões dos receptores.

O comentário, segundo Foucault (1996), permite a construção de uma série indefinida de outros novos discursos, distintos daquele proferido inicialmente. Dentre essa multiplicidade de novos discursos que surgiram a partir do vídeo “Globo e os Protestos”, escolhemos observar, preferencialmente, aqueles que se desdobravam em conversações sobre política. Assim, não nos prendemos na análise da estrutura ou da organização sistemática que confere o sentido da prática social discursiva, para ver, por exemplo, as estratégias de poder que o discurso engendra. Nosso foco foi a observação dos métodos e das estratégias que os próprios sujeitos utilizam para estabelecer conversações sobre política. Destarte, empreendemos uma abordagem etnometodológica do discurso, que privilegia, entre outras coisas, a observação dos modos pelos quais os sujeitos interagem numa conversa espontânea (BRAGA, A. E RODRIGUES, 2014).

A fim de alcançar os objetivos propostos pelo presente projeto – que se resumem em entender os processos de conversação sobre política no espaço destinado aos comentários do vídeo “Globo e Protestos” – realizamos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Para a realização desse estudo de caso, adotamos como procedimentos metodológicos: (a) a pesquisa teórica e documental; (b) a análise das conversações, organizadas em categorias analíticas de acordo com as recorrências evidenciadas no processo argumentativo; (c) a

observação dos comentários que tangenciam a díade “direita” e “esquerda” para ver os pontos de intersecção entre eles e a teoria elaborada por Bobbio (2001) e (d) a identificação e explanação das estratégias discursivas utilizadas pelos *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro no vídeo “Globo e os Protestos”, tendo como suporte metodológico o esquema de análise dos discursos proposto por Pinto (1999).

4.1 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conjunto de práticas metodológicas citadas foi empreendido de forma que pudesse abranger todos os níveis do processo de construção da pesquisa, visto que compartilhamos das ideias de Bonin (2011, p.8) ao conceber a metodologia como “dimensão que norteia, orienta, encaminha” todo o percurso de fabricação pensada do objeto. Essas práticas nos permitiram caminhar no sentido de consolidação da problemática da pesquisa.

O procedimento metodológico da pesquisa exploratória será executado visando uma aproximação em direção ao fenômeno concreto, objeto de estudo dessa dissertação. Assim, essa prática metodológica será abordada com vistas à aplicação do método do estudo de caso, que de acordo com Yin (2005, p. 20 *apud* Oliveira, 2007, p.55) “permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real”. Conforme mencionado, optamos pela abordagem qualitativa na pesquisa, que pode ser entendida “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2007, p.37).

Para a pesquisa teórica realizamos levantamento bibliográfico, a fim de atender às demandas conceituais do objeto investigado. O corpus teórico desta pesquisa contou com três bases principais como formadoras de problematização do objeto, elas estão centradas: no estudo sobre a internet enquanto espaço público onde são estabelecidas conversações sobre questões políticas; na discussão a respeito da formação de formas distintas de sociabilidade e conflito engendradas nas redes sociotécnicas; e nas características do YouTube enquanto mídia digital que comporta estratégias massivas e enquanto ambiente fomentador de circulação de sentidos sobre diversos assuntos, entre eles, a política.

A pesquisa documental foi empreendida no sentido de situar a pesquisa nos múltiplos contextos em que ela está inserida. Essa pesquisa, de acordo com Oliveira (2007, p.69) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes,

gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”. Todo esse esforço de procurar subsídios para a construção da contextualização se dá no intuito de enriquecer e posicionar a problemática da pesquisa no cenário social do qual ela faz parte.

4.2 A VISADA ETNOMETODOLÓGICA DO DISCURSO

A etnometodologia estuda os procedimentos que os próprios atores sociais utilizam para trazer sentido às suas ações habituais. Braga e Rodrigues (2014) explicam que o movimento fundante do que viria a ser a etnometodologia surgiu em meados da década de 30 nos Estados Unidos, a partir dos ensinamentos de Alfred Schütz (1899-1959). Mas, somente na década de 40 essa terminologia foi inventada e apresentada por Harold Garfinkel na sua tese defendida em Havard⁵⁸. Essa perspectiva de pesquisa se constitui não como metodologia, mas sim como uma postura intelectual (COULON, 1995).

O ponto de vista etnometodológico tem como pressuposto ser não um conjunto de procedimentos para que o pesquisador realize sua pesquisa, mas ser uma atividade, uma maneira de encarar a realidade social construída pelos sujeitos. Assim, a etnometodologia visa não o fornecimento de métodos para a pesquisa, mas sim o estudo dos métodos que os atores sociais usam para conferir sentidos e ao mesmo tempo realizar suas práticas cotidianas, entre elas a comunicação (BRAGA, A. E RODRIGUES, 2014; COULON, 1995).

Nesse sentido, Braga e Rodrigues (2014) salientam o potencial analítico da chamada “abordagem etnometodológica do discurso” para a explanação dos fenômenos de trocas discursivas, não apenas em contextos presenciais, mas também nas redes telemáticas. Os autores ainda explicam que, enquanto a análise do discurso convencional realiza uma abordagem das interações discursivas como algo complementar ao sentido do que é dito, a postura etnometodológica, por sua vez, considera que o sentido do que as pessoas dizem está intimamente relacionado ao contexto interacional em que as trocas são efetuadas. Desse modo, acreditamos que essa abordagem se constitui como mais adequada à nossa pesquisa, por privilegiar não apenas o discurso emitido, mas o modo pelo qual ele se entrecruza com outros em contextos de conversação social.

Para esclarecer ainda mais a diferenciação entre essas duas formas de observação dos discursos, Adriana Braga e Adriano Rodrigues (2014, p.17) explicam que:

⁵⁸ Título do trabalho: “*The Perception of the Other: A Study in Social Order*” defendido em junho de 1952.

A análise crítica do discurso [adotada pelos cientistas sociais] tem sobretudo a preocupação de descobrir e de criticar as ideologias veiculadas e inculcadas pelos discursos estudados, tais como as ideologias racistas, sexistas ou imperialistas, servindo assim propósitos de denúncia de agendas, explícitas ou implícitas. [...] As abordagens etnometodológicas, por sua vez, estão preocupadas em observar o que as pessoas fazem quando interagem umas com as outras, utilizando os recursos da linguagem.

Observar os modos pelos quais as pessoas se comportam e as estratégias que utilizam enquanto discutem sobre questões políticas no YouTube é o que nos propomos a realizar nessa pesquisa. Assim, nos apoiamos nesse projeto científico para analisar como os próprios internautas, ao estabelecerem trocas argumentativas, constroem sentidos para a realidade social a qual estavam inseridos enquanto participantes dos protestos de junho de 2013. Utilizando como instrumento de pesquisa a observação não-participante, colhemos os mil primeiros comentários postados no vídeo citado – dentre um universo de 27.130 comentários. Os quais foram postados entre os meses de junho a julho de 2013. Os comentários foram armazenados em 3 arquivos Word for Windows, permitindo a agilidade na busca do material.

Desse universo de comentários colhidos, selecionamos qualitativamente aqueles que melhor se adequavam aos objetivos dessa pesquisa. Assim, o critério adotado para seleção dos comentários analisados foi o da pertinência desses com as bases teóricas e conceituais abordadas neste estudo. A partir dos contatos realizados com o objeto empírico, percebemos que, em suas interações uns com os outros, os comentaristas costumam travar discussões acentuadas, acerca de pontos de vista diferenciados em relação à concordância ou não com aquilo que foi exposto nos vídeos. Por isso, levantam argumentos contra o que os atores midiáticos expuseram em formato audiovisual e contra o que os outros participantes daquele contexto escreveram em seus comentários. Portanto, na análise empírica, nossa intenção primordial é observar as relações discursivas estabelecidas entre os interagentes, a partir de seus comentários.

4.3 A DÍADE “DIREITA” E “ESQUERDA”

A partir das observações feitas foi possível perceber que a empiria da pesquisa, no que tange aos comentários sobre as teses “direita” e “esquerda”, demonstra pontos de intersecção com as conceitualizações elaboradas por Bobbio (2001). Dessa forma, buscamos mapear esses pontos de encontro, a fim de propor uma esquematização sobre como a teoria envolvendo essa díade se relaciona com a prática discursiva sobre ela. Bobbio (2001) afirma que apesar de serem carregadas de descrédito, essas teses não podem ser negadas. Porque elas insistem em operar

plenamente na política e em se fazer presente no imaginário e na vida cotidiana, desde quando começaram a ser empregadas no período da Revolução Francesa, nos fins do século XVIII. Naquela situação, o governo francês estava diante de uma grave crise econômica que atingia amplos setores da sociedade. Por isso, o Rei Luís XVI organizou uma eleição em que representantes políticos votariam medidas que pudessem sanar tais problemas. Durante essas reuniões, foi constatado que as tendências políticas da Assembleia Nacional se viam espacialmente distribuídas. Na ala direita do plenário, sentavam-se os membros do funcionalismo real, os nobres proprietários de terra, os burgueses enriquecidos e alguns clérigos que recusavam qualquer tipo de reforma que atingisse seus antigos privilégios. Na ala esquerda do mesmo local, os membros da pequena e média burguesia e demais simpatizantes buscavam uma grande reforma que aplacasse a grave crise nacional com medidas que garantissem melhorias na vida da população pobre. Portanto, a díade “trata-se de uma banal metáfora espacial, cuja origem foi inteiramente casual e cuja função tem sido apenas a de dar um nome, de dois séculos aos dias de hoje, à persistente (...) composição dicotômica do universo político” (BOBBIO, 2001, p.83).

Ainda hoje, é fácil perceber a vivacidade da distinção, “direita” e “esquerda”, nos debates ocorridos no ambiente da internet brasileira. Ainda mais nesse ano de 2014, período de eleição presidencial. Nessa perspectiva, a militância vê nessas posições uma possibilidade de alinhar-se a partir da sua identificação partidária e/ou ideológica, formando um “‘nós’: nós de direita, vocês de esquerda, ou vice-versa” (BOBBIO, 2001, p.11). No caso do vídeo tomado como objeto dessa pesquisa, a construção discursiva dos *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro segue a seguinte lógica: nós [os manifestantes] somos um movimento de esquerda porque lutamos pela igualdade e inclusão social – que se daria por meio da redução da tarifa dos transportes públicos, por exemplo – enquanto que a direita [representada pela Globo, nesse caso] se orienta por lutas opostas, como meritocracia e o livre comércio de serviços privados.

Enquanto os *videobloggers* emitiam suas opiniões, os internautas que os assistiam construía e comentavam suas próprias observações sobre as ideias postadas no vídeo. Uns concordavam de pronto, outros discordavam apresentando novos argumentos para negarem a narrativa postada. É na circulação dos sentidos sobre “direita” e “esquerda” e na (re)negociação da identidade sociopolítica que os comentaristas do vídeo “Globo e os Protestos” atribuem a si mesmos e aos protestos de junho de 2013, que se concentra nossa análise neste tópico. Buscou-se, na observação, a compreensão sobre o complexo movimento de vinculação de sentidos que os manifestantes presentes naquele espaço midiático do YouTube tentavam construir para o grupo.

4.4 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO VÍDEO “GLOBO E OS PROTESTOS”

Tendo em vista que é a partir da assistência do vídeo “Globo e os Protestos”, produzido por PC Siqueira e Diego Quinteiro, que se desdobram as conversações estabelecidas pelos comentaristas, começamos a análise empírica observando as estratégias e táticas discursivas presentes nesse material audiovisual. Adotamos como suporte metodológico os conceitos referentes às estratégias de enunciação propostos por Pinto (1999). Segundo esse autor, na prática social discursiva as pessoas fazem uso da linguagem e outros sistemas semióticos (imagéticos, por exemplo) com três funções básicas: função de mostração, interação e sedução.

A primeira delas, consiste em “designar e descrever as coisas ou pessoas de que se fala” (PINTO, 1999, p.61). Essa função é acionada no sentido de apontar ao interlocutor o universo do discurso que se deseja construir naquele ato comunicativo. A função de interação, por sua vez, refere-se à busca por estabelecer relações com o receptor, “na tentativa de cooptá-lo e de agir sobre ele ou sobre o mundo por seu intermédio” (PINTO, 1999, p.63). E, por fim, o autor aponta a estratégia de sedução como responsável por atribuir sentidos positivos ou negativos para as coisas, pessoas ou acontecimentos de que se fala.

Vale ressaltar que o autor trabalha essas funções de forma separada apenas com fins didáticos, visto que elas estão absolutamente imbricadas no processo comunicativo. É importante destacar também que ao tratar dessas funções presentes nos discursos, Pinto (1999) buscava trazer a publicidade e também o jornalismo para a análise discursiva. Ele se concentrava, sobretudo, no que tange aos textos e imagens produzidos por esses campos da comunicação. Contudo, acreditamos que esses pressupostos apontados pelo autor muito nos auxiliarão na tarefa de apontar e refletir sobre as estratégias enunciativas adotadas por PC Siqueira e Diego Quinteiro no vídeo observado.

Acreditamos que, a partir dos pressupostos metodológicos apresentados, poderemos abordar em profundidade os principais aspectos da empiria em questão. Para assim, conseguirmos dar conta da complexidade envolvida no objeto tomado para análise. Ressaltamos, ainda, que o foco principal dessa análise são as conversas estabelecidas no espaço destinado aos comentários. Contudo, como os comentaristas se engajam no processo argumentativo a partir da assistência do vídeo e como abordam principalmente a validade e os sentidos da díade “direita” e “esquerda”, entendemos ser fundamental para a análise das conversações a abordagem desses pontos. Para que possamos, então, cumprir satisfatoriamente os objetivos propostos pela pesquisa.

5 ANÁLISE: FLUXOS COMUNICACIONAIS NO VÍDEO "GLOBO E OS PROTESTOS"

Sabemos que o papel de autoridade e interpretação dos acontecimentos sociais normalmente é desempenhado, principalmente, pelos meios de comunicação corporativos. Além disso, ainda que porta-vozes não sejam interpelados pelos agrupamentos, mesmo assim sujeitos e instituições detentores de certo capital simbólico (BOURDIEU, 2007), se erguem procurando, a todo custo, definir socialmente os grupos recém-construídos.

Ocorreu desse modo em junho de 2013, veículos da imprensa, perplexos com o rumo dos protestos, estavam a todo o momento buscando explicações em analistas conceituados – que também ainda não conseguiam entender a conjuntura política vivida no período. Faziam isso porque precisavam responder às questões básicas que compõem a prática jornalística, entre elas, a obrigação de apontar quem eram os líderes dos protestos. Enquanto isso, os ativistas organizavam-se a si próprios autonomamente nas redes digitais, de forma pluralista e heterogênea. Criando um movimento popular com muitos corpos e sem uma cabeça (GOMES, B., 2013).

Parecia existir naquele momento uma sensação de necessidade de participar e contribuir de alguma forma com o inédito movimento político pelo qual o país passava. Então, mesmo sem lideranças definidas, cada pessoa – fosse celebridade, microcelebridade ou anônimo – parecia sentir-se no “dever” de fazer algo: prestar apoio através de redes sociais, participar dos protestos nas ruas, registrar e compartilhar as cenas de agressões aos manifestantes e etc. Cada um exercia a cooperação de acordo com seus interesses e, acima de tudo, o componente do estar-juntos, do pertencimento e da emoção vividos em comum pareciam estar latentes naqueles que se congregavam em torno do ato de protestar.

Buscando cooperar, através do direcionamento sobre o entendimento da inclinação política dos protestos, é que PC Siqueira se aliou ao Diego Quinteiro para produzirem o vídeo “Globo e os Protestos”. Ao indicar a identidade sociopolítica dos protestos de junho de 2013, esses *videobloggers* esperavam que os seus espectadores recusassem a cobertura da mídia corporativa – especialmente a da TV Globo – e que não mais hostilizassem a participação de partidos políticos – especialmente os situados no espectro ideológico da esquerda. A reação dos internautas, demonstrada nos comentários, por sua vez, foi a de engatar um processo de contestação dos argumentos expostos no vídeo e de (re)negociação da identidade sociopolítica do agrupamento, como denotam os comentários analisados. Antes de partirmos para a discussão

sobre as trocas argumentativas presentes nesses comentários, buscamos realizar uma breve análise sobre as estratégias presentes no vídeo que pautou as conversações tomadas como objeto empírico desta dissertação.

5.1 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO VÍDEO “GLOBO E OS PROTESTOS”

Iniciamos a análise destacando os aspectos textuais (função de mostração) da fala dos *videobloggers*. Nesse ponto, nos concentramos em apontar o universo de discurso que estaria em jogo naquele vídeo e como os protagonistas estabelecem as relações entre: os protestos, a díade “direita” e “esquerda”, a Rede Globo e os partidos políticos de esquerda. Depois, buscaremos analisar o papel da encenação criada entre eles para personificar a díade “direita” e “esquerda”, a fim de entender como essa estratégia opera num sentido pedagógico no intuito de causar uma aproximação entre eles os internautas que os assistem (função de interação). Concluimos esse tópico com o exame dos sentidos (positivos e negativos) e das reações afetivas (favoráveis e desfavoráveis) atribuídos aos objetos de que eles falam no vídeo estudado, para assim observarmos o emprego da função de sedução presente no ato discursivo em questão.

5.1.1 Estratégia de mostração: o universo discursivo do vídeo

Com duração de seis minutos e dezoito segundos, o vídeo “Globo e os Protestos” apresenta uma estrutura narrativa dividida em cinco momentos distintos. Nos quais são abordados os seguintes objetos: os protestos, a díade “direita” e “esquerda”, a emissora de televisão Rede Globo e os partidos políticos de esquerda. Nos primeiros vinte segundos os *videobloggers* introduzem o assunto mote daquele vídeo: os protestos de junho de 2013. Em seguida, lançam o questionamento sobre o que significa a díade “direita” e “esquerda”, para, então, iniciarem uma encenação em que a personificam e concluem que os protestos são de esquerda. Nos dois minutos seguintes, salientam que a grande mídia, em especial a Rede Globo de Televisão, queria tirar o caráter político dos protestos porque ela é de direita. Por isso, nas coberturas realizadas pelos telejornais, estariam dando ênfase na repressão à participação de partidos de esquerda. Conduzindo ao desfecho do vídeo, PC Siqueira e Diego Quinteiro pedem que os manifestantes não hostilizem os partidos de esquerda, para não causar divisão no movimento, como a Globo, segundo eles, desejava que acontecesse.

O término da maioria dos vídeos do Canal acontece com trechos que foram “cortados” após o material ser editado, como uma espécie de *making off*. Nesse caso, depois de cinco minutos de vídeos com o conteúdo discursivo supracitado, aparece a logomarca do Canal e em seguida são expostas cenas da participação dos *videobloggers* em um protesto. O que se percebe nessas cenas dos protestos é algo como um “efeito manada” evidenciado pelas reações dos manifestantes que se põem a xingar PC Siqueira depois que um deles começa.

Em termos visuais o vídeo conta apenas com um fundo preto com iluminação branca, sem nenhum elemento, destacando-se assim pela sobriedade. Não há nada no vídeo que possa chamar a atenção do espectador além da imagem e discurso de PC Siqueira e Diego Quinteiro. O tom enunciativo destes, por sua vez, é sério e segue uma linha de raciocínio bem estruturada, com forte conexão entre um argumento e outro. Destoando, assim, do modo “*nonsense*” como são tratados os assuntos explorados nos outros vídeos do Canal.

5.1.2 Estratégia de interação: personificação da díade

Ao personificar os conceitos abstratos “direita” e “esquerda”, os *videobloggers* puderam trabalhar no sentido de gerar uma aproximação e identificação entre as ideias desses polos e o público a quem eles estavam se dirigindo. Diego Quinteiro, vestido de camisa vermelha – cor que segundo eles seria símbolo da esquerda –, encena o papel de alguém de esquerda e PC Siqueira, usando terno, óculos de sol e chapéu, faz o personagem posicionado à direita no espectro político. Se apenas expusessem uma conceituação para a díade provavelmente não teriam obtido o resultado alcançado. Tendo em vista que, apresentar alguém que se coloca naquela posição e expõe os ideais que o pautam torna o discurso mais palpável, humaniza aquilo que alguns tomam como apenas abstrações, unicamente restritas ao universo político institucionalizado.

Figura 1: Diego Quinteiro personifica a esquerda



(Fonte: GLOBO..., 2013, *On-line*)

Figura 2: PC Siqueira personifica a direita



(Fonte: GLOBO..., 2013, *On-line*)

Discurso do personagem de esquerda:

- Eu sou a favor da distribuição de renda;
- Sou a favor de se distribuir o dinheiro entre todas as pessoas;
- Eu sou a favor da inclusão social;
- Eu acho que todos devem ter acesso a serviços que só quem é da elite ou quem é rico tem acesso;
- Eu sou a favor de serviços públicos. Eu sou a favor de transporte barato ou gratuito, de educação gratuita e de hospital grátis para todo mundo.

Discurso do personagem de direita:

- Eu sou a favor do acúmulo de capital;
- Eu sou a favor de que as pessoas possam ficar ricas, não importa se isso faça com que as outras pessoas fiquem pobres;
- Eu sou a favor da meritocracia e do livre comércio;
- Eu sou a favor de que as pessoas tenham acesso a serviços de acordo com o sucesso que elas têm financeiramente, sem intervenção do governo;
- Eu sou a favor de serviços privados. Eu sou contra pegar o dinheiro do imposto, que eu pago trabalhando tanto, para pagar serviços de graça para outras pessoas.

Diante desses enunciados percebemos que para as microcelebridades o principal ponto de inflexão entre a esquerda e a direita diz respeito ao modo como lidam com a questão da igualdade por um lado e da liberdade por outro. Do mesmo modo que eles, Bobbio (2001) também acredita que a aspiração à igualdade é a razão fundamental dos movimentos de esquerda. Contudo, o autor não trata com juízo moral o fato de a característica principal dos movimentos de direita ser o inegalitarismo. Pois, para ele,

a direita não é inigualitária por más intenções (...) mas porque considera que as desigualdades entre os homens são não apenas inelimináveis (ou são elimináveis apenas com o sufocamento da liberdade) como são também úteis, na medida em que promovem a incessante luta pelo melhoramento da sociedade (BOBBIO, 2001, p.38).

Não obstante, o ideal da liberdade pode ser pregado tanto pela direita como pela esquerda. Para a direita ele seria um meio de ascensão dos indivíduos e da sociedade, para a

esquerda seria um fim. Bobbio (2001, p.37) explica que o que transforma um movimento de esquerda num movimento libertário “é o fim ou resultado a que se propõe: a derrubada de um regime despótico fundado na desigualdade entre quem está em cima e quem está em baixo na escala social”. Assim, a esquerda luta pela liberdade de ser igual. Isso porque os ricos possuem uma liberdade que pode ser usufruída efetivamente, enquanto que o pobre conta com uma liberdade em potencial.

O autor ressalta ainda que esse critério da igualdade é relativo e dizer que ela é o mote fundamental dos movimentos de esquerda não quer dizer que a direita deseje uma desigualdade total. Segundo ele, esse conceito de igualdade é relativo a três variáveis que devem ser consideradas sempre que se introduz esse discurso sobre direita e esquerda. São elas: “igualdade entre quem, igualdade em relação a que, igualmente com base em qual critério?” (BOBBIO, 2001, p.24). Como se pode perceber no discurso dos *videobloggers*, a esquerda, com relação à primeira questão, tende a apresentar uma resposta mais extensiva: todos. Assim, Diego Quinteiro, representando a esquerda, diz ser a favor de que todos tenham acesso a serviços reservados à elite. Quanto à segunda, a esquerda normalmente dá preferência aos direitos humanos fundamentais, por isso Diego fala de gratuidade em serviços como saúde, educação e transporte; já com respeito à terceira, “tende-se a considerar como mais de acordo com a esquerda os critérios da necessidade e do trabalho, e mais de acordo com a direita os critérios do mérito e da posição social” (BOBBIO, 2001, p.24). Desse modo, enquanto o personagem de Diego Quinteiro se coloca a favor de que todos tenham acesso a tudo que necessitam, o de PC Siqueira defende que esse acesso se dê por meio do mérito.

Assim, as respostas aos esses questionamentos citados acima podem variar conforme quem as responde: a igualdade pode ser entre todos, muitos ou poucos; pode se referir aos direitos humanos, as oportunidades, facilidades econômicas ou posições de poder; e os critérios pelos quais ela se concretiza podem ser o da necessidade, do mérito, da capacidade, da posição social e outros mais; e “no limite a ausência de qualquer critério, que caracteriza o princípio maximamente igualitário, que proponho chamar de ‘igualitarista’: ‘a todos a mesma coisa’” (BOBBIO, 2001, p.113). Em algumas situações esses critérios (mérito, capacidade, necessidade e etc.) podem coexistir ou serem aplicados mediante a exclusão do outro. No seio de uma família, por exemplo, o critério da necessidade pode ser combinado com o do mérito. Num vestibular ou concurso o critério adotado é o mérito, mas com o sistema de cotas leva-se em conta também o critério do reconhecimento da falta de oportunidades iguais para todos.

5.1.3 Estratégia de sedução: atribuição de sentidos e afetos aos objetos descritos

Como pudemos perceber pela transcrição das falas referentes aos personagens que encenavam a esquerda e a direita, foram atribuídos sentidos a esses objetos. Pinto (1999) comenta que nas práticas discursivas são utilizados sentidos, positivos e negativos, e afetos, favoráveis e desfavoráveis, para descrever os objetos de que se fala. Esses sentidos e afetos dependem dos interesses dos sujeitos enunciadore e do contexto em que falam.

Fica evidente na encenação de Diego Quinteiro que um dos maiores atributos da personificação da esquerda seria a solidariedade, um sentido positivo, portanto. Enquanto que através do personagem do PC Siqueira busca-se denotar um sentido negativo de egoísmo para a direita. Além disso, enquanto Diego Quinteiro fala de forma natural e branda, PC Siqueira utiliza entonação de voz que demonstra certa arrogância. Podendo provocar, dessa forma, afetos favoráveis de um lado e desfavoráveis de outro.

Bobbio (2001, p.39) destaca que essa atribuição de sentidos à díade dificilmente deixa de recorrer a juízos de valor. Assim, “quem se considera de esquerda, do mesmo modo que quem se considera de direita admite que as respectivas expressões estão referidas a valores positivos”. Pois utilizam o significado emotivo das palavras. Isso porque, a díade carrega em si uma conotação axiológica muito forte, de modo que, quem pertence a um dos alinhamentos tende a definir a própria parte com palavras positivas e a outra, ao contrário, com palavras negativas. Nesse vídeo específico, apesar de deixar muito explícita a posição política a que estavam vinculados, PC Siqueira e Diego Quinteiro não se autodeclararam de esquerda. Porém, em outro vídeo, intitulado #DesçaDoMuro, eles mais uma vez atribuem sentidos positivos à esquerda – além de acrescentarem mais questões referentes às pautas de esquerda contemporâneas, como a luta de minorias LGBT –, e assumem abertamente que são de esquerda e incentivam seus seguidores a fazerem o mesmo.

5.2 AS TROCAS ARGUMENTATIVAS NOS COMENTÁRIOS DO VÍDEO "GLOBO E OS PROTESTOS"

A partir das observações que fizemos, a respeito da circulação de sentidos no espaço dos comentários, pudemos eleger categorias de análise que nos permitiram refletir sobre os procedimentos que alguns espectadores utilizaram para fazer seguir adiante o conteúdo que receberam no vídeo “Globo e os Protestos”. A seguir, passamos a discutir os resultados dessa

coleta e sistematização dos dados, a fim de ponderar sobre as discussões levantadas, as lógicas, regras e métodos que são experimentados tacitamente nesse exercício argumentativo engendrado pelos comentaristas do vídeo. A medida em que fomos observando esses procedimentos, evidenciados na prática discursiva, buscamos também uma articulação entre eles e o referencial teórico trazido ao longo da dissertação.

Ressaltamos ainda as dificuldades encontradas no processo de análise desses comentários. Visto que, o fluxo das conversas *on-line* é tão assíncrono e se constrói de forma tão ramificada que por vezes torna-se complicado acompanhar o debate. A arquitetura do site YouTube permite que se saiba quem responde a quem. Sendo que um comentário gera um número infindável de outros comentários e essas respostas, por sua vez, geram outras. O que resulta em uma “cadeia” argumentativa por vezes difícil de acompanhar. Salientamos também que muitos comentários traziam nuances diversas, de modo que tentamos agrupá-los com base naquilo que mais se destacava no discurso enunciado.

5.2.1 Categorias de análise

Após repetidas leituras do material coletado, que somaram um total de mil comentários – os primeiros postados após a publicação do vídeo – elencamos as seguintes categorias de análise que serão discutidas nesse tópico:

Quadro 1: Proposta de categorização dos comentários coletados.

Categoria	Número de comentários
Discussões sobre a díade a partir de três prismas: descritivo, axiológico e histórico	369
Sobre os protestos e a inclinação sociopolítica dos manifestantes	79
Sobre o papel e posicionamentos da Rede Globo e mídia corporativa	76
Críticas ao modo tendencioso pelo qual é feita a distinção da díade	74
Elogios ao vídeo e aos protagonistas, especialmente PC Siqueira	68
Desautorização da díade a partir da negação de um dos polos	44
Críticas e desqualificações rasas	47
Sobre a suposta hipocrisia de PC Siqueira e da esquerda como um todo	38
Argumentos sobre a crise das ideologias	18
Outros	184

Fonte: Elaborado pela autora.

a) discussões sobre a díade a partir de três prismas: descritivo, axiológico e histórico

Noberto Bobbio (2001) aponta que para explicar a díade, é possível recorrer a um uso descritivo, axiológico ou histórico. No caso do vídeo “Globo e os Protestos” observa-se o uso axiológico presente na encenação dos personagens de direita e esquerda. No caso dos comentários postados observamos alguns internautas fazendo uso dos três prismas para discussão desses posicionamentos. Nesse sentido, determinadas questões constantemente foram alvo de disputas argumentativas, como o funcionamento dos sistemas capitalista, socialista e comunista no mundo – tanto na atualidade quanto no passado. Além disso, para atacar um dos lados da díade ou um dos sistemas socioeconômicos em debate, muitos comentaristas frequentemente recorriam à crítica aos indivíduos que, segundo eles, seriam os percussores ou expoentes da ideologia ou forma de governo em questão. Essas críticas, contudo, não poderiam ser lançadas sem que fossem apresentadas as fontes que serviam de sustentação aos argumentos elencados. Essas e outras questões podem ser identificadas na sequência de comentários que seguem⁵⁹:

1. Lu cas em resposta a ModiBerserker
Opa, aqui tem um problema. Quer dizer então que você não quer aceitar a ideia que muitos colocam aqui que o comunismo nunca ocorreu, e que nunca realmente tivemos pessoas fieis a ideologia socialista e comunista, mas quando se trata de direita, apenas aqueles que realmente seguem sem se desviar dos ideias de direita podem ser aceitos como de direita?
2. ModiBerserker em resposta a Lu cas
Vejam assim, a direita sempre pregou a moral e os bons costumes, o comunismo prega que as mulheres devem deixar seus maridos e serem prostitutas, marx pregava isso, e VÁRIOS pensadores de esquerdas influentes, como o proprio marx, apoiavam massacrar os outros, a direita sempre pregou honestidade, hora, moral, etc etc etc.
3. Lu cas em resposta a ModiBerserker
É de impressionar a quantidade de informações novas que me vem de você, inteiramente desconhecidas por mim.

Me lembro que ainda ontem, pela tarde lhe perguntei as fontes de alguma outra informação, já nem lembro qual. Até hoje nada, agora te peço a fonte que diz isso de Marx...

Enfim, e mesmo que Marx tenha dito isso, aqui se aplica algo que já disse a alguém, ninguém precisa ser Dogmatico, na busca de um mundo melhor ninguém precisa seguir os rastros de Marx como se fossem sempre certos.
4. ModiBerserker em resposta a Lu cas

⁵⁹ Todos os comentários apresentados a partir dessa página referem-se ao vídeo “Globo e os Protestos”, objeto de estudo desta dissertação. E todos eles foram transcritos do mesmo modo como postado no site, incluindo erros gramaticais. Comentários disponíveis em: < https://www.youtube.com/all_comments?v=UiVDtWb7K48>.

Não so ele, mas todos os principais comunistas. Marx falou assim "Assim como a mulher deve abandonar o casamento em prol da prostituição geral"

5. Lu cas em resposta a ModiBerserker
Me parece que você realmente não entendeu muito bem a pergunta pela fonte de tais informações, eu não posso me considerar um grande leitor de livros comunistas, mas já li alguns de Trotsky, Lenin, Karl Marx, e jamais vi tal informação, agora me fale a informação ou vou simplesmente considerar que você é um grande praticante das regras de Schopenhauer para se ganhar um debate.
6. ModiBerserker em resposta a Lu cas
Procure então sobre os filhos de Marx, o filho bastardo (que foi escondido por 111 anos pela historia), procure no google "A verdadeira doutrina defendida por Karl Marx". Agora te dei todas as fontes?
7. Lu cas em resposta a ModiBerserker
É isso mesmo que você queria me mostrar? Ainda não li o texto inteiro, mas ele é tão sem base quanto as suas informações, alega que existem manuscritos de Marx que nunca foram publicados, e interessantemente mesmo não tendo sido publicados, justamente as pessoas que são de direita conseguiram por as mãos?

Eu sempre pensei que a superestrutura fosse realmente assustadora, agora tenho certeza.
8. ModiBerserker em resposta a Lu cas
Leia a porra do site, veja as fontes, se nem assim acreditar, procure sites americanos. E se nem assim acreditar, vai pro inferno, cansei de discutir com comunista, é o mesmo que falar para a parede. Vocês veem o marx como heroi e acham o Hitler que era comunista um demonio.
9. Lu cas em resposta a ModiBerserker
É incrível como as pessoas sempre caem a esse nível, mas eu te confesso que tenho que te agradecer, esse texto realmente é interessante, principalmente tirado de contexto, e tirado de contexto histórico além de analisado por uma visão de direita. Como você mesmo disse, veja os dois lados da moeda.
10. Hector Bradasch em resposta a ModiBerserker
sites americanos? quais? sua informação é muito genérica, de exemplos e seu argumento ficará mais rico. Agora esse papo de Hitler ser comunista nao cola mais sr. reaçã, vc ta precisando de um curso intensivo de história, VAMOS ESTUDAR MAIS!! Nunca vi um intelectual de direita falar tanta merda, so essa direita burra e desinformada que chega a esse nível, nao que eu goste da direita, mas pelo menos tente encontrar as infrmaçoes certas!! E ainda teve mais 5 idiotas que curtiram esse comentario..
11. Rafael Peixoto em resposta a ModiBerserker
Amigo, Hitler era de extrema direita e foi o principal inimigo da União Soviética. De onde vc tirou que Hitler era comunista?
12. Jeremias Ribeiro em resposta a Rafael Peixoto
Não meu brother, Hitler era sim esquerdista, quem conhece a origem do partido Nacional socialista Alemão do qual ele pertencia compreende a realidade.
13. YuriMND em resposta a Jeremias Ribeiro
Negativo, ele era nacionalista. Conceitos diferentes. Ele se mostrava CONTRA o comunismo soviético. Mas é fácil confundir mesmo.

Podemos observar que, no início do debate, o internauta Lucas se reporta a outros comentários postados no vídeo e ao argumento anterior do comentarista a quem se dirige, mostrando, assim, a tentativa de construir seu discurso com base nos liames em circulação naquele espaço. No intuito de salientar que um pressuposto que seria válido para a direita (de que somente quem prática os ideais de direita pode se dizer posicionado como tal) também deveria valer para a esquerda. Inicia-se, então, um intenso processo conflitivo sobre que ideais são norteadores da esquerda, quem os estabeleceu e quais fontes comprovam os discursos enunciados pelo comentarista de direita. Este último, por sua vez, demonstra um alto nível de exaltação ao não ter sua fonte aceita pelo par, revelando, assim, algo como um esgotamento argumentativo. Depois de expor suas opiniões, noções e dados sobre a questão, sem que nenhum dos dois “abra mão” de seu posicionamento, parece não haver mais o que dizer para convencer o interlocutor a mudar de ideia. Então, parte-se para a agressão ao outro e ao que ele representa.

Um outro aspecto observado diz respeito a utilização de figuras pertencentes a contextos sombrios da história para serem relacionados com o lado a que se deseja desqualificar. Ao evocar a figura de Hitler, por exemplo, os comentários que vão do número 8 ao 13 evocam também um passado tenebroso do qual a sociedade como um todo se ressentia ao lembrar. Esse líder do nazismo seria a personificação do mal ao qual ninguém quer se associar. Por isso seu nome é utilizado para tentar semelhança com o oponente e fixá-lo em algum dos posicionamentos em discussão (esquerda ou direita) torna-se objeto de luta. Outras figuras icônicas (como Fidel Castro e Che Guevara) também são interpeladas para emissão de juízo de valor sobre os posicionamentos políticos em discussão. Como se pode ver a seguir:

14. marco pablo Almeida em resposta a Alexandre Cunha
Primeiro, Se em Cuba é assim, lá eles não tem o que reclamar. Eles há muito se identificam com o sistema que eles escolheram. Agora, a Esquerda deriva do fato de que historicamente tem como ideologia política, social, economica e filosófica o Marxismo. Este jamais foi uma forma de governo x ou y, ele na sua essência é um pensamento crítico em relação ao capitalismo, à direita. Marx chegou a "profetizar" o que seria um governo socialista ou um Estado Comunista, mas marxismo não é PT e nem cuba.
15. Xaaka Waka em resposta a marco pablo Almeida
Para muitas pessoas em Cuba o Che e o Fidel representam o que Hitler foi para os judeus, se eu fosse vc repensaria antes de colocar essa foto de um facínora

Pensando bem, com base o que vc andou escrevendo sobre Cuba é perceptível que vc não entende nada, até justifica essa foto, pura ignorância
16. marco pablo Almeida em resposta a Xaaka Waka

Existem muitos brasileiros que já foram em Cuba. Alguns foram a passeio, turismo, e outros chegaram a morar lá por anos. Como é o caso de muitos brasileiros que foram estudar lá Medicina. Agora pergunta a estas pessoas que tiveram lá se estas afirmações tua se sustentam. Não sou advogado do Che e nem de Fidel.

O que tu sabe de lá é o que a TV brasileira te mostra de lá. Lá não é um país rico, mas vive longe dos grandes problemas sociais que hoje perpassa o Brasil.

Além dos aspectos discutidos, a partir da observação da conversação evidenciada através dos comentários de número 1 ao 13 podemos ver o uso histórico da díade quando fazem menção ao nazismo para deliberar sobre se ele teria sido uma ideologia mais alinhada à direita ou à esquerda. Já nos comentários que vão do 14 ao 16 é perceptível a recorrência ao prisma descritivo quando o comentarista Marco Paulo tenta descrever a esquerda e sua ligação com o marxismo. Mas, mesmo o uso descritivo da díade, não escapa aos afetos positivos ou negativos sobre o polo em questão, a depender de qual lado o sujeito se identifica mais.

Ressaltamos também a observação do comentarista de número 10 quanto ao número de curtidas recebido por um dos comentários da discussão. Essas curtidas podem repercutir em uma hierarquização dos comentários na forma como esses são apresentados quando um internauta assiste ao vídeo. Visto que, quando abre-se um vídeo no YouTube é possível visualizar os comentários por ordem de publicação (cronológica) ou por ordem de legitimação (Principais Comentários – hierarquizados em função das curtidas recebidas pelos pares). Visualizando do segundo modo parece não haver concordância com PC Siqueira e Diego Quinteiro no âmbito dos comentários. O clima de opinião, que se evidencia a partir da apresentação das postagens por curtidas, parece denotar imensa rejeição à fala dos *videobloggers*, o que não procede já que localizamos vários comentaristas entrando em conflitos argumentativos para defender o posicionamento das microcelebridades e outros elogiando e agradecendo pelo vídeo. Mas, normalmente esses que defendiam o discurso do vídeo apenas se pronunciavam em resposta a comentários críticos, não chegando a iniciar, portanto, a maioria das conversas. E muitos outros sequer respondem, apenas apoiam através do clique no ícone “curtir” do vídeo.

Assim, inferimos que a discordância é quem, normalmente, produz o maior número de comentários. Isso porque os que discordavam do discurso dos *videobloggers* parecem que se viam no dever de emitir outros argumentos para contrapor o que fora exposto no vídeo e assim “ajudar” os pares a terem outras visões sobre a mesma questão. Já com relação aos comentários mais “curtidos” evidenciamos a mesma lógica. Quanto mais “curtido” for um comentário mais respostas ele atrairá para si. Porque, ao ver um discurso sendo legitimado pelos habitantes

daquele espaço, os comentaristas que discordam do argumento apresentado logo tratam de levantar outros aspectos, para que a ideia que os mesmos repulsam não se sobressaia imune a contrapontos. Como se percebessem o espaço do YouTube como lugar de fala diversa, onde podem e devem expressar pontos de vista que contestem os discursos dominantes, na sociedade em geral e naquele espaço em particular. Desse modo, pode-se presumir que, neste caso, o conflito se constitui em fator de sociação mais operante que as concordâncias. É ele que origina a maioria dos comentários e engendra os calorosos debates analisados.

Outro aspecto observado em vários comentários diz respeito à confusão entre as alas moderadas e extremas da díade. Sobre essa questão, Bobbio (2001) se mostra claramente contra os grupos de extremistas, sejam eles de direita ou de esquerda. Além disso, defende o ponto de vista dos moderados, que lutam por uma evolução gradual da sociedade, e critica os extremistas, que veem na revolução o único modo efetivo de se estabelecer mudanças sociais. Explica também que o comunismo e o facismo são semelhantes no que tange à abominação da democracia, e são correspondentes diretos da extrema-esquerda e da extrema-direita, respectivamente. Sendo assim, para ele, não há dúvidas de que o nazismo era uma ideologia de direita, o que não estava claro para grande dos comentaristas. Isso porque, como o próprio autor menciona, as pessoas se apropriam dos relatos históricos e das fontes teóricas disponíveis de acordo com o posicionamento político que possuem. Assim, é possível ver em muitos comentários discussões sobre se o golpe de estado ocorrido em 1964 no Brasil teria sido ocasionado pela direita ou pela esquerda. Alguns comentaristas no ímpeto de escrutinar os partidos e sujeitos que se alinham nesse último polo defendem com ênfase que todo sistema ditatorial seria de esquerda. Ao que uma internauta responde em dois comentários:

17. ClaudiaPernambucana

Quem acha que o que o PC Siqueira esta falando tem haver com o socialismo esta muito enganado, aqui no Canadá, que é onde eu moro, recebo auxilio financeiro do governo federal canadense para meu filho e aqui não existe plano de saúde e nem hospital particular, o mesmo hospital público que um grande empresário se interna é o mesmo que os mais pobres se internam também, e se vocês não sabem, o Canadá é país completamente capitalista.

18. ClaudiaPernambucana

Gente, quem pensa assim não é burro não, isso é que a imprensa quer que a gente pense! Imagina o neto de Roberto Marinho tendo que ir a um hospital público porque teve dor de barriga? Sei que pra isso acontecer precisamos ter atendimento médico de qualidade, mas isso não se resolve da noite para o dia. Além do mais quem acha que quem votou em Dilma é burro, tah chamando Chico Buarque de burro também, pois ele também votou em Dilma!

Essa comentarista utiliza-se do testemunho como forma de embasamento, como prova para o argumento apresentado em seguida. Com relação a isso, Ângela Marques (2009) destaca que o testemunhal apresenta a possibilidade de perceber a situação a partir da perspectiva do outro, podendo assim contribuir para a mudança de modos de pensar e de compreender as histórias individuais e coletivas. Aqui ainda é relevante destacar que essa comentarista se aproxima de uma questão importante sobre a esquerda: ela pode ser extrema ou moderada, do mesmo modo que a direita, conforme exposto anteriormente. No caso da esquerda moderada a busca é por melhorar as condições de vida das pessoas, através de intervenção do Estado, mas fazendo isso gradativamente, dentro das condições do sistema vigente naquela sociedade. Enquanto que para a esquerda extremada a única solução possível seria a completa reformulação do sistema e a inserção de algo absolutamente diferente no lugar dele (BOBBIO, 2001). Esse último autor observa que “nenhum dos dois ideais [liberdade ou igualdade] pode ser realizado em suas extremas conseqüências sem que limite as possibilidades de realização do outro” (BOBBIO, 2001, P.128). Além disso, nem sempre a extensão dos direitos em direção à igualdade tem como conseqüência a limitação da liberdade, como bem exemplifica o sufrágio universal.

Fica claro que, para o autor, o critério da liberdade não seria válido para distinguir precisamente a direita da esquerda. Visto que, tanto uma quanto outra podem apelar ao direito de liberdade, seja o fim o desenvolvimento econômico individual ou a possibilidade de todos usufruírem de oportunidades iguais. Um clama pela liberdade de se diferenciar e outro pela liberdade de ser igual, em termos de acesso aos direitos humanos fundamentais. O maior ou menor grau de apreço que se dá a esse critério é que distingue quem é de direita ou de esquerda. Os primeiros exigem liberdade a todo custo como meio de ascensão social, ainda que ela gere desigualdades; os últimos preferem a igualdade como meio que garanta a liberdade, ser livre sem poder usufruir disso de nada vale para a esquerda. O autor ainda frisa que a esquerda moderada não é contra a liberdade de modo algum, a ala extremista é que o é.

Além dessas questões sobre o assunto abordado, percebe-se que nessas conversações o assunto vai se encaminhando para uma série de questões diferentes das expostas no material audiovisual assistido. Várias outras nuances vão sendo elencadas e mais pessoas vão entrando no debate, cada uma inserindo questões novas. Pessoas desconhecidas entre si constroem intensas disputas, que muitas vezes duram dias, a fim de sustentar suas opiniões diante de outros – talvez no interesse de contribuir para o entendimento de determinadas questões, mas também pelo simples prazer do conflito. Nos termos explicitados por Simmel (1983), a oposição, nesse caso, é o motivo de muitas relações discursivas estabelecidas naquele espaço simbólico do

YouTube. Como o resultado prático dessas discussões parece ser ínfimo, o conflito então cumpre a função de agregação dos indivíduos em torno de uma causa que instiga ao debate entre ideias contraditórias. Percebe-se, nesses comentários, sentimentos de repulsa a figura do outro, de aversão às ideias opostas, de desqualificação do diferente. Na maioria das vezes é escassa a postura de tolerância e respeito quanto ao posicionamento dos outros. O diálogo ocorre, mas na maioria dos casos, movido pelo conflito e por sentimentos de mútua estranheza.

Todavia, é importante ressaltar que todo esse movimento conflituoso em torno de ideias contraditórias também conduz os comentaristas a processos de ajuda mútua. Quando veem que uma argumentação está sendo dominante, por exemplo, outros com mesmo pensamento se agregam aos semelhantes para reforçar o ponto de vista partilhado. E, justamente por conta das discordâncias, o debate ganha fôlego, fazendo com os agentes que dele participam se vejam impelidos a buscar subsídios para sustentar seus posicionamentos diante dos demais. Também são instigados a argumentar com clareza e forçados a pensar um mesmo problema a partir de várias nuances distintas. Desse modo, mesmo que movidos pelo ímpeto de afirmar, a todo custo, seu argumento como superior aos outros, sem nenhuma flexibilidade para mudança de opinião, ainda assim, esses comentaristas ao menos se envolvem num processo discursivo com potencial para a formação crítica e argumentativa.

Há ainda outros comentários que recorrem à regra implícita no debate de que não deve-se mencionar certos dados e conceitos sem fazer menção a fontes que embasem aquele argumento, como evidenciado pelos comentários de números 3 a 10. Em muitas discussões os internautas buscam desqualificar as possíveis fontes nas quais supostamente os interlocutores estariam alicerçando seus discursos ou indicar outras que seriam mais legítimas para tangenciar o assunto, como professores, por exemplo. Recorrem, assim, ao chamado capital escolar (BOURDIEU, 2007) por entenderem que o diploma educacional seria parâmetro adequado para legitimação da cultura política do sujeito e para que se exerça autoridade sobre assuntos políticos. Como podemos ver no diálogo abaixo:

19. Erikson Souza

Porque ser a favor do capitalismo:

1º Os países com as menores taxas de desigualdades sociais são capitalistas;

2º Os países com melhor índice de desenvolvimento humano são capitalistas;

3º Os países com os melhores sistemas de educação são capitalistas;

4º Os países com os melhores sistemas de saúde são capitalistas.

Chupem comunistas e socialistas! Digam que é mentira, que eu sou alienado, mintam para vocês mesmos, ou o que for, mas fatos são fatos e tu que disse acima é fato!

20. Pedrojl22 em resposta a Erikson Souza

Cuba tem taxa de analfabetismo igual a zero e é ridículo afirma q a desigualdade em países capitalista são menores! Cara não quero bate de frente com ninguém mais para de ve tv e ler jornal e vai conversar com um professor de história de sociologia ou filosofia.

Mais um aspecto observado nessa categoria e na seguinte, que trata sobre os protestos e a inclinação sociopolítica dos manifestantes, diz respeito ao lugar do centro no espectro político. Algumas pessoas demonstravam dúvidas quanto ao seu posicionamento político e recorriam àquele contexto conversacional para tentar se localizar entre os polos. Como é o caso exposto abaixo:

21. Pri Correia

Se eu concordo com algumas coisas de esquerda e outras coisas de direita, eu sou de centro? :P

22. ModiBerserker em resposta a Pri Correia

Uhum, mas ate o cento pode ser mais para direita ou esquerda. Tanto que tem centro direita e centro esquerda.

Nesse sentido, Bobbio (2001) esclarece que há dois tipos de centro: Terceiro Incluído e Terceiro Inclusivo. Um se caracteriza por se alinhar mais para a direita ou esquerda e o outro por buscar ser uma espécie de superação da díade, a chamada Terceira Via. O primeiro potencialmente pode tensionar a esquerda para centro, tornando-a moderada ou pode resultar numa esquerda extrema que dele se afasta; bem como, tem-se uma direita que tende ao centro e uma que se opõe tanto a ele quanto à esquerda. Já a Terceira Via pretensamente não se pauta pelas demandas nem de um nem do outro lado, mas pretende “estar acima” das duas vertentes. O autor complementa explicando que “o Terceiro Incluído apresenta-se sobretudo como práxis sem doutrina, o Terceiro Inclusivo, sobretudo como doutrina em busca de uma práxis que, no momento em é posta em operação, se realiza como posição contrista” (BOBBIO, 2001, p.57).

Além disso, haviam ainda outros comentários que contestavam a validade da díade, por ser ultrapassada e não comportar as complexas demandas da atualidade, por não acreditarem nas intenções de igualitarismo anunciadas pela esquerda e por não perceberem distinções entre os partidos políticos que se dizem de um lado ou de outro. Sobre isso, Bobbio (2001) defende que: primeiro, a díade não exclui outras alternativas; segundo, a esquerda mudou de roupagem, mas nem por isso deixou de existir; e, ainda que não pareça, existem distinções entre os grupos políticos, mesmo que eles tentam se camuflar ou abdicam de alguns pressupostos de suas agendas a fim de obter parcerias.

b) sobre os protestos e a inclinação sociopolítica dos manifestantes

Em 1968 os brasileiros ocuparam as ruas do país protestando pela derrubada da ditadura militar. A perspectiva identitária norteadora de movimentos populares, como esse, estava sempre moldada pelo alvo contra o qual se estava lutando: o Estado de exceção. Já nos protestos de junho de 2013, os protestantes se diziam contra tudo. Contra o aumento da tarifa das passagens de ônibus, contra a corrupção, contra a educação pública de má qualidade, contra os serviços de saúde precários, contra os gastos excessivos com a copa, contra o projeto de lei popularmente conhecido como “cura gay”, contra a manipulação da mídia corporativa e etc.

É bem verdade que no centro do movimento situava-se o debate sobre a política tarifária do transporte coletivo. Porém, algumas faixas, levadas por manifestantes, exprimiam a complexidade dos protestos ao informarem que eles estavam ali lutando “contra tudo”. Partindo de um público que se divide em uma multidão de fragmentos vemos uma infinidade de reivindicações. Essa fragmentação identitária, caracterizadora da sociedade contemporânea, provoca o declínio de um quadro de referências sólidas que tínhamos sobre nós mesmos e sobre o mundo social de que fazemos parte (HALL, 2003).

Vivemos a emergência de novas identidades que geram o extermínio ou a complexificação de identificações, tanto em nível individual como social. Assim, na atual sociedade fragmentada, onde nossas identidades se revelam de acordo com as posições que ocupamos, as causas contra as quais os grupos se posicionam são inúmeras. O que torna ainda mais difícil a tarefa de tentar definir uma identidade sociopolítica que possa unificar o movimento. Nesse sentido, Maffesoli (2000, p.92) esclarece que “a identidade, em suas diversas modulações, consiste, antes de tudo, na aceitação de ser alguma coisa determinada”. Porém, “o que tende a predominar nos momentos de fundação é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores, tudo aquilo que caracteriza a juventude dos homens e das sociedades”. Assim, os grupos recém-formados não aceitam determinações identitárias.

Kathryn Woodward (2000), baliza mais esclarecimentos sobre esse ponto. A autora afirma que a identidade seria relacional, “marcada pela diferença”. Ela ainda acrescenta que essa diferença é “sustentada pela exclusão”. É assim que PC Siqueira e Diego Quinteiro procuram delimitar a posição política dos protestos, mostrando a diferença das opiniões consensuais entre os manifestantes em oposição aos ideais defendidos pela direita. Baseados na premissa, corroborada por Bobbio (2001), de que os termos “direita” e “esquerda” seriam antitéticos e excludentes, os protagonistas do vídeo “*Globo e os Protestos*” apresentavam a

identidade sociopolítica dos protestos a partir da exclusão, ou seja, a afirmação implícita no discurso emitido por eles é: se nosso movimento é de esquerda, logo não podemos permitir a cobertura de mídias com posição política e ideais de direita. Além disso, segundo eles, os manifestantes deveriam aceitar a participação de partidos políticos de esquerda nos protestos.

Sob esses aspectos é que se delinea a problemática da empiria, visto que naquele momento não estava clara a noção de identidade que os sujeitos se atribuíam e a forma como demarcavam os agrupamentos sociais. PC Siqueira e Diego Quinteiro operavam numa lógica de outra época, quando ainda era possível saber quem era um em relação ao outro. Quando a alteridade fazia sentido e sublinhava uma posição social e política, a nível individual e coletivo. Um movimento social representava isso porque não era aquilo, questão resolvida. Mas, como solucionar a equação da identidade sociopolítica, quando ao mesmo tempo os membros dos protestos, que se expuseram ao vídeo analisado, se afirmam, ora como apartidários e ora como de correntes que se associam às ideias da esquerda ou direita? No caso observado, portanto, encontra-se um acelerado processo de (re)negociação das identidades sociopolíticas envolvidas nos protestos.

Os *videobloggers* citados utilizam de seu capital simbólico para definir a posição política dos protestos de junho como se tal questão não fosse uma hipótese de difícil resolução. Afirmar que se tratava de um movimento apoiado em ideias esquerdistas e que por isso era necessário a aceitação de partidos políticos de esquerda no espaço público não resolvia o assunto. Muitos internautas os acusaram de terem feito uma confusão ao relacionar diretamente as perspectivas políticas do movimento aos programas de grupos político-partidários esquerdistas, como se as agendas desses grupos atuais pudessem englobar as demandas apresentadas nas ruas e nas redes. Como questionou um dos comentaristas:

23. NilsonRio40

Este vídeo tem boa intenção mas é ingênuo. Uma coisa é ser apolítico, outra é ser apartidário. Claro que a manifestação é política, porém a disseminação de bandeiras do PSTU, PSOL ou de outros partidos no meio da manifestação invocaria um caráter partidário inexistente, utilizando-se da minha (nossa) presença na manifestação como um endosso às posições defendidas por partidos - o que é totalmente falso (...).

No discurso deste e de outros comentaristas estava claro que a presença de partidos nos protestos era vista como oportunismo pelos manifestantes. Muitos previam que as cenas dos protestos de 2013 seriam utilizadas, no ano seguinte, nos programas eleitorais dos candidatos, que reduziriam as reivindicações populares a propagandas partidárias. O que gerava indignação

por parte dos manifestantes. Havia também uma constante arguição sobre a crise de representatividade que se mostrava latente nos discursos emitidos nas ruas e nas redes.

24. ASSEGOFORTE

Não podemos negar a importância dos partidos políticos, todavia, a ideologia destes partidos não comporta todas as reivindicações. O apartidário na Rua não significa que o Brasil não quer os Partidos Políticos. Queremos resultados concretos contra a corrupção, queremos atitudes políticas honestas e solidárias com o povo, enfim, a questão nunca foi de que lado vc está, estamos do lado do BRASIL (...).

25. Raoni Teixeira Leão

discordo apenas da parte final do video.... não foi a globo que influencio pra baixar bandeiras... isso aconteceu no primeiro dia 17/06 dos protesto, quando a Globo nem sabia o que tava acontecendo ainda, e no segundo dia 20/06.. globo nem noticiava direito ainda o povo pediu pra baixara as bandeiras tbm e outra... não foi um insatisfação contra a esquerda, foi uma insatisfação com os partidos e o jogo político sujo que de uma maneira ou outra todos fazem parte.

Corroborando este último comentário, o pesquisador Marcelo Bolshaw Gomes (2013) ressalta que o sentido mais geral da insatisfação generalizada buscava pôr em xeque a própria estrutura do sistema representação política brasileira. Segundo esse autor, o movimento teve caráter político sim, mas também possuía um viés claramente contrário aos partidos políticos, sendo portanto apartidário. Por isso, os militantes eram hostilizados pelos manifestantes que entoavam: “O povo unido, não precisa de partido!”. Gomes (2013, p.2) complementa esclarecendo que o movimento em momento algum “se tratou de derrubar o governo ou o parlamento. Tratava-se apenas de expressar a insatisfação com o sistema político brasileiro e de pedir o alargamento da democracia para além da representação parlamentar”.

Ressaltamos ainda que ao tentar explicitar a complexidade de apontar uma identidade sociopolítica definida para os protestos não se trata de negar a validade de díade, mas de reconhecer a pluralidade de vozes e demandas ecoadas naquele período. Tornando difícil, assim, a tarefa de “encaixotar” o movimento numa definição pronta. No diálogo que segue, extraído dos comentários, podemos observar um pouco mais o complexo movimento das vozes na tentativa de construção do sentido norteador do momento vivido naquele período:

26. William Correia

Socialmente falando, essa MANIFESTAÇÃO é de esquerda, sim. As pessoas (no caso, boa parte dos manifestantes) é que não. Aliás, não sabem nem pelo quê estão protestando, que dirá a inclinação partidária dos protestos.

27. Alexandre Cunha em resposta a William Correia

Não sei não. Muita gente estava lá clamando por melhores serviços públicos (em relação à enorme carga tributária brasileira) e contra a corrupção. São bandeiras apartidárias e não-ideológicas.

28. William Correia em resposta a Alexandre Cunha
Sim, sim, Depois, acabou pendendo pra esse lado também. Mas o que causou impacto mesmo foi o lance dos R\$ 0,20. E aí é inquestionável....
29. Alexandre Cunha em resposta a William Correia
Ok, é verdade, mas depois a manifestação cresceu e ganhou novos contornos. Outra coisa: mesmo as pessoas que não são exatamente ‘esquerdistas’ defendem transporte público subsidiado e de qualidade.

Os internautas, que se expuseram nos comentários citados acima, estabeleceram entre si trocas simbólicas que constantemente se alternavam entre a concordância e a resistência nos argumentos. Demonstravam interesse de ponderar sobre seus pontos de vista a partir do comentário do outro, evidenciando, assim, o exercício da reflexividade e reciprocidade, nos termos propostos por Altheman, Marques, A. e Martino (2013). Esses autores explicam que a questão da reciprocidade diz respeito à abertura ou não para o diálogo e a reflexividade pode ser constatada quando os interlocutores demonstram flexibilidade para a mudança de opinião ao serem confrontados com outros pontos de vista. O princípio da reflexividade incide ainda sobre a produção de argumentos reflexivos a respeito das regras do procedimento discursivo e também sobre o modo como essas regras são aplicadas pelos sujeitos participantes do debate. Esse é um dos raros exemplos de reflexividade encontrados no processo de análise dos comentários coletados. Na maioria das conversações estabelecidas naquele espaço percebemos a predominância do que Sennett (2012) denomina de “fetiche da afirmação”, que induzia os sujeitos a insistir num mesmo argumento sem abertura para rever pontos de vista e considerar os outros pressupostos explicitados pelos seus interlocutores.

Não obstante, esses e outros comentaristas elencaram uma série de aspectos a fim de construir sentido para o movimento vivido em junho de 2013, sem necessariamente chegar a uma conclusão sobre a identidade sociopolítica do agrupamento. Contudo, ressaltava-se sempre a complexidade da formação coletiva e dos contornos sociais que envolveriam o futuro dos protestos. Do mesmo modo, em nossa observação, a preocupação em entender o processo de negociação foi sempre muito maior do que o de apontar a definição de um constructo político identitário do grupo observado.

c) sobre o papel e posicionamentos da Rede Globo e mídia corporativa

A terceira categoria identificada em nosso estudo refere-se à discussão sobre a imparcialidade ou não da emissora de televisão Rede Globo e do papel da mídia corporativa

como um todo. São levantadas também arguições sobre a possibilidade de regulamentação dos meios de comunicação e sobre o posicionamento da Globo no espectro político. A questão posta em pauta tangencia, principalmente, o *modus operandi* do jornalismo realizado pela emissora. Discute-se a forma como são noticiados os fatos ocorridos em sociedade e como esta última recebe esses enunciados.

Sobre isso, acreditamos no potencial crítico do receptor, que faz os produtos circularem e se apropria deles conforme o contexto em que estão inseridos. Mas, há de se levantar em conta também o papel dos agentes midiáticos na formação das opiniões vigentes em sociedade. Essas forças estão em constante movimento e são percebidas de formas diferentes pelas diversas camadas sociais. É importante salientar ainda a relevância da educação para as mídias, ou o do chamado “letramento midiático”, que cumpriria a função de formar as pessoas para o consumo dos conteúdos em circulação nos meios de comunicação. Não obstante, o argumento de que o importante é educar para o consumo não pode isentar a responsabilidade que as concessões de mídia detêm diante da necessidade de informar o público sobre o que ocorre em sociedade. Destarte, é em torno dessas questões que se inserem os debates abaixo:

30. marco pablo Almeida

A manipulação é algo sutil. É algo que passa despercebido pelo telespectador, quando este não tem "filtros" para analisar os fatos por outro ângulo, que não aquele que a mídia que fazer a pessoa pensar. Quando aquele jovem foi atropelado nas manifestações no interior de SP, dia seguinte o JN disse que ele foi atropelado por um "motorista". Informação rápida. Sem entrevistas. Pois a ela não interessa a Vida ceifada por um ASSASSINO. Interessa é o patrimônio privado destruído pelos "vândalos".

31. Alexandre Cunha em resposta a marco pablo Almeida

É claro que pode ser algo sutil (este vídeo não é), mas não é o Estado, por meio de algum Conselhão, que vai dar os filtros 'certos'. Melhorem a educação básica, mas não ataquem ou culpem a mídia. Quem dera nossos problemas fossem culpa da "Grande Mídia". Meu Deus, como este vídeo é tosco!

Seu exemplo caracteriza no máximo incompetência na reportagem. E, convenhamos, seria precipitado julgar o motorista antes do juiz, não?

32. Vontade90 há 3 semanas

(...) pq não se formar uma comissão de ética pública para os meios de comunicação concessionados (tv e rádio)? Não se pode deixar esse poder de pautar o que é público com um grupo ínfimo de famílias. É isso que queremos.

33. Jason Baskeen Graafshap em resposta a Vontade90

E quem vai monitorar essa "comissão ética"?

34. Alexandre Cunha em resposta a Vontade90

E seria formada por quem? Pelos Comissários do Povo? Entenda, mesmo que a tal 'ética republicana' pudesse ser escrita com absoluta clareza, ainda assim

não haveria como operacionalizar o sistema. Não é à toa que nenhuma nação civilizada implantou isso. O que pode existir, apenas, é uma discussão sobre se as TVs podem exibir cenas com conteúdo sexual, por exemplo. Algo ligado a costumes, não a opiniões políticas. Se não gosta, não assista a Globo. Simples.

35. Vontade90 em resposta a Alexandre Cunha
Claro que os "costumes" são ligados à política. Quanta ignorância sua. Uma ética LIBERAL permite muito mais cenas "constrangedoras" do que uma ética CRISTÃ, e essa escolha entre as duas É política. O conselho poderia ser formado por diferentes membros da sociedade, da justiça etc. Veja a formação PLURAL de vários conselhos no Brasil, como o CNJ por exemplo. Em vários países ocidentais há esses conselhos para obter um controle das concessões públicas de comunicação, inclusive nos EUA. Pesquise.
36. Alexandre Cunha em resposta a Vontade90
Falando em ignorância, ética liberal e cristã não se chocam. E pesquise se caçam concessões nos EUA por causa disso. Existem canais e jornais lá que de certa forma apoiam democratas ou republicanos. Mas, como eu falei, vá em frente, cidadão. Leve suas ideias brilhantes ao seu deputado federal para avaliação.
37. Vontade90 em resposta a Alexandre Cunha
MOBRAL, leia novamente e verá que não falei em choque, falei em maior permissividade. Nos EUA os veículos de comunicação SE ASSUMEM como democratas e republicanos, e nem se pode comparar a pluralidade dos veículos de comunicação de lá. Em qualquer democracia que se prese há o cuidado com a formação dos monopólios de comunicação e lei de imprensa (previsão constit.). Não se trata de restringir conteúdo, trata-se de se fazer imperar o respeito, afastando calúnias e difamações baratas do tipo Jaboureno.
38. Alexandre Cunha em resposta a Vontade90
Cidadão, eu só coloquei aquilo para que você se tocasse que aquela questão específica era irrelevante para o objeto da discussão. Quanto aos EUA, o que "se assume" lá é como cá. Não seja ridículo. Se você acha que não é uma questão de censura de conteúdo político (o que é incongruente com sua queixa), dirija suas baterias ao CADE, quem sabe eles acreditam que há monopólio da mídia. Sua frase final então é de uma ingenuidade que dá dó.
39. Vontade90 em resposta a Alexandre Cunha
Alexandre, vá concluir o Mobral urgentemente. O que se assume lá é como cá?? kkkkkk Vc mantém um absurdo desse pq lhe é conveniente o discurso global e cia, isso sim é ridículo. A globo sempre quer se mostrar como isenta, mas tem lado, sua história mostra isso, sempre menosprezando os movimentos sociais. Confundir para difundir, essa é a pauta conservadora.
40. Alexandre Cunha em resposta a Vontade90
(...) O que é conveniente é esse discurso fácil e bobo de imputar à grande mídia a alienação do povo. (...) Tenho que dormir agora para trabalhar, gerar renda e pagar imposto para sustentar nosso Estado, rapaz.
P.S: Pauta conservadora esta? Você anda lendo Gramsci?
41. Vontade90 em resposta a Alexandre Cunha
Trabalhar, gerar renda, está sendo como seu "discurso dignificante" prega? Alexandre, vou te contar um segredo: há dignidade além do trabalho. Pare de ler a veja, senão vc vai andar sempre pensando desse jeito tosco do século oitocentista (...).

Em todos os comentários expostos acima, constatamos o interesse em conhecer o ponto de vista do outro, mesmo que seja para criticá-lo. Cada um dos membros do debate pode até não se permitir mudar de opinião, mas ao menos observam criticamente os pressupostos elencados pelo outro. Retomam os pontos de discordância no argumento do oponente para rebatê-lo. Já nesses últimos comentários percebe-se a degradação dos participantes e de seus argumentos. Para a desqualificação do oponente, os comentaristas recorrem a suposta formação educacional do outro, como numa espécie de xingamento. Desqualificam também as possíveis fontes utilizadas pelos membros do debate, como se pudessem inferir de onde vem aquele discurso somente a partir da leitura do comentário. Parecem entender, desse modo, o processo de construção discursiva que, conforme explica o professor Clóvis de Barros (2013), acontece por meio do entrecruzamento entre a consciência e a polifonia social na qual os sujeitos estão inseridos. Em aula de ciência política na USP, esse professor apontava que os múltiplos discursos presentes em sociedade vão estabelecendo relações com as experiências cotidianas das pessoas e assim elas vão construindo suas próprias noções sobre a realidade que as cerca⁶⁰. Assim, para os comentaristas do vídeo, um modo de atacar o argumento do outro é dizer que aquela fala não é dele. É nada além de mera reprodução de certos discursos dominantes nos campos sociais nos quais ele se insere ou se identifica.

Já no comentário que segue elucida-se a revolta das pessoas que participaram dos protestos e viram a mídia corporativa justificando a ação repressora da polícia. O que provavelmente contribuiu para que se alastrasse uma onda de indignação contra a violência injustificada. Gerando, assim, impulso para que mais pessoas se pusessem a lutar pelo direito de protestar sem ser agredido.

42. Paulo Silas

Eu me revoltei mais foi pelo fato dos manifestantes irem pra rua eu fui tmb ninguém se manifestou com violência quando do nada os policiais nos atacou com bombas de gás lacrimogênio balas de borracha é motivo de qualquer ser humano ir pra cima, violência gera violência e gerou da parte deles, daí quando chego em casa e vou ver o jornal ta eles dizendo q a maioria é vagabundo pq ta protestando com violência...

Como elucida Castells (2013), a raiva, nesse caso, conduzia os manifestantes à superação do medo. Essa indignação contra o aumento do transporte público precário parecia só aumentar e ganhar novos contornos a medida que a polícia, uma organização que existe para promover a segurança dos cidadãos, agredia os manifestantes e a mídia corporativa,

⁶⁰ Notas de aula. Curso de Ciência Política da graduação em Relações Públicas da ECA/USP. Disponível em <www.veduca.com.br>.

inicialmente, parecia querer levar o movimento ao descrédito, além de dar maior ênfase aos atos de vandalismo do que às agressões sofridas pelos manifestantes pacíficos. Tudo isso, ligado a outras questões, fez com que esses protestos adquirissem uma forte carga emotiva. E é justamente o teor emocional que conduz ao fortalecimento dos movimentos sociais, segundo Castells (2013). A indignação contra a injustiça sofrida, aliado à esperança de que juntos poderiam alcançar mudanças, levou milhares de pessoas a ações de protesto e de produção de conteúdo sobre o movimento.

Interessante lembrar também que o protesto iniciado por conta do aumento na tarifa de transporte público ganhou várias outras pautas e adeptos. Como já comentado, da reivindicação do passe livre se passou ao clamor pela melhoria na saúde e educação públicas. O inesperado é o fato de pessoas que não usam os serviços de transporte, saúde e educação públicos estarem protestando pela melhoria nessas áreas. Nesse sentido, Maffesoli (2000, p.26) explica que as manifestações em favor de certos grupos, aos quais o sujeito não está inserido, “não se prendem ao cerne de tal ou qual problema”, são artesanais e pontuais, funcionando como mobilizadoras de “emoções coletivas”. Assim, o que moveria os grupos de manifestantes não seria necessariamente a causa a que se vai aderir (perspectiva contratual e mecânica), mas sim aquilo que é “emocionalmente comum a todos” (perspectiva sensível e orgânica). Pensando no espraiamento dessas demandas pelo viés das imagens televisivas, Maffesoli (2000, p.27) comenta que “aquilo que está mais perto, ou a realidade longínqua, aproximada pela imagem, repercutem fortemente em cada um, constituindo assim, uma emoção coletiva”. No caso estudado, a sinergia das ações de protesto por todo país ganharam destaque, sobretudo, em mídias digitais como o YouTube. Isso porque os movimentos vivenciados em junho de 2013 possuíam um forte componente de imediatismo e de inscrição no local, mesmo ganhando eco internacionalmente, com manifestantes prestando apoio até em outros países como Estados Unidos, Bósnia, Japão, Austrália, Nova Zelândia e Inglaterra (GOMES, B., 2013). Então, o registro e compartilhamento das cenas de protesto ocorriam de modo simultâneo aos atos realizados nas ruas. Antes que os telejornais noticiassem os fatos, fotografias e vídeos dos protestos no momento em que ocorriam, na maioria das vezes sem edições, já estavam circulando nos espaços digitais ocupados pelos cidadãos – de murais do Facebook a Canais do YouTube, passando por uma série de outras mídias. Tudo isso de forma intensamente veloz e complexa, já que agora essas narrativas podiam ser contadas por milhares de pessoas, cada uma delas “donas” de suas próprias mídias. O que necessariamente não acarreta, sabemos, numa multiplicidade discursiva instantânea. Mas, potencializa as condições de apresentação dos fatos sobre nuances diversas e difusas.

Por fim, ressaltamos nessa categoria uma troca de argumentos em que se desenvolve o debate sobre a nova esquerda, pautada não apenas na luta pela igualdade social, em termos de recursos e oportunidades de acesso aos bens produzidos em sociedade. Mas, sobretudo, alicerçada nas lutas em defesa das minorias e também nos embates sobre as questões ecológicas e poderes instituídos, como a hegemonia de certas religiões e veículos de comunicação, por exemplo.

43. Igor Leonardo Vieira

Nunca !! Nunca a mídia foi tão esquerdista quanto hoje, Eu lhe pergunto PC? Qual a posição da grande mídia em relação a temas como Homossexualidade , aborto , religião , família ? eu lhe respondo, a mídia brasileira e a rede globo trata a homossexualidade de um jeito que cativa a juventude (esquerda) , a mídia é abortista (esquerda) a mídia é ateísta (esquerda) e totalmente contra a família (esquerda). Tudo isso você pode verificar em uma noite assistindo a uma novela da globo

44. Zphyr13 em resposta a Igor Leonardo Vieira

a mídia é a favor da Homossexualidade? qual emissora trata o homossexual da mesma maneira que trata os heterossexuais? qual a mensagem abortista que você viu ta televisão? mídia ateísta é boa, nunca houveram tantos canais pertenceram ou foram vinculados a religiões, e a rede globo transmite missas catolicas alem de transmitir comerciais sobre diversidade religiosa alem de diversas novelas com conteúdo espiritual ou religioso, a não ser, é claro, que por ateísta você queira dizer não cristã.

Para o primeiro comentarista a mídia seria de esquerda pelo modo como trata de assuntos como homossexualismo, aborto e religiosidade. Já para o segundo esse argumento não se sustenta na prática. A questão posta diz respeito, portanto, ao caráter progressista ou conservador da mídia corporativa brasileira, que indicaria se a Globo, por exemplo, se posiciona mais à esquerda ou à direita no espectro político. Observando os discursos da mídia corporativa e alternativa sobre essas questões, fica notório que essa dupla progressista *versus* conservadores parece servir relativamente bem à distinção entre esquerda e direita. Isso porque mesmo se voltarmos à cena da Assembleia Nacional durante a Revolução Francesa veremos que os posicionados à esquerda lutavam para que houvessem mudanças profundas que atingissem a estrutura social, provocando assim rupturas no status quo vigente na época. Enquanto que os membros do clero e da nobreza buscavam a manutenção da ordem das coisas como eram.

A situação muda, mas a antítese parece subsistir ao tempo. Enquanto a esquerda se move em direção às transformações sociais, que permitam o alargamento dos direitos de minorias, como os homossexuais, a direita se pauta na luta pela conservação do status de família tal qual prescrito por dogmas religiosos, por exemplo. Mas, justamente essa questão da religião

demonstra-se problemática quando se trata da díade. Bobbio (2001) discorda da tese de que a religião está à direita e o ateísmo à esquerda. Sobre isso, ele argumenta que na Europa há tanto uma tradição de direita religiosa quanto uma direita pagã, que se serve da religião somente para alcançar seus fins. Quanto a esquerda ser não-religiosa, também é outro argumento que Bobbio (2001) refuta ressaltando a necessidade de lembrarmos que a ideologia igualitária, traço característico da esquerda, tem inspiração religiosa. Portanto, esse critério da religião ou não-religião não seria suficiente para distinguir “destros” de “esquerdos”.

Não obstante, ainda assim, Bobbio (2001) cita Dino Cofrancesco (1975), estudioso italiano, para quem o grande critério para a distinção da díade seria a afinidade com a tradição ou emancipação. As ideias em defesa do passado, da tradição, da herança, segundo este último, seriam preponderantes na proposta da direita, enquanto que o conceito, ou valor, fundamental da esquerda seria a emancipação. Cofrancesco (1975, p.403 *apud* BOBBIO, 2001, p.97) explica que “o homem de direita é aquele que se preocupa, acima de tudo, em salvaguardar a tradição; o homem de esquerda, ao contrário, é aquele que pretende, acima de qualquer coisa, libertar seus semelhantes das cadeias a eles impostas pelos privilégios de raça, casta, classe e etc.”. Pensando nas lutas dessa esquerda com nova roupagem, que vem alargando suas pautas para além da questão socioeconômica, torna-se complexa a tarefa de delimitar com precisão se um veículo televisivo, como a Globo por exemplo, teria posicionamento político mais à direita ou à esquerda. Porque certas questões sociais têm gerado tantos debates e as desigualdades de raça, sexo, gênero e classe têm sido tão contestadas que seria complicado para a mídia corporativa se posicionar abertamente contra essas lutas por uma sociedade mais justa, não apenas em termos econômicos.

d) críticas ao modo tendencioso pelo qual é feita a distinção da díade

Nesta categoria despontam os comentários que se debruçam em criticar o vídeo por ser tendencioso ao tratar dos conceitos de “direita” e “esquerda”. Conforme mencionamos na análise do vídeo, foram atribuídos sentidos negativos e positivos, respectivamente, para a díade na encenação criada pelos *videobloggers*. O que ficou muito claro também para os comentaristas do vídeo, que não pouparam críticas a PC Siqueira e a Diego Quinteiro nesse sentido. Para alguns, era “dever” de PC Siqueira, como dono do Canal, tratar com mais imparcialidade dessa questão, pela legitimidade que reconhecem que ele possui no espaço virtual. Assim, por ser uma microcelebridade, com potencial para formação de opiniões, seria “obrigação” dele elencar valores positivos e negativos para os dois polos.

Tratam os *videobloggers*, dessa forma, como se os mesmos fossem profissionais do jornalismo corporativo, que têm na objetividade sua bússola, ainda que esta seja alvo de discussão por se crer inalcançável. Então, por estar numa mídia com possibilidade de emissão para muitos e por ter cativado um público significativo na internet, PC Siqueira “deveria” ter apresentado mais de uma nuance para a questão proposta, como provavelmente um jornalista faria. Esses comentaristas parecem, assim, confundir os espaços e as lógicas operantes na atuação profissional do personagem em questão. Dele é esperado “responsabilidade” para com o público, como se houvesse algum acordo ou código de ética que pautasse o ofício do *videoblogger*, como ocorre no caso do mercado de notícias. Porque ele se reporta a muitas pessoas e seus vídeos teriam sobre elas algum efeito, logo, esse precisava ser medido, tratado com cuidado. Como se os discursos dessas pessoas que adquirem notoriedade na internet pudessem se constituir como uma espécie de “serviço público”, portanto, passível de crítica tal qual aconteceria caso se tratasse de um veículo corporativo.

Desse modo, alguns comentaristas parecem desejar das microcelebridades em questão a mesma postura de isenção que se espera da mídia, mais especificamente do jornalismo corporativo. Não obstante, em notável contradição a isso, acusam PC Siqueira de ser igual a “grande mídia”, que se pretende isenta quando na verdade não seria. Contudo, logo no início do vídeo os *videobloggers* já assumem que estão produzindo o material para expor suas opiniões e nas palavras deles: “talvez ajudar você a formar a sua”. Não mostram aspirar, portanto, à imparcialidade. Mesmo assim, a exposição dessa opinião, sem que fosse apresentado nenhum contraponto, foi amplamente criticada talvez pelo tom de informação e seriedade discursiva que fora dado ao vídeo. Destarte, os comentários que seguem exemplificam bem alguns dos pressupostos elencados pelos comentaristas nesse sentido:

45. YuriMNDhá
PC, seu vídeo foi extremamente tendencioso. Apontaram APENAS as vantagens da Esquerda sem mencionar desvantagens. Quanto à Direita, não mencionaram vantagens (...).
46. WerexZenok
(...) É o quarto ou quinto dia que volto aqui só para comentar e tentar barrar a onda de esquerdismo que vem por aí por causa desse vídeo. Lembro que o pc estalou os dedos e metade da internet se converteu ao ateísmo. Temo que o mesmo se repita com o esquerdismo. Então desta vez vou continuar firme aqui rebatendo toda a baboseira dos esquerdistas.
47. Matsmarra em resposta a WerexZenok
Exatamente!!!! Estou voltando pela quarta ou quinta vez também. Estes formadores de opinião são um perigo, ainda mais pra este público que geralmente é carente de opinião própria e de senso crítico.

48. WerexZenok em resposta a Matsmarra
Concordo. Esses grandes vlogueiros viraram cultura de massa da internet. Se você quer saber a opinião da internet sobre determinado assunto, é só assistir esses caras.
49. Matsmarra em resposta a WerexZenok
É exatamente isso mesmo!!!
50. Orozimbo Peixoto Sol
PC te respeito muito, mas seu vídeo, foi mais tendencioso do que qualquer reportagem da GLOBO. Uma pessoa como vc tem que ter RESPONSABILIDADE e entender que são muitas pessoas que te ouvem. Vc pode dizer sua opinião, mas deve pesquisar para dizer os dois lado da moeda (...).
51. vicfiori em resposta a Orozimbo Peixoto Sol
A mídia capitalista-liberal-direitista afirma todos os dias, sem espaço para discussão, as teses da direita. Junte as duas opiniões (a do vídeo e da grande mídia), tenha senso crítico e tire a sua conclusão (...).
52. Hector Bradasch em resposta a Orozimbo Peixoto Sol
Então quer dizer que a globo pode transmitir seus ideais de direita para milhões de brasileiros e o PC nao pode falar de suas ideias livremente aqui na internet? (...).
53. S.O.S ESTUDANTE
Então brother, é um vídeo de 06 min, acho que ele resumiu bem, concordo que é uma explicação pouco grosseira, mas bem resumida.
54. Alexandre Cunha em resposta a S.O.S ESTUDANTE
SOS, mesmo num video de 6 min daria para fazer coisa muito mais informativa. Mas, acredite, eles não tinham essa intenção. Esquerda e direita passa por questões bem mais complexas que essas. E eles foram tendenciosos. Por ironia, é disso que acusam a Globo!
55. carlos potiguar
PC voce fala que a grande midia influencia as pessoas,porem voce com esse video ja esta influenciando muita gente, Paulo Cezar Siqueira VOCE E A GRANDE MIDIA

O clamor pela imparcialidade ao tratar questões políticas é explicado por Bourdieu (2007) quando infere que a análise política pressupõe a distância, exigindo do observador algo como uma posição em sobrevoo que se situa acima do combate ou o recuo do historiador que se afasta dos objetos analisados e reserva tempo para a reflexão. No entanto, como comentamos anteriormente, a díade “direita” e “esquerda” possui significado axiológico muito forte. De modo que os sentidos à ela atribuídos irão variar de acordo com quem as enuncia. Não poderia ser de outro modo, portanto, no que se refere a esse vídeo estudado.

Destarte, em mídias como o YouTube, “qualquer pessoa”, munido dos artefatos digitais, pode alcançar visibilidade quase tal qual os meios corporativos detêm e operar nos moldes

massivos de um para muitos. Podendo, assim, transmitir seus posicionamentos, como PC Siqueira e Diego Quinteiro optaram por fazer. Mas, isso é percebido de forma negativa por alguns comentaristas, que os acusam de serem iguais à grande mídia, especialmente a Rede Globo, que supostamente descumpra os princípios de isenção no jornalismo ao apresentar os fatos de acordo com seus interesses próprios. Sobre o argumento de os *videobloggers* operarem de modo igual aos agentes midiáticos corporativos: discordamos. Tendo em vista que, o YouTube não se constitui como um meio de comunicação de massa por não programar a vida social e nem operar com oferta prevista e limitada (CARLÓN, 2013). Além disso, PC Siqueira e Diego Quinteiro não buscam esconder seus posicionamentos, como a mídia corporativa normalmente o faz.

Em entrevista ao Programa *2 Chopes Com* da Yahoo⁶¹, PC Siqueira explica que, naquele período dos protestos de junho de 2013, ele e Diego Quinteiro não acharam certo se manterem em silêncio quanto às discordâncias que tinham em relação à cobertura realizada pela Rede Globo. Além disso, ele critica também a pretensa neutralidade presente nos materiais produzidos por pessoas influentes na mídia corporativa e na internet. Nesse sentido, ele defende a necessidade de posicionamentos claros e trata com desdém os fãs que se posicionam à direita e lançaram críticas ao seu vídeo, dizendo não se preocupar de perdê-los.

Não obstante, está claro para os internautas críticos a PC Siqueira e Diego Quinteiro que a opinião demonstrada pelos *videobloggers* teria o potencial de gerar opinião pública como resultante da visibilidade que eles possuem no meio virtual. Por isso, se empenham em engendrar debates naquele espaço, para que, dessa forma, possam contribuir na formação de uma outra opinião coletiva, resultante da discussão pública. Articulam assim os dois prismas pelos quais a opinião pública pode ser entendida, segundo Wilson Gomes (2007): o da visibilidade e o da discutibilidade. Desse modo, eles entendem o espaço do YouTube como esfera de *debate não-deliberativo e de conversação civil* e também como *esfera de exposição e visibilidade pública* conforme proposto por Gomes (1999).

Sobre a questão da opinião política Bourdieu (2007, p.390) elucida que “pode-se ver uma manifestação da preocupação - que aumenta com a nível de instrução - para ter uma opinião, como se diz, ao recorrer ao instrumento mais específico e mais legítimo”. No caso dos protestos de junho de 2013, não pode-se afirmar que as pessoas, por expressarem descontentamento com a cobertura das mídias corporativas, deixaram de recorrer à imprensa tradicional, afim de se atualizar com relação aos movimentos e de formar a sua opinião com

⁶¹ Disponível em: <<https://br.screen.yahoo.com/2-chopes-com-pc-siqueira-205135222.html>>

base nas opiniões que lhes eram disponibilizadas nesses meios. No entanto, o interessante é que além dessas fontes rotineiras, alguns jovens buscaram também a opinião de outros sujeitos midiáticos, legitimados sobretudo pelo público que os acompanha.

Por fim, ressaltamos a energia que empregam para sustentar esse debate não-deliberativo e contribuir para a formação de uma opinião coletiva. Muitos comentaristas passam dias disputando entre si qual melhor argumento, como relatado pelos comentaristas de números 46 e 47. Interessante observar como eles percebem o processo de recepção dos discursos, demonstrando acreditar que as mídias corporativas e digitais alienam as pessoas. Não levando em conta, assim, as mediações que as pessoas fazem em decorrência de suas experiências de vida e do contexto sociocultural no qual estão inseridas. Então, esses e outros comentaristas se veem no “dever” de debater com outros a fim de ajudá-los, por meio do conflito de ideias, a talvez formar ou ampliar suas opiniões sobre as questões postas em pauta por PC Siqueira e Diego Quinteiro.

Conforme nos explica Sennett (2012), a cooperação pode estar associada à competição e pode se realizar tanto de modo informal quanto formal. De sorte que, “as pessoas que batem papo em uma esquina ou bebem em um bar estão fofocando e jogando conversa fora sem pensarem de maneira autorreferencial: ‘Estou cooperando’. Esse ato vem envolto na experiência do prazer recíproco” (SENNETT, 2012, p.15). Percebemos que isso ocorre nos espaços de discussão da internet. Essa cooperação, associada à competição pelo triunfo do melhor argumento, parece gerar, nos que dela participam, uma espécie de prazer por estarem construindo, coletivamente, uma opinião acerca de algo. Os que comentam – em vídeos do YouTube, matérias de jornais e revistas *on-line* ou postagens em redes sociais como o Facebook – intuitivamente, demonstram se sentir importantes por compartilhar suas opiniões e assim, ampliar o discurso do material emitido inicialmente.

e) elogios ao vídeo e aos protagonistas, especialmente PC Siqueira

Além dos fãs e espectadores habituais do *videoblogger*, várias outras pessoas foram atraídas para a assistência desse vídeo, em decorrência da circulação dele em outros espaços virtuais. Nós, por exemplo, não tínhamos o hábito de consumir os vídeos postados no Canal em questão. Até o momento em que um professor endereçou mensagem recomendando a assistência do vídeo “Globo e os Protestos”. Destarte, no breve mapeamento que fizemos sobre o fluxo contínuo desencadeado através desse material audiovisual, localizamos várias

indicações para ele em blogs, portais e sites de empresas jornalísticas (no anexo 3 encontra-se a lista dessas matérias localizadas).

Como infere Foucault (2007, p.119), “o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se sistema de apropriação ou de rivalidade”. No caso observado, o enunciado proposto pelas microcelebridades em questão tornou-se objeto de contestação nos comentários e na blogosfera e de apropriação por esferas legitimadas do campo jornalístico, por exemplo. Blogs com inclinação política de direita dissecaram o vídeo, trecho a trecho, a fim de levantar argumentos para contrapor os discursos ali contidos. Enquanto isso, empresas de jornalismo, como Yahoo e Carta Capital, indicaram o vídeo em tom apreciativo pelo caráter didático com o qual o conteúdo fora exposto.

Assim, na maioria das matérias jornalísticas encontradas destaca-se um tom elogioso ao vídeo e à iniciativa das microcelebridades. Na mesma linha dos comentários que seguem:

56. RogeR Lemos
Diego e PC, ainda bem que temos vocês, obrigado por fazer o que fazem, as pessoas precisam saber a fundo como as coisas realmente funcionam!!!!!! Obrigado!!!!!!!!!!!!!!
57. Luiz Sassi
PC e cara gordo, vcs são muito foda, gostei demais desse vídeo e ver q vcs se interessam por mais coisas além de video games é sensacional.
58. Gloria Santos
Muito bom o video PC. Parabéns!
As pessoas precisam ser esclarecidas quanto à isso. A Globo, ou melhor, a grande mídia, JAMAIS apoiaria um movimento popular (...).
59. Maverick Rios
parabens Pc... discordar do que vc colocou aqui já é se posicionar politicamente... né não ?!?! Concordo muito ... muito mesmo com q foi dito aqui ... e valew a participação politica sua... melhor abrir uma conversa sobre isso que falar de onde se aperta a pasta de dente :D ... mas a internet é linda... tem espaço pra tudo isso sim.
60. Luis Ouriques
Ótimo vídeo, e pelos comentários se percebe o quanto a internet é livre e o quanto a extrema direita é presente em nosso país, lamentável.
61. Clara Lino
o melhor vídeo sobre os protestos!
62. Glaucia Ferreira
é muito legal esse trabalho que vocês fizeram. Um pouco de informação nesses tempos de desinformação é sempre bom. Vimos o vídeo de vocês em um grupo de professores. todos gostaram. obrigada!

Nesses comentários há um forte componente de gratidão pelo fato de PC Siqueira e Diego Quinteiro terem se posicionado e contribuído de alguma forma para o direcionamento da compreensão do movimento vivido naquele período. Também estão presentes várias menções ao papel social que teriam desempenhado naquele momento ao se contraporem aos discursos hegemônicos dos meios corporativos. Para alguns fãs, que sempre acompanham o Canal, pareceu ser uma grata surpresa perceber que PC Siqueira poderia tratar de assuntos políticos com seriedade, colocando um pouco de lado as trivialidades que normalmente pautavam os vídeos postados por ele.

Por fim, ressaltamos esse último comentário em que a internauta menciona ter visto o vídeo com um grupo de professores. No mapeamento da circulação do vídeo em contextos digitais encontramos também um blog de um professor de sociologia – direcionado à discussão de textos filosóficos e à proposição de exercícios para verificação de aprendizagem – em que é solicitado aos alunos do ensino médio que articulem o conceito de indústria cultural de Theodor Adorno aos sentidos atribuídos por PC Siqueira e Diego Quinteiro para a atuação da Rede Globo durante os protestos⁶². Após a assistência do vídeo, os estudantes deveriam fazer comentários na postagem do Blog. Nos detemos nesse exemplo para salientar os fluxos comunicacionais gerados a partir do vídeo estudado. O fenômeno de midiaticização elucidado por José Luiz Braga (2012) parece adquirir forma nesse caso, visto que vozes ecoadas na sociedade são matéria-prima para o discurso das microcelebridades em questão, e esse discurso, por sua vez, mostra-se capaz de gerar debates espalhados em toda a sociedade. Desde espaços informais de discussão, como blogs independentes de esquerda e de direita, até veículos jornalísticos e espaços de educação ortodoxa. Os sentidos, nesse caso, circulam por múltiplos campos e os receptores fazem seguir adiante o conteúdo de variadíssimas formas. Tudo isso num intenso e complexo fluxo, em que se percebe uma diversidade de vozes e intencionalidades impossíveis de serem apreendidas em sua totalidade.

f) desautorização da díade a partir da negação de um dos polos

Nesta categoria evidenciamos, principalmente, os comentários que negam a existência da direita ou esquerda no espectro político brasileiro. Para desconstruir o discurso de PC Siqueira e Diego Quinteiro alguns comentaristas engataram um processo argumentativo em que contestam a ação de algum lado desses polos no contexto institucional do Brasil. Fazem isso

⁶² Disponível em: <<http://humanidadesruibarbosa.blogspot.com.br/2013/06/adorno-filosofia-3-e-2-anos.html>>. Acesso em 10 out. 2014.

por perceberem um “descolamento” entre discurso e prática dos partidos e agentes políticos. Então, se a prática deles destoa dos ideais em que dizem estar embasados, logo, aquele posicionamento não existe de fato na cena governamental do país. Os comentários que seguem ilustram um pouco essa tentativa de desautorização da díade a partir desse viés:

63. Nando Berry
Mas...quem hoje, em se tratando de partidos políticos, representa de verdade a esquerda? O PT usou o discurso de esquerda pra chegar ao poder...Lá chegando, abandonou seus ideais, e agora toca conforme a música, a música que lhes convém.
64. pedrohepe
PT foi esquerda na época de criação, depois foi entrando no sistema eleitoreiro e se corrompeu. As políticas adotadas por eles se limitam ao assistencialismo (medidas assim não resolvem nada, só tapam o buraco), e eles não romperam as máfias governamentais, continuaram satisfazendo banqueiros e empresários do mesmo jeito que os partidos da direita tradicional faziam.
65. Otávio Oliveira Bopp em resposta a pedrohepe
O objetivo da esquerda nao é acabar com a corrupção, que nao é coisa de direita, é a distribuição de renda e o maior poder do governo sobre as empresas.
Você pode dizer q o pt traiu seus militantes, as pessoas que o apoiavam, q ele se corrompeu e sei la o que mais. Voce pode dizer q ele trai o mst e seus ideais ao se juntar a grandes latifundiarios, voce pode dizer qualquer coisa, mas nao pode dizer q o pt nao é de esquerda.
Corrupção nao é forma de govern de nenhum lado!
66. Flávio Suwa
OK, A ESQUERDA DAS RUAS CONTRA A ESQUERDA NO PODER?
FALA SÉRIO. PT, PCDOB, ETC DAS RUAS CONTRAS ELES NO PODER? (...).
67. gabrieldatuba em resposta a Flávio Suwa
Já errou! não tem esquerda no poder do Brasil, o PT é um governo de composição(centro), pois dentro dele vc tem banqueiros,neoliberais e trabalhadores, por isso é um governo que se move constantemente com medidas contraditórias.

Como provável, uma discussão em espaços virtuais sobre a atuação dos programas e valores da esquerda não poderia prescindir o debate a respeito do Partido dos Trabalhadores, que desde 2010 ocupa o governo federal através da presidenta Dilma Rousseff. Como vemos pelos comentários de número 64 a 67 há também a discussão sobre se o PT se posicionaria realmente à esquerda do espectro político. Parece não haver dúvidas de que em sua origem ele fora de esquerda, mas, para alguns, após sua chegada ao poder federal através do presidente Luís Inácio Lula da Silva o partido teria se desvirtuado de suas pautas esquerdistas, de igualdade social sobretudo. Se o PT, que tem sua origem nos movimentos sociais, tornando-se símbolo da

esquerda atuante no cenário político a ponto de conquistar o poder máximo, teria se afastado dos ideais de sua concepção, logo não existiria mais esquerda na política institucional do país.

Percebemos, ainda, um intenso conflito que gira em torno da concepção de que as pessoas estavam protestando exclusivamente contra o PT, contra a presidenta. É bem verdade que muitos manifestantes carregavam bandeiras contrárias ao grupo no poder, no entanto, é certo que muitas das pautas levantadas por eles diziam respeito, sobretudo, aos poderes de instância municipal e estadual. Como a questão da educação básica, por exemplo. Mesmo assim, para alguns comentaristas estava destruída a tese de que os protestos são de esquerda. Segundo eles, o movimento não poderia ter inclinação política de esquerda, pois estaria lutando contra o partido de esquerda atualmente no poder máximo do país. Ignoravam, assim, o fato de que haviam uma infinidade de pautas levantadas naquele período, por uma multiplicidade de pessoas que possuíam interesses distintos e difusos. Há também a discussão sobre a existência de partidos de direita no Brasil, como se pode ver nos comentários que seguem:

68. Flora Monte Claro
 (...) O Brasil nunca teve DIREITA. Nunca!
 Tivemos uma sucessão de oportunistas que sempre governaram para si próprios, sem levar em conta ideais de direita ou esquerda (...).
69. Renato Mac em resposta a Flora Monte Claro
 Flora Monte Claro: "O Brasil nunca teve DIREITA. Nunca!"
 AAAAAARRGGGGGRGGGG!!!!!!!!!!!!
 Cuidado! Heródoto vai puxar teu pé de noite...

Bobbio (2001) comenta que a negação da existência de um dos polos é uma das principais maneiras de se contestar a díade. Segundo ele, para tornar irrelevante a distinção, não é necessário demonstrar a inoportunidade dela – argumentando que não existem mais ideologias –, a sua imperfeição – dizendo que existem várias outras posições além da díade – ou o seu anacronismo – alegando que existem novos problemas os quais pedem novos atores na cena política, na qual a díade não consegue mais desempenhar seu papel. Para invalidar a díade “basta desautorizar um dos dois termos (...) se tudo é direita, não há mais esquerda” (BOBBIO, 2001, p.61). Isso é o que têm feito muitos dos comentaristas do vídeo “Globo e os Protestos”.

Mais uma razão para a crítica da díade é a denúncia de que a esquerda desabou juntamente com o Muro de Berlim. O que não seria verdade, já que existem várias esquerdas. E, por último, o motivo mais decisivo para negar a existência dessas posições refere-se à acusação de que elas se tornaram meras ficções e, na realidade, “diante da complexidade e

novidade dos problemas que os movimentos devem enfrentar, os destros e os esquerdos dizem, no fim das contas, as mesmas coisas” (BOBBIO, 2001, p.65). A fim de angariar o maior número possível de votos, esses dois grupos mudam seus discursos ao “gosto do freguês”, perdendo, assim, a credibilidade. Mesmo assim, para esse autor, o fato de os partidos fazerem acordos obscuros e se moverem a todo tempo, muitas vezes se contradizendo, em função de seus interesses, não apaga o norte pelo qual se direcionam e não exclui as diferenças entre os programas políticos que apresentam para apontar soluções possíveis para os problemas enfrentados pela sociedade.

g) críticas e desqualificações rasas

Ao invés de elencar argumentos para contrapor o que fora pronunciado por PC Siqueira e Diego Quinteiro, alguns comentaristas preferiam partir para o ataque pessoal aos *videobloggers* ou para xingamentos aos discursos emitidos por eles. Em obra póstuma, sobre os estratagemas que as pessoas utilizam para se sobressaírem nos debates, Schopenhauer (2014) classifica o ataque pessoal como último recurso a ser empregado. Segundo ele, essa estratégia é adotada quando percebe-se que o oponente é superior e não se tem argumentos para combatê-lo. Então, a maneira encontrada de levar a cabo o combate discursivo seria por meio do completo abandono do assunto para direcionar os ataques à pessoa do oponente, partindo-se então para a grosseria, como podemos perceber em alguns dos comentários a seguir:

70. Fernando Augusto
Vesgo nojento.... tu nem sabe o que é direita e esquerda. Seu merda....
71. Renato ironmaiden há 3 semanas
O PC é burro ou desonesto intelectualmente.
Nunca mais vou ver um vídeo desse sujeito(2)
72. gabrielpivot2
Deveria mudar o nome do vídeo para "Direita x Esquerda, na visão de dois acéfalos".
73. Stitch Crf
Você deveria se retratar publicamente pela quantidade de besteiras que você falou no vídeo.
74. maspoxavida em resposta a Stitch Crf
Estou me retratando para mais de 2 milhões de pessoas ;) Volte sempre.

Esse último comentário em resposta ao anterior é de PC Siqueira, gerenciador do Canal *Maspoxavida*. Entre todos os comentários colhidos e mesmo durante excursões posteriores ao

espaço dos comentários essa foi a única resposta que visualizamos da parte dele. Observando comentários de outros vídeos postados por ele nesse Canal, percebemos que, muitas vezes, são conflituosas as relações estabelecidas entre ele e seus espectadores. Mas, apesar de dirigirem duras críticas ao discurso de PC Siqueira, ainda assim, em muitos comentários estava implícito a concordância de que o mesmo é uma figura detentora de capital simbólico naquele campo específico. O que parecia causar mais indignação contra o *videoblogger* e impulso para desconstruir as ideias que ele, junto com Diego Quinteiro, poderiam disseminar entre o público espectador do *Maspoxavida*.

h) sobre a suposta hipocrisia de PC e da esquerda como um todo

Nesta categoria organizam-se os comentários críticos quanto a uma suposta hipocrisia evidenciada por PC Siqueira e pelos que se declaram de esquerda. A crítica refere-se ao fato de o *videoblogger* ter um estilo de vida confortável, para os padrões da maioria, e discursar sobre justiça social e distribuição de renda. Como se sozinho ele pudesse colocar em prática os ideais que defende ou como se não pudesse defendê-los sem fazer algo nesse sentido. Esses argumentos podem ser constatados nos comentários que seguem:

- 75. Alexandre Vieira
pc é esquerdista, mas anda com iphone, ironia nao?
- 76. Agua Marinha em resposta a Alexandre Vieira
E o que tem a ver uma coisa com outra? Esse é o típico pensamento extremista que acha que ser de esquerda é permanecer na pré-história (...).
- 77. Eduardo Gustavo
E de esquerda, mas ficou rico com a INTERNET!!
POR QUE NÃO DIVIDI A GRANA DELE CMG!
- 78. pedroj122 em resposta a Eduardo Gustavo
se ele dividi o mundo vai continua sendo injusto e vai continua existindo a miseria.. agora se for pra reunia a grana de td mundo e dividi tenho certeza q ele vai aceita so a dele nao e suficiente

Como se percebe, para cada crítica ao *videoblogger*, por sua suposta hipocrisia, logo surgem argumentos em sua defesa. Os fãs cumprem, assim, o papel de preservar o discurso de PC Siqueira e explicar como funcionaria o posicionamento tomado por ele. Desse modo, eles parecem exercer uma função de proteção da figura da microcelebridade, que teria se exposto para “auxiliar” as pessoas a compreenderem a realidade social que os cercava naquele momento. Já no ímpeto de apontar um descolamento entre discurso e prática de PC Siqueira houve ainda quem escrevesse paródia de música no estilo *funk ostentação*:

79. garbujo69
 Musiquinha pro PC Siqueira:
 Ele é TOP
 “Ele não anda, ele REIVINDICA
 Ele é TOP, ele é Esquerdista
 Ele tem IPHONE, IPAD e MACBOOK
 FAZ VIDEO DO PROTESTO pra postar no YOUTUBE”
 Hahahaha ... 1.564.710 Visualizações ... Vc vai distribuir a renda desse video?
 Ja deu qse R\$ 3.500,00 só nesse video!!
80. Nelsonsander81 em resposta a garbujo69
 Boa!!!!
81. Vc divide o seu dinheiro com o povo PC? Deveria dividir, todos que pensam assim deviam dividir.
82. Eles já dividem, assim como você. Todos pagamos impostos.

A ideia que se reverbera na maioria dos comentários é que ser de esquerda pressupõe algo como um “voto de pobreza” ou como se os que se posicionam nesse espectro político desejassem a socialização da pobreza e não das riquezas produzidas no mundo. Além disso, esse argumento constante está embasado no discurso do personagem protagonizado por PC Siqueira que afirma ser a favor de que as pessoas possam ficar ricas, não importa se isso faça com que os outros fiquem pobres. Esse argumento engendrou uma série de debates pela interpretação feita de que o *videoblogger* estaria querendo dizer que a riqueza de uns, necessariamente, empobrece outros. Nesse sentido, ele é acusado a todo tempo de ser hipócrita, por ser rico e proferir um discurso desse. Alguns comentaristas o defendem alegando que a intenção era apenas caricaturar a direita e mostrar ser contrário às desigualdades sociais, tão latentes na sociedade brasileira. Sobre o posicionamento dos “esquerdos” quanto à desigualdade, Bobbio (2001, p.119) esclarece que,

quando se atribui à esquerda uma maior sensibilidade para diminuir as desigualdades não se deseja dizer que ela pretende eliminar todas as desigualdades ou que a direita pretende conservá-las todas, mas no máximo que a primeira é mais igualitária e a segunda menos igualitária.

Dessa forma, a luta dos movimentos de esquerda seria por uma sociedade mais justa. Entretanto, isso não quer dizer que a direita seja injusta. A questão é que enquanto a esquerda vê as desigualdades como uma construção social – portanto eliminável – a direita percebe-as como algo natural – portanto ineliminável. Além disso, enquanto para uma é dever do estado intervir para que haja distribuição de renda e ascensão social dos mais pobres, para a outra somente o livre mercado poderia atuar nesse sentido.

i) Argumentos sobre a crise das ideologias

Esta categoria foi elencada a partir de discussões formadas em torno da opinião de que estamos diante de uma crise das ideologias, de modo que, as posições políticas direita e esquerda não seriam mais válidas. Não obstante, o principal alvo das críticas, nesse caso, são os profissionais da política e os partidos políticos como um todo. É comum entre os comentaristas a expressão de uma indignação quanto a política institucionalizada. Por isso afirmam não crer em mais nada e contestam a validade da diáde. As argumentações abaixo ilustram essas observações:

83. Aarom Padilha

Cara, eles acham MESMO que o motivo de eu não querer partidos ao meu lado nos protestos é porque eles são DE ESQUERDA?! PQP!!!...

NENHUM partido me representa! Ao meu ver, estão apenas querendo se promover com as passeatas. Pra mim, não passam de um bando de aproveitadores! FODA-SE direita e esquerda! É tudo farinha do mesmo saco!

84. Patricia Pinagel barcellos

Liberdade para os partidos se manifestarem é importante para a nossa Democracia mas no momento não me sinto representada por NENHUM partido político (...).

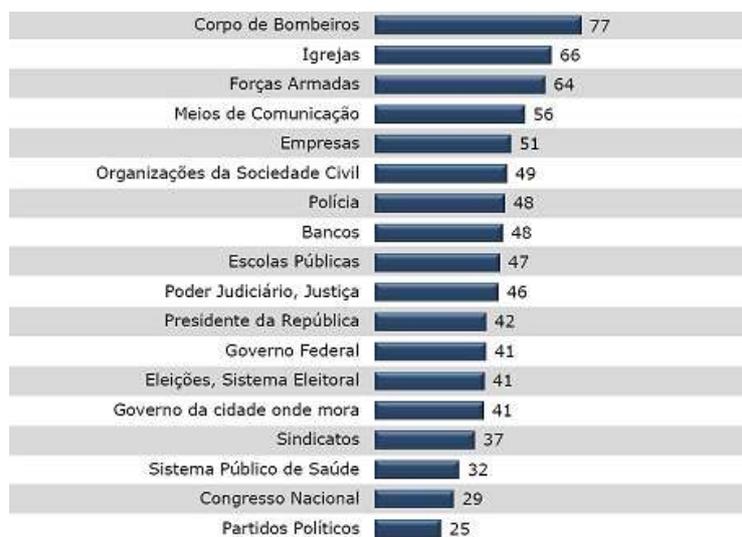
Pelo que se pode perceber, esses exemplos denotam, na verdade, uma crise de representatividade, comum em vários regimes democráticos contemporâneos. Assim, a rejeição direciona-se, sobretudo, aos partidos políticos que, não raro, têm suas práticas incompatíveis com seus discursos. Maffesoli (2000, p.69) explica que existe latente na massa “uma reticência antropológica a todos os poderes”. Para ele é muito evidente que o problema não é que as pessoas estejam desinteressadas pelas questões políticas, o ponto é que as instâncias formais do poder deixaram de atraí-las. Assim, elas têm procurado novas formas de se organizarem politicamente de forma autônoma. Buscando se estruturar, a partir das bases, em uma multiplicidade de pequenos grupos, articulados uns com os outros. Relativizando, assim, as instâncias de poder.

Sobre a crise de representatividade, tão em pauta nos protestos de 2013, uma pesquisa realizada pelo IBOPE⁶³, em julho de 2013 no Brasil, reitera as discussões nas ruas e nas redes

⁶³ ÍNDICE de Confiança Social 2013. Cai a confiança dos brasileiros nas instituições. **IBOPE**, 02 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/cai-a-confianca-dos-brasileiros-nas-instituicoes-.aspx>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

sobre essa questão. Os dados apurados pelo Instituto revelaram que, entre as dezoito Instituições e Organizações Sociais avaliadas, os partidos políticos são os que detêm o menor nível de confiança – 25 pontos numa escala de 0 a 100 – entre os pesquisados. Como mostra a figura a seguir:

Figura 3: Índice de Confiança Social 2013 – Instituições



Fonte: (IBOPE, 2013, *On-line*)

j) outros

Muitos dos comentários colhidos no universo dos mil primeiros postados limitavam-se apenas em postar expressões como “kkkkk” ou questionamentos vagos como “hã?”, esses foram elencados nesta categoria. Nela foram também inseridos comentários que articulavam argumentos, mas que destoavam em muito das questões elencadas nas categorias elaboradas e figuravam isolados dentre os outros comentários postados. Discursos como: “o povo brasileiro não sabe votar” ou “muda Brasil” são exemplos desses comentários que pareciam “soltos” em meio às discussões que abordamos nas categorias supracitadas. Por isso, os agrupamos nessa categoria que não será aprofundada porque, como mencionamos, cada um dos comentários aqui inseridos tangenciam uma questão diferente, tornando-se assim inviável de serem abordadas.

Concluimos essa parte, das categorias de análise apresentadas, mencionando a interconexão de esferas efetuada pelos comentaristas no processo de conversação desenvolvido no YouTube, que apesar de não ter sido exemplificada, pode ser acionada no ato de comentar algum vídeo. No âmbito dos comentários é possível postar links para outros espaços da internet, recurso empregado em muitos comentários para que se apresentassem “provas” do argumento que estava sendo levantado ali. Além disso, como pode-se perceber a partir dos exemplos

apresentados, o fluxo comunicacional gerado a partir da assistência do vídeo tangenciou vários aspectos não contemplados no material audiovisual, evidenciando assim, uma interconexão de conteúdos com potencial para enriquecer o debate. Mas, constituindo-se também em fator de complexificação no tratamento dos dados para essa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos comentários coletados, constatamos que PC Siqueira e Diego Quinteiro se precipitaram ao indicar a emergência de um movimento de esquerda nas ruas, inclusive chancelando a presença de partidos políticos nos protestos. Talvez eles não tenham observado as diferentes práticas políticas que se propagavam no desenrolar dos protestos, que pouco a pouco, a cada nova manifestação, transformaram-se em um caldeirão de insatisfação social: contra tudo. Tornando complicado resumir toda a complexidade das demandas apresentadas num posicionamento pronto, visto que, nas ruas e redes, haviam manifestantes de vários segmentos sociais e com preferências políticas e pautas distintas. Cada um deles podendo expressar suas opiniões nos ambientes digitais em que “criam” suas próprias mídias.

Quando todos podem ser não apenas fonte, mas também mídia, torna-se difícil de apreender a totalidade dos fatos numa narrativa. Cada participante social vai apresentando uma nuance diferente das situações ocorridas na sociedade, de acordo com a visão de mundo que construíram a partir das experiências vivenciadas e dos contextos em que estão inseridos. Contudo, esse processo de democratização social, preconizado por Bobbio (1986), em que todos podem se expressar, não resulta em ausência de hierarquias. Conforme alerta Sodré (2002), o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação trazem consigo a problemática da perpetuação de velhas estruturas de poder. Não obstante, essas velhas estruturas agora operam de forma simultânea com outras novas, que possuem lógicas próprias e estabelecem novas práticas sociais, reconfigurando os modos de relação entre emissores e receptores dos produtos simbólicos.

Nesse sentido, são emblemáticas as relações evidenciadas que se desencadeiam entre PC Siqueira e seu público receptor. Ali, no Canal *Maspoxavida*, PC Siqueira é a instância emissora, ele é o dono do Canal construído na plataforma de capital privado que é o YouTube. O *videoblogger* pauta as conversas no espaço dos comentários, quase tal qual se faria no meio televisivo. Mas – como se pode depreender pelos comentários postados sobre o uso de merchandising e sobre as transformações ocorridas no Canal, os quais foram discutidos no capítulo 3 –, dele é exigido autenticidade, diferenciação quanto aos meios corporativos e respeito às lógicas estabelecidas por ele mesmo em parceria com o público. Os espectadores da microcelebridade em questão parecem se apoderar do conteúdo veiculado no Canal e de tudo que o caracteriza, não aceitando facilmente rupturas nas lógicas que regem aquele espaço. Ele poderia se ver livre dessas exigências, bastava, para isso, excluir a possibilidade de postagens de comentários – coisa que já ameaçou fazer em um dos vídeos. Mas não o faz, porque precisa

da escuta dos sentidos postos em circulação pelos comentaristas, a partir da fala dele. Já que é justamente essa escuta que contribui para a manutenção do Canal. Dos comentários num vídeo surgem conteúdos para outros vídeos. Assim, tanto os fãs quanto os críticos, que parecem competir com PC Siqueira pelo triunfo do melhor argumento, acabam cooperando com a produção realizada naquele espaço. Nesse caso, evidenciamos o que José Luiz Braga (2012) comenta sobre a dificuldade de separação nítida entre as instâncias de produção e recepção e sobre a complexidade de saber com precisão os pontos de partida e de chegada na concepção dos produtos simbólicos.

Em muitos comentários postados no vídeo “Globo e os Protestos”, percebe-se o horror de alguns comentaristas à suposta manipulação que certas instâncias produtoras estariam exercendo sobre as pessoas, fossem corporativas ou digitais. Por isso, resistiam ao papel de “receptor passivo e alienado” e se esforçavam para “ajudar” outras pessoas a não se colocarem nessa situação, através do procedimento argutivo contra os discursos expostos no material audiovisual, por exemplo. Assim, aquilo que Maffesoli (2000) denomina de reticência aos poderes constituídos demonstrava-se latente também na relação estabelecida entre alguns comentaristas do vídeo em relação à figura de microcelebridade de PC Siqueira. Isso porque, percebiam a possibilidade de construção de hierarquias na internet, especialmente no YouTube, e buscavam contestá-las conforme os recursos de que dispunham. Para isso, não mediam esforços, empreendendo seus saberes, tempo e energias em debates que duravam dias e pareciam findados à impossibilidade de terminarem em acordo ou concordância.

Talvez se poderia dizer que tais debates sejam infrutíferos, visto que neles não há abertura para a mudança de opiniões e nem se chega a um resultado concreto. Contudo, destacamos que nessas conversações informais construídas em espaços como o YouTube os comentaristas podem até ter o fetiche da afirmação, mas, ainda assim, são impelidos a olhar para uma mesma questão sob pontos de vista diversos. Se querem fazer parte do processo argumentativo, forçosamente, têm de ponderar sobre o argumento do outro para poder construir seus próprios argumentos. Ao fazerem isso podem até não realizar o exercício da reflexividade, mas ao menos são instigados a tornarem-se agentes do discurso, a medida que são interpelados pelos pares a sustentar seus posicionamentos diante dos outros.

Desse modo, entendemos que o comentário permite o desdobramento das narrativas. Nas conversações estabelecidas entre os comentaristas são apresentados: experiências de vida que confrontam o enunciado inicial e talvez possam fazer os pares olhar de outro modo para a questão proposta; aspectos diversos que compõem o mesmo fato; ou até mesmo outros argumentos que, não obstante, os conduzem a reafirmar sua posição inicial. Destacamos que ao

discorrer noções sobre política, assunto que desperta tantas paixões e conflitos, sentidos referentes à vida em sociedade podem circular e ser ampliados.

Não obstante, nesse processo conflitivo de arguição sobre pontos de vista distintos, a afirmação de Foucault (2007, p.10), quando diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta”, parece adquirir particular sentido. Pois, realmente, o que está em jogo não é necessariamente o conteúdo da conversa, o assunto – suporte material dela – ao invés disso, o que parece de fato importar é conseguir “derrotar” o oponente, mostrar que ele está errado. Tanto que, como observado no estudo, o assunto principal do vídeo (identidade sociopolítica dos protestos e cobertura da Globo quanto à repressão dos partidos) fora totalmente desviado em algumas conversas estabelecidas nos comentários. Nesse caso, como elucidado por Simmel (1983), o conflito acontece não como um meio de se chegar a um entendimento recíproco sobre a questão, mas sim como um fim por si só, constata-se assim a conversação conflitiva como luta pela luta.

O que talvez não devesse gerar estranhamento, visto que conforme defende Jamil Marques (2003) a política seria antes de tudo uma luta simbólica pelo monopólio da palavra. E o espaço público, por sua vez, se constitui como sendo também um espaço simbólico de encontros e embates entre discursos muitas vezes contraditórios entre si (WOLTON, 2004). De modo que, nos espaços públicos virtuais de enunciação conflitiva os sujeitos vão formando-se enquanto agentes discursivos, tomando posições de acordo com seus “lugares de fala”. O que parece gerar um certo prazer por parte dos que participam desse processo. Prazer pela conquista da atenção do outro, por ter suas opiniões legitimadas pelos pares ou mesmo por ser confrontado e convocado para o debate. Nele, os argumentos são expostos ao julgamento de terceiros, são aprovados ou contestados, reafirmados ou recuados, esmiuçados e desconstruídos. Tudo isso num fluxo frenético e intenso, em que os tempos da reflexão e da ação parecem ser simultâneos.

No âmbito dos comentários, os enunciados entram em circuitos intermináveis, que se concretizam entre sujeitos possivelmente muito diferentes entre si: em termos de origem, classe social, formação educacional, profissão, faixa etária, raça e etc. O que não deixa de ser potencial motivo para o estabelecimento de hierarquias. Essas, contudo, não necessariamente obedecem à lógicas simplistas e previsíveis, conforme temos mostrado até aqui. Nessas arenas telemáticas, as pessoas se sentem autorizadas a emitir opiniões de cunho político, mesmo que não possuam diplomas ou outros recursos que atestem volumes de capital cultural e simbólico. O que pode decorrer em uma desvalorização ou simplificação demasiada dos discursos que circulam em rede. Como salienta Adriana Braga (2010), na medida em que “qualquer um” pode produzir e veicular conteúdo para muitas outras pessoas, esse conteúdo provavelmente se tornará

duvidoso. O outro risco é de que as questões políticas sejam por demais simplificadas para alcançar o maior público possível, congregando mais adeptos em torno de uma mesma opinião que, muitas vezes, não contempla a complexidade da realidade. Essas percepções claudicantes podem tornar-se verdades incontestáveis, conforme as paixões e afetos envolvidos nos que delas se apropriam. São visões de mundo que passam a servir como elo de ligação entre determinados sujeitos e formam grupos de interesses e afinidades que se associam para confrontar outras visões de grupos opostos.

Então, essa é a política dos comentaristas: baseada no embate argutivo; no conflito de ideias, valores e fontes de informação; mas, também na ajuda mútua; na formação de um “nós” para que se combata o “eles”. É uma política do difícil encontro com o diverso e, em muitos casos, de execração do outro. Contudo, ainda assim, uma política de tentativa, de experimentação argumentativa e de formação para o debate. Por fim, uma política do afeto, de movimentação passional e emotiva, em que sentimentos de partilha do comum e de ódio ao diferente são acionados para pôr em circulação múltiplos sentidos sobre uma mesma questão e assim fazer seguir adiante o conteúdo recebido.

Enquanto “faziam seguir” o conteúdo veiculado no vídeo “Globo e os Protestos”, os comentaristas estabeleciam conversações em que deixavam sempre evidente a crise de representatividade pela qual atravessam as democracias representativas na atualidade. Se nas formações dos protestos de rua anteriores buscava-se a unificação do grupo por meio de algum centro de referência político-ideológica, nestas que aconteceram em junho de 2013 no Brasil buscava-se justamente a pluralidade das vozes, a autogestão, a descentralização das decisões políticas e a ação democrática. Acredita-se que o que movia os protestos não se alicerçava sobre nenhum poder constituído, mas sim na junção das vozes contraditórias, que são tão distintas no fazer quanto no refletir sobre a ação.

Assim, podemos concluir que observamos um constructo simbólico e discursivo que apresenta novos contornos sobre os movimentos de rua no Brasil de 2013. Nessa ordem, receptores se convertem em emissores de formas simbólicas, e eles mesmos se organizam de forma independente em ambientes democráticos, como o YouTube. De modo que, presenciamos um alargamento dos espaços de negociação dos sentidos sobre a ação política e a vida social. Processo esse que têm provocado mudanças nas formas de fazer e de participar da vida democrática. E que talvez, num futuro próximo, apresente mais sinais sobre o que de fato são as novas práticas sociais de participação civil e política na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA da democracia. Direção de Timothy Copestake. Produção de Sophia Roberts e Rowan Deacon. Lion Television, 2007. 1 Documentário *on-line* (95 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P3yVRkvP-w4>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

ALTHEMAN, Francine; MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. O potencial deliberativo de conversações políticas sobre o Projeto de Lei do Ato Médico no Youtube. In: **Revista Compolítica**, n. 3, vol. 1, ed. janeiro-junho, ano 2013. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013.

ALTHEMAN, Francine. **A construção de esferas públicas**: Processos midiáticos, deliberação e conversação em torno do Projeto de Lei do Ato Médico. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012.

BARROS FILHO, Clóvis. Curso de Ciência Política da graduação em Relações Públicas da ECA/USP. 2013. Notas de aula. Disponível em <www.veduca.com.br>.

BARROS FILHO, C.; PRAÇA, S. Agenda Setting, Newsmaking e a Espiral do Silêncio. In: CITELLI, Adilson et al. (org). **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

BELIVAQUA, A. K. D. **Práticas discursivas em blogs políticos**: uma observação sobre a participação política e as transformações que acompanham o espaço público. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, Adriana A. Microcelebridades: entre meios digitais e massivos. **Revista Contracampo**, nº 21, Niterói, UFF, 2010, p.39-53.

_____. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdade & diversidade**, v. 9, p. 95-104, 2011.

BRAGA, A. A. RODRIGUES, A. D. Análises do Discurso e Abordagem Etnometodológica do Discurso. In: **ANAIS DO ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**. 23. 2014, Belém.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo, Editora Paulus, 2006.

_____. **Processos de aprendizagem para uma sociedade de interação mediatizada**. Mediatização, Sociedade e Sentido (Seminário Prosul), 2007, São Leopoldo. Mediatização, Sociedade e Sentido - Anais do Seminário Prosul de Comunicação 2007. São Leopoldo: Projeto Prosul de Comunicação, 2007. v. 1. p. 1-14.

_____. A política dos internautas é produzir circuitos. Original em: BRAGA, José Luiz . La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio. (Org.). **Las políticas de los internautas**. 1ed. Buenos Aires: La Crujia, 2011, v. 1, p. 43-59.

_____. Circuitos versus Campos Sociais. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder et. al. **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2012.

CANAL MASPOXAVIDA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/maspoxavida>>.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1.ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e mediatização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 107-126, jan./jun. 2013.

COELHO, Maria das Graças. O sorriso do gato de Alice redesenhando os sentidos da interação e da apropriação pós-letramento midiático. **Contemporanea**, Salvador, v. 10, p. 725-740, 2012.

COELHO, M. G. P. & LEMOS, D. D. (2013, Setembro). Relatos de experiências em redes digitais sobre o movimento #ForaMicarla: agenciamento, reflexividade e desdobramentos políticos em Natal/RN. In: **ANAIS DO ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. 37. 2013, Águas de Lindóia – SP.

COELHO, M. G. P.; LEMOS, D. D. Metáforas do rolezinho: preconceito e estranhamento nas representações em redes sobre o #ProtestodosPintas. In: **ANAIS DO ENCONTRO DA COMPÓS**. 23. 2014, Belém.

COSTA, Bruno. **Videografias de si**: registros do novo *ethos* da contemporaneidade. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DELARBRE, R. T. A Internet como Expressão e Extensão do Espaço Público. **Revista Matrizes**, v. 2, n. 2, 2009.

FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio e VALDETTARO, Sandra (orgs.) **Mediatización, Sociedad y Sentido** : Diálogos entre Brasil y Argentina, Colóquio Mediatización, Sociedad y Sentido, Rosario, Argentina, agosto de 2010, p. 2-15.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 21. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.

FRIGERI, Alexandre. **YouTube estrutura e ciberaudiência**: Um novo paradigma televisivo. 2011. 464 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FRASER, Nancy. **Rethinking the Public Sphere**: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: CALHOUN, Craig. *Habermas and the public sphere*. 2. ed. England: The MIT, 1993.

GENTILLI, Victor. Bobbio e os sentidos de “público”. **Observatório da Imprensa**.

Publicado em: 07 ago. 2002. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/spe070820021.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

GLOBO E OS PROTESTOS. **Canal Maspoxavida**, 21 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UiVDtWb7K48>>.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **A convergência dos campos: encontros e confrontos entre comunicação e política**. (*on-line*) Texto cedido pelo autor, 2013.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e media II. In: RUBIM, A.; BENTZ, I.; PINTO, M. (ed.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Unisinos, 1999, p. 203-231.

_____. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, Nº 27, 2005.

_____. Publicidade, visibilidade, discutibilidade: para uma revisão do conceito de esfera pública política. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 16. Anais... Curitiba, 2007. (GT Comunicação e Política).

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Direito e democracia**: entre factividade e validade. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIN, E. J. C. Aprendizagem e crítica na sociedade em midiaticização: análise da circulação de edição do programa Profissão Repórter. **Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 2, 2012.

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol.4, n.10, p.23 – 40. Jul, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

MALDONADO, Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MARQUES, A.; MAIA, R. A conversação sobre temas políticos em contextos comunicativos do cotidiano. **Revista Política & Sociedade**, Santa Catarina, v. 7, n. 12, 2008.

MARQUES, Ângela. A conversação informal na internet: aspectos afetivos e políticos. In: **ANAIS DO ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 18. Belo Horizonte, jun. 2009.

_____. A deliberação *on-line* como uma das dimensões políticas da comunicação mediada por computador: reflexões teórico-metodológicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, 2010.

MARQUES, Francisco Jamil. Da conversação pública em terrenos digitais: horizontes e provocações sobre a validade de uma esfera pública virtual. In: **ANAIS DO ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 12. Recife, 2003.

_____. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, 2006.

MATTEUCCI, Nicola. Opinião Pública. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MIZRUCHI, Mark S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **Revista de Administração de Empresas**, v.46, n. 3, jul/set, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAPACHARISSI, Z. The Virtual Sphere: the Internet as a Public Sphere. In: **New Media & Society**, Londres, v. 4, n. 1, p. 9-27, 2002.

_____. Democracy *online*: civility, politeness, and the democratic potential of *online* political discussion groups. In: **New Media & Society**, Londres, v. 6, n. 2, p. 259- 283, 2004.

PIMENTEL, Tiago; SILVEIRA, Sérgio. Estudo mostra que Passe Livre teve 62% de apoio nas redes sociais no dia 13/6. Disponível em: <
http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/06/mapeamento/> Acesso em: 10 jul. 2013.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. São Paulo: Artmed, 2011.

PEDROSO, Dafne; BONIN, Jiani. Metodologia no processo investigativo: a construção da arquitetura teórico-metodológica de uma pesquisa de recepção cinematográfica. **Interin** (Curitiba), v. 13, p. 1-18, 2012.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução a análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

RIBEIRO, Renato Janine. **A democracia**. 2. Ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

SENNET, Richard. **Juntos**: os rituais os prazeres e a política da cooperação. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. A natureza sociológica do conflito. In: Moraes Filho, Evaristo (org.). **Simmel**. São Paulo, Ática, 1983.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: Criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **38 estratégias para vencer qualquer debate**: a arte de ter razão. São Paulo: Faro Editorial, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WOODWARD, Kathryn. 5. Ed. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T., HALL, S. & WOODWARD, K. (Orgs.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois**: uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____, Dominique 1947. **Pensar a comunicação**. Brasília: Edunb, 2004.